

The Disney logo is positioned at the top center of the cover. It features the word "Disney" in its signature script font, with a small crown above the letter 'i'.

Disney

A

PEQUENA SEREIA

A HISTÓRIA
DO FILME

INCLUI
IMAGENS
DO FILME

UNIVERSO DOS LIVROS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Disney

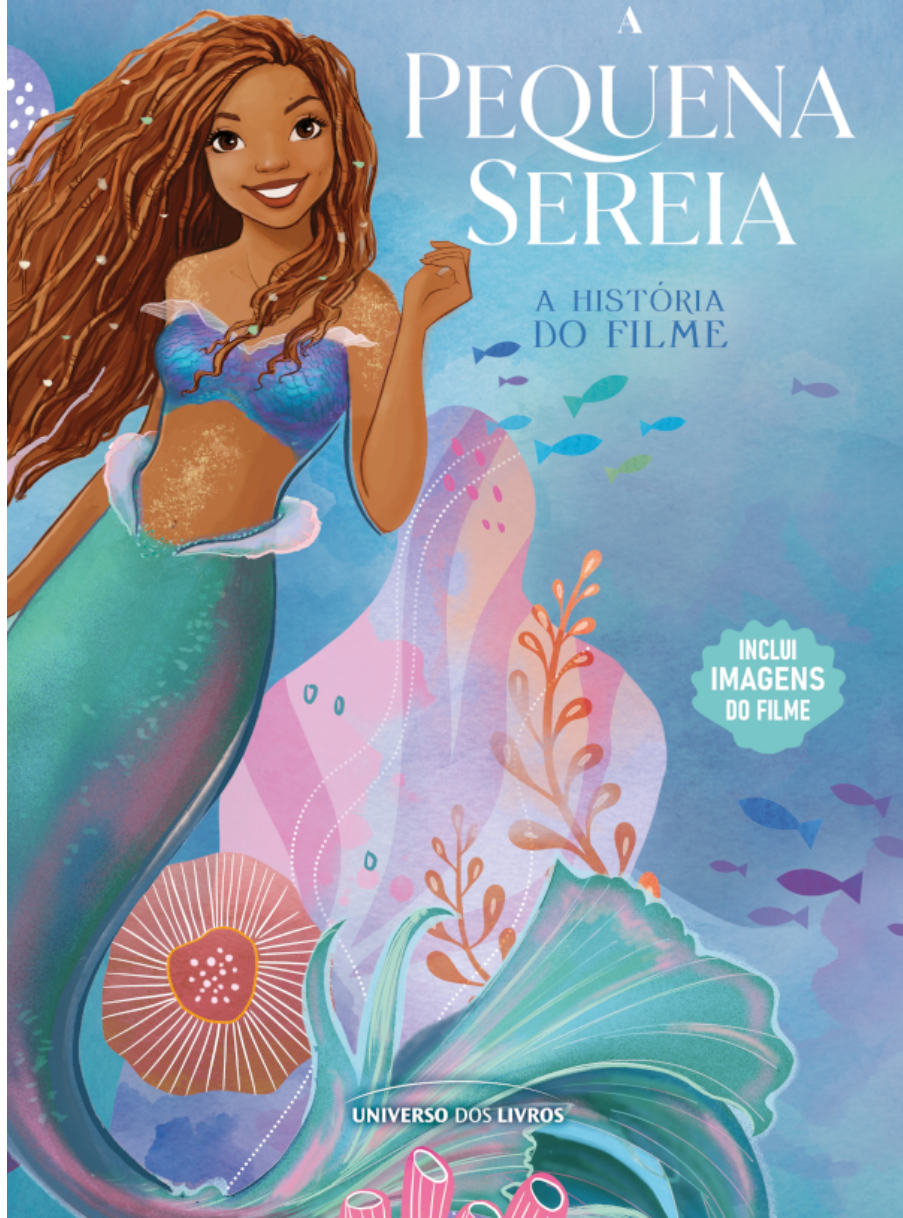
A

PEQUENA SEREIA

A HISTÓRIA
DO FILME

INCLUI
IMAGENS
DO FILME

UNIVERSO DOS LIVROS



Disney

A

PEQUENA SEREIA

A HISTÓRIA
DO FILME

Disney
A
PEQUENA
SEREIA

A HISTÓRIA
DO FILME

Adaptação: Faith Noelle
Roteiro: David Magee

Baseado no filme *A Pequena Sereia* da Disney

São Paulo
2023

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

The Little Mermaid - novelization

Copyright © 2023 by Disney Enterprises, Inc.

© 2023 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Tradução editorial

Nilce Xavier

Preparação editorial

Maurício B. F. F. F. F.

Revisão de textos editoriais

Adriana N. K. K.

Rafael C. A. A.

Arte

Renato Klisman

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

N691p

Noelle, Faith

A pequena sereia : a história do filme / Faith
Noelle ; tradução de Nilce Xavier.

— São Paulo : Universo dos Livros, 2023.

200 p : il.

e-ISBN 978-65-5609-335-2

Título original: *The Little Mermaid* -
novelization

1. Literatura infantojuvenil norte-americana

I. Título II. Xavier, Nilce

23-1160 CDD 028.5

Universo dos Livros Editora Ltda.
Avenida Ordem e Progresso, 157 — 8º andar — Conj. 803
CEP 01141-030 — Barra Funda — São Paulo/SP

Telefone: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br



Ao longo da costa rochosa de Paradise, onde o mar encontra a terra firme, dois governantes marcaram suas fronteiras na areia. Motivados por medos antigos, eles mantiveram seus reinos divididos, dois mundos separados pela rebentação das ondas... até que uma tempestade uniu seus filhos no litoral, homem e sereia, lado a lado... e o amor virou a maré.



Prólogo

O oceano é repleto de uma miríade de bestas selvagens e perigosas, mas nenhum monstro é mais ameaçador que o povo do mar. Pelo menos, é o que dizem. Assim que os marinheiros a bordo de um navio mercante avistam a sombra indefinida de uma criatura logo abaixo da superfície das águas, apenas uma pergunta ocupa o pensamento deles: *Será que é uma sereia?*

Diante da perspectiva de capturar uma criatura que ninguém jamais capturou, a empolgação toma conta do convés e a correria começa. Mulligan, um tripulante calejado pelos anos em alto-mar, lidera os demais marinheiros.

— Mais arpões! — ele grita. — Preparem as redes, homens!

Vários marinheiros amontoam-se na lateral do navio, na expectativa de vislumbrar a sereia. Uma lança farpada é disparada e, por pouco, não atinge a criatura.

Enquanto isso, Eric está encarapitado em um dos mastros, parecendo mais um marinheiro comum do que um príncipe. Ele sempre se sentiu mais em casa no mar do que em terra. Aqui, está livre dos julgamentos e das restrições da vida real. Perdido no próprio mundo, ele enrola as velas, preparando-as para a tormenta que se aproxima, ao mesmo tempo que a comoção aumenta lá embaixo.

— Pois eu digo que temos de matá-la quando a trouxermos a bordo! — grita Hawkins, um velho ajudante de convés. Os demais concordam, preparando armas e redes. Quem sabe o que uma sereia viva pode fazer?!

Eric interrompe o que faz ao ouvir o comentário de Hawkins seguido do barulho de uma arma sendo lançada na água. Olha para baixo no exato momento em que mais um arpão é disparado. A lança erra o alvo outra vez.

— Ah, essa daí é ligeira — diz Mulligan, apontando para os arpões. — Me dê mais um!

Horrorizado, Eric salta depressa do mastro e abre caminho em meio ao bando.

— Saiam! Dá licença! O que está fazendo? — Eric agarra o braço de Mulligan, impedindo por um triz que o marinheiro dispare outra arma.

— É uma sereia, Sir! — diz Mulligan, com a voz cheia de fervor. *Sério?* Eric resmunga internamente.

— Uma sereia? Olhe direito! — O príncipe aponta para a água bem no momento que a criatura irrompe majestosamente à superfície. É um golfinho. Ele dá um pequeno giro na água antes de nadar para longe. Todos os marinheiros ficam mudos.

— No que estavam pensando? — Eric cruza os braços, encarando desapontado sua tripulação.

É nítido que Mulligan ainda não decidiu se vai responder com insolência ou subserviência.

— Bem, essas águas são perigosas.

— E essa época é perigosa — acrescenta Hawkins. — Hoje é a Lua de Coral — diz, aproximando-se de Eric, que enrola as cordas dos arpões. O marujo fala baixinho: — Dizem que é quando o rei dos mares convoca todas as suas filhas sereias para seduzirem os homens e os levarem para os braços da morte.

— É isso o que dizem? — Eric pergunta, intrigado. Ele se lembra das histórias que a mãe lhe contava sobre o cruel e perigoso povo do mar. Mesmo quando criança, achava tudo aquilo tão improvável.

— Pois sim! — brada Hawkins, erguendo a voz de novo. — Com o canto da sereia tão lindo e cristalino, nem o mais forte dos homens é capaz de resistir aos seus encantos.

— Isso não passa de uma lenda antiga — diz Eric. *E uma bem boba*, pensa consigo, agarrando-se à murada quando uma rajada de vento balança o navio abruptamente. — Muito bem, de volta ao trabalho!

Os homens começam a se dispersar, mas Hawkins ainda não se deu por satisfeito. Ele segue Eric pelo navio, convencido de que qualquer oscilação é prova suficiente de um nefasto rei dos mares — para não falar das sereias. O próximo solavanco faz o marujo sair cambaleando.

— Viu isso? — Hawkins apela a Eric, enquanto tenta recuperar o equilíbrio.

— Uma rajada de vento de través nos acertou em cheio, só isso — justifica Eric, parando para ajudar um tripulante a amarrar algumas redes soltas.

— Se pudesse, o próprio rei dos mares nos arrastaria para o fundo do oceano — desdenha Hawkins.

Eric percebe que uma das velas atingidas pela lufada ficou enroscada no mastro de proa e começa a ir até ela, quando Hawkins segura seu braço.

— E sereias? Criaturas sem coração. Dizem que elas não têm lágrimas — enfatiza Hawkins, apontando o próprio olho.

— Bem — pondera Eric, desvencilhando-se de Hawkins —, então creio que elas devam sentir tudo com muito mais intensidade.

E, com isso, o príncipe afasta-se, deixando Hawkins ruminando os próprios pensamentos. Na verdade, Eric não sabe se acredita ou não em sereias ou em qualquer uma das criaturas do folclore marítimo.

Mas, se elas existem de fato, não imagina que sejam os seres horrendos que seus homens descrevem. E, embora as histórias de sua mãe sempre pintassem criaturas malvadas e sem coração, elas também mencionavam tradições, celebrações e famílias. No máximo, as sereias provavelmente eram incompreendidas. De todo modo, aquela não era a hora nem o lugar de desperdiçar recursos atirando em golfinhos. Estavam prestes a adentrar águas revoltas e precisavam estar preparados. Eric começa a escalar o estreito mastro de proa para desenroscar a corda da vela e quase perde o equilíbrio quando a embarcação dá mais um solavanco, mas consegue se reequilibrar.

— Eric! O que está fazendo aí? Desça aqui agora mesmo!

Olhando para baixo, Eric sorri ao ver Sir Grimsby, primeiro-ministro e seu mentor. Ele está com a feição meio esverdeada, mas a expressão de preocupação mesclada com impaciência é uma que o príncipe conhece muito bem.

— Você precisa parar de se preocupar tanto comigo, Grimsby — responde Eric.

O primeiro-ministro reage com desconfiança ao tom descontraído do príncipe.

— Pode me chamar de egoísta, mas não quero contar à rainha que o filho dela caiu do barco quando estava sob minha supervisão, ainda mais no dia do seu aniversário.

Algo ao longe chama a atenção de Eric, e ele é tomado por uma onda de animação antes que possa responder.

— Ei! Parece que há um navio lá, indo em direção ao continente. Podíamos segui-lo até o porto e ver que mercadorias eles têm para negociar.

O príncipe pula de volta ao convés, vai até Grimsby, pega uma luneta do bolso do mentor e a ergue.

— O navio está abarrotado! — Grimsby refuta. — Já arriscamos nosso pescoço aqui por sete semanas. Vamos para casa. Hoje!

Eric, no entanto, não dá ouvidos a Grimsby. Já está antecipando todas as maravilhas para se ver e explorar por lá. Um mundo inteiro. Sete semanas podiam bastar para Grimsby, mas, para Eric, não havia tempo que bastasse no mar. O príncipe se debruça sobre a murada para conseguir ver melhor. O primeiro-ministro, indiferente, toma a luneta de suas mãos.

— Eric, por favor! Preste atenção! — ele o repreende. — Preciso que você seja mais cuidadoso... *Ohhh!*

O navio chacoalha quando uma onda pesada se choca contra ele. Grimsby se desequilibra, a luneta escorrega de sua mão e cai no mar, afundando até sumir de vista. Eric suspira, esperando que as sereias façam bom proveito do objeto.

Capítulo um

Nada é tão magnífico quanto o mundo que existe no fundo do mar. À primeira vista, uma calmaria hipnotizante permeia a imensidão sem fim. Plantas coloridas oscilam delicadamente, dançando entre as grandes formações rochosas que se elevam do arenoso leito marítimo. E, escondido dos olhares humanos, um majestoso palácio de coral jaz perfeitamente no centro de um exuberante jardim em tons de azuis e rosa.

Mas, é claro, a verdadeira beleza do mar é sua vida transbordante. De seu trono, o Rei Tritão consegue ver bandos de tartarugas flutuando enquanto os golfinhos brincam uns com os outros, dançando e soltando trinados. Cardumes de peixes zarpam apressados, tentando manter-se unidos. E, ao seu redor, a música e as conversas animadas ecoam conforme o povo do mar se apressa com os preparativos para hoje à noite.

Para o início das celebrações da Lua de Coral.

É a época favorita do ano para o rei. Quando todo o povo do mar, de perto e de longe, reúne-se para celebrar as bênçãos da lua, agradecendo a boa sorte e a abundância. Acima de tudo, é uma das poucas ocasiões em que Tritão tem a chance de ver todas as filhas juntas. Há sempre muito trabalho a ser feito, recompensado com muita alegria, contanto que tudo se mantenha nos trilhos.

Tritão leva uma grande concha aos lábios e sopra. O som trombeteante ecoa pelas águas. As filhas do rei sabem o que isso significa e, em pouco tempo, estão com o pai na sala do trono. A estatura do Rei Tritão sugere grande força e poder, mas também há uma leveza que o envolve. Sua família está reunida, em segurança, pronta para começar um novo ano. Tritão senta-se no trono natural esculpido em rocha no centro do salão enquanto as filhas acomodam-se nas beiradas dos corais ao redor dele.

— Minhas filhas dos Sete Mares — ele começa, sorrindo orgulhoso —, meu coração se enche de alegria por tê-las todas aqui.

O rei, então, dirige-se a cada uma delas individualmente:

— Tamika, Perla, é tão bom ver vocês. Caspia, Indira, eu dou boas-vindas às boas novas de suas águas. Mala, Karina... — Uma lacuna visível lhe chama a atenção e ele faz uma pausa. — Cadê Ariel?

As irmãs entreolham-se em um silêncio desconfortável; nenhuma delas jamais foi bem-sucedida em ficar de olho na caçula. Tritão

começa a massagear as têmporas, sentindo a frustração aumentar com o silêncio das filhas. Tudo o que ele queria era começar tranquilamente essa celebração tão importante ao lado de *todas as suas sete* filhas. Será que era pedir demais?

Na maior parte do tempo, reinar os Sete Mares era uma tarefa fácil em comparação a ficar de olho em Ariel. Seu espírito aventureiro nunca a deixava quieta por muito tempo. O monarca engole em seco ao pensar no quanto ela é parecida com a mãe e, então, chacoalha a cabeça, concentrando-se no problema em questão.

De canto de olho, percebe um movimento repentino e vê Sebastião, o caranguejo que é seu braço direito, tentando sair de fininho. Franzindo o cenho, Tritão alcança Sebastião e, com apenas um dedo, imobiliza-o.

— Sebastião! — O caranguejo estremece quando o rei o interpela de ventas inchadas. — Você era o responsável por garantir que Ariel estivesse aqui!

— Oh, eu tentei, Vossa Majestade, mas aquela menina é impossível! Eu a relembrei da reunião hoje de manhã. O que mais um crustáceo pode fazer?

— Pode encontrá-la! Sim? — Tritão libera o caranguejo.

— Sim, Vossa Majestade! Agora mesmo! — Sebastião dispara o mais rápido que suas perninhas de caranguejo lhe permitem.

Tritão o observa antes de massagear a ponta do nariz. É a cara de sua filha mais nova perder um evento importante porque está explorando os mares ou atrás de qualquer outra bobagem. Por que ela não pode ser um pouco menos... curiosa? Não, não é isso que ele quer. Embora fique frustrado com o comportamento dela, existe certa familiaridade que o apazigua, mesmo nas manias mais irritantes de Ariel. Tal pensamento lentamente derrete a raiva de Tritão, deixando-o perdido em pensamentos.

Enquanto isso, Sebastião resmunga consigo mesmo ao sair da sala do trono.

— Como pode ser tão difícil achar uma sereia? — E, em se tratando de Ariel, ele sempre se faz a mesma pergunta. Com sorte, terá de procurar em apenas *um* oceano. O caranguejo suspira profundamente. — Onde você está, menina?



Ariel nada despreocupada, atenta a quaisquer tesouros que possam estar escondidos entre as rochas e os recifes de corais. Esta manhã, acordou com fogo na cauda para sair explorando novas paragens. Afinal, já faz alguns dias desde que encontrou algo novo para

acrescentar à sua coleção. Está um pouco mais distante do palácio do que sabe que deveria estar, mas os melhores artefatos só são encontrados onde ficam os destroços dos naufrágios humanos.

Algo brilhando nas reentrâncias de uma rocha chama a atenção de Ariel, que pega o tesouro brilhante e desconhecido.

— Nunca vi um desses antes — ela murmura para si ao examinar o objeto cilíndrico que tem uma das extremidades mais larga do que a outra. Abrindo um sorriso fascinado, de orelha a orelha, Ariel ergue a parte mais larga, olha através dela e vê seu amigo Linguado do outro lado. O tímido peixinho, que parece impossivelmente pequeno, nada em direção a ela.

— Nós não deveríamos estar tão longe do palácio, Ariel — comenta Linguado.

— Oh! — A sereia se assusta com a proximidade da voz dele e fica ainda mais surpresa ao baixar o objeto e notar que Linguado está muito mais perto do que parecia estar.

— Vamos voltar — implora Linguado.

Mas o estranho artefato tem toda a atenção de Ariel. *Como será que funciona?* Ela o vira de um lado a outro, percebendo que, a depender do ângulo, as coisas parecem maiores ou menores. Os humanos criam objetos tão interessantes. É impossível não ficar intrigado.

— Vamos, Ariel. Por favor!

— Oh, Linguado, não seja tão frouxo.

— Eu não sou frouxo. — Ele é incapaz de esconder o biquinho.

Divertindo-se, Ariel o encara com desconfiança, mas não o contradiz. Ela nada por cima de um pequeno monte e ergue o objeto mais uma vez, agora olhando através da extremidade menor. Com um arrepio de empolgação, percebe que tudo que está distante de repente parece estar muito mais perto. Ah, isso *sim* é útil.

— Acho que já fomos longe demais — insiste Linguado, mas Ariel vislumbra um afloramento de rochas entulhado com os destroços de cascos e mastros apodrecidos de navios naufragados.

— Espere, o que é aquilo? — Para o pesar de seu pai, a pequena sereia já perdeu a conta de quantas vezes explorou este cemitério de naufrágios, mas tem certeza de que nunca viu esses escombros antes. Ela sente um frio na barriga. Um novo naufrágio significa que há novos tesouros a explorar. — Venha! — ela chama Linguado, baixando o objeto, que se retrai e fica menor, e o enfia na bolsinha que leva atravessada no ombro. Em puro deleite, Ariel nada depressa.

Sobressaltado, Linguado entra em pânico ao ver a amiga disparar rumo à gigante maçaroca de navios caindo aos pedaços. Consegue sentir de longe a energia ameaçadora das ruínas e não quer, de jeito nenhum, chegar perto dali, mas quer menos ainda ficar para trás.

— Ariel, me espere. Você sabe que não posso nadar rápido.

Quando singrava a superfície das águas, a embarcação naufragada provavelmente transportava dezenas, talvez até centenas de humanos. Apesar de estar cercado de cacos de vidro, lascas e estilhaços de vigas de madeira, o navio em si está quase intacto, exceto pelo buraco bem no meio do casco, que mais parece uma bocarra — o convite perfeito! Ariel espia lá dentro. Há destroços por todos os lados e, decerto, muitos tesouros peculiares só esperando para serem descobertos.

— Olhe só para tudo isso! — ela diz, encantada. — Eles devem ter usado este navio para batalhas ou algo do tipo.

Linguado finalmente a alcança, ofegante.

— É, claro! É lindo, mas vamos embora daqui.

— Você não vai querer recuar agora, vai? — Ariel sorri, contendo-se para não dar risada, antes de nadar navio adentro.

— Quem, eu? Eu não.

— Está bem. Então você pode ficar aqui e vigiar os tubarões. — Ela lhe dá uma piscadinha antes de nadar para fora de vista.

— *O quê?* Ariel... espere!

Linguado berra e sai nadando para dentro do navio. O peixinho olha ao redor, apreensivo, conforme uma sombra passa sobre o casco do navio.

Ariel passa pela prancha de embarque, ignorando os gemidos de protesto de Linguado. A sereia repara que uma porta quase completamente solta das dobradiças forma uma entrada perfeita e segue em frente. Linguado a alcança mais uma vez, olhando para todos os cantos, nervoso.

— Você acha mesmo que pode haver tubarões por aqui?

— Oh, Linguado. — Ariel dá risada. Seu amiguinho às vezes é um tanto quanto medroso, mas isso raramente o impede de se juntar a ela nas mais diversas aventuras, o que a deixa feliz. Ariel adora explorar novidades com ele.

A maior parte dos objetos lá dentro está quebrada e espalhada pelo chão. Ariel começa a revirá-los, na esperança de encontrar algo intacto que possa acrescentar à sua coleção. A sereia perde o fôlego ao avistar um pequeno objeto brilhante numa pilha de quinquilharias sobre uma mesa.

— Olhe só! — Ela o mostra a Linguado. O pequeno objeto, pouco maior que sua mão, é prateado e tem três dentes pontiagudos. — É o menor tridente que eu já vi!

— Uau! — Linguado olha mais de perto, também maravilhado. Ele pode ser um peixinho medroso, mas é tão fascinado por esses tesouros humanos quanto Ariel.

A pequena sereia graceja, apontando o minúsculo tridente para o amigo:

— Eu sou o Rei Linguado — imita-o com uma voz grave e

imponente. — Senhor dos Sete Mares!

Linguado dá risada e indaga:

— Por que será que os humanos precisam de um tridente tão pequeno?

— Aposto que Sabidão vai saber. Ele sabe de tudo — diz Ariel, jogando o pequeno tridente em sua bolsa. E, então, distrai-se ao notar um grande lençol cobrindo alguma coisa. Ela o puxa e dá de cara com a própria imagem. Já viu um espelho antes, mas nunca um tão grande. Linguado dá um grito assustado ao se ver.

Ariel não consegue conter o riso.

— Quer se acalmar? É só o seu reflexo. Fique tranquilo. Não vai acontecer nada...

Mas, quando ela olha para o espelho de novo, uma terceira figura aparece, cujo reflexo vai ficando cada vez maior.

Um tubarão.

Capítulo dois

Ariel se vira bem a tempo de ver o tubarão, que está quase na janela, atrás de Linguado.

— Linguado! Cuidado!

Ele se vira no mesmo instante em que o tubarão atravessa a janela, abocanhando ferozmente. Ariel escapa por pouco. O tubarão tenta morder sua cauda e, ao girar para evitar o ataque, ela acaba derrubando sua bolsa. Só de pensar em perder seu tesouro, uma onda de pânico toma conta de seu peito, mas recobra o foco rapidamente diante dos dentes raivosos do tubarão. Ariel e Linguado disparam em direção à prancha de embarque, nadando o mais rápido que conseguem. Ela sente o coração martelar. Ser devorada definitivamente *não* fazia parte dos planos para hoje.

Ariel faz uma pausa assim que eles chegam à outra extremidade do navio. O silêncio sinistro a deixa tensa, e ela percebe que não ouve mais o tubarão.

— Ariel... — Linguado sussurra.

A sereia olha ao redor, hesitante. Será que ele foi embora?

Crash! O tubarão aparece atrás dele de repente, estourando o casco do navio. Está tão perto que Ariel consegue sentir o bafo quente em sua cauda. Com o impulso, a criatura acaba se descontrolando e colidindo com o chão. Ariel e Linguado aproveitam para fugir imediatamente, mas o tubarão não demora para voltar a caçá-los, arrebatando as ripas do piso com suas barbatanas ao persegui-los. Os dois mergulham por outro buraco do navio, mas o tubarão simplesmente estilhaça a parede lateral, jogando pedaços de madeira para todos os lados. Ariel nada mais depressa. Linguado e ela precisam continuar se afastando do tubarão e...

A sereia paralisa ao se dar conta de que não vê mais Linguado. Ela o procura freneticamente. *Oh, Linguado, cadê você?* Finalmente avista seu esconderijo — ao mesmo tempo que o tubarão.

— Linguado! — ela grita. Precisa fazer alguma coisa, e rápido. Por um buraco na parede, vislumbra parte de seu reflexo no espelho que descobriram pouco antes. E tem uma ideia.

Não é incomum que as ideias de Ariel sejam resultado de pouco planejamento e pensamento rápido. Ela não hesita. Empurra um barril solto em cima do tubarão. A criatura olha para cima, cravando os olhos na sereia, arreganhando a boca e mostrando os dentes perigosos

num quase sorriso antes de disparar na direção dela como um foguete. Ariel passa pelo buraco, nadando de volta para o compartimento onde estava antes.

Segundos depois, o tubarão irrompe no cômodo, nadando em frente. Ariel pode ver que ele está pronto para devorá-la. Para sua sorte, entretanto, ele não vê que está nadando na direção do reflexo de Ariel. O tubarão atravessa o espelho com tudo e seu corpo fica emperrado na pesada moldura redonda.

Ariel: um; tubarão: zero.

Linguado imediatamente nada na direção da Ariel de verdade.

Por um momento, os dois observam o tubarão debatendo-se em vão, tentando escapar. Ariel então olha para baixo e vê sua bolsa de tesouros exatamente onde a tinha deixado cair e sente um grande alívio. *Não posso ir embora sem ela*, pensa. A sereia pega a bolsa, coloca Linguado dentro dela e nada desembestada para fora do navio.

O tubarão pode estar atravancado, mas ela não desacelera até alcançar a plataforma continental, já perto da superfície da água. Os raios de sol atravessam as águas, iluminando o espaço de um jeito que faz tudo parecer mais seguro, mais aberto. Não há tubarões se escondendo aqui. Ariel deixa Linguado sair de sua bolsinha e fica preocupada ao ver o amigo completamente trêmulo.

— Você está bem? — ela pergunta. Não consegue evitar um leve sentimento de culpa por seu melhor amigo quase ter sido comido.

Linguado tenta bancar o valente e diz que sim.

— Claro. Quero dizer, já vi tubarões maiores... — Ele se estufa fazendo bravata. — Tipo, você sabe como é... não pode recuar. Tem que mostrar quem é que mand... *ahh!*

Ele dispara em busca de abrigo quando uma gaivota mergulha de repente, passando pelos dois. Ariel balança a cabeça. Algumas coisas nunca mudam.

— Volte aqui, Linguado. É só Sabidão.

Eles veem o amigo Sabidão, uma excêntrica gaivota, pegar um pequeno peixe e emergir. O pássaro mergulha novamente para cumprimentá-los e nada até um banco de areia com os dois.

— Ariel! Como vai, garoto? Não liga, não, só estava fazendo um lanchinho.

A pequena sereia mostra sua bolsa a Sabidão.

— Veja o que achamos!

— É, lá no navio naufragado — explica Linguado, fazendo uma careta e estremecendo. — E foi de arrepiar.

— Coisas de humanos, não é?! — Sabidão dá um pulinho para a frente, curvando o bico em um sorriso. Ele é o único cujo nível de empolgação se iguala ao de Ariel quando se trata de artefatos que vêm de cima da superfície. — Ah, eu também quero ver.

— Alguma ideia do que pode ser isto? — Ariel mostra o pequeno tridente a Sabidão.

A gaivota o examina atentamente. Na verdade, ele não tem a menor ideia do que é, mas o lema de Sabidão sempre foi: *Na dúvida, invente.*

— Puxa, sim — ele diz, confirmando com um ar sábio. — Isso é especial, uma coisa muito rara.

Ariel se inclina para a frente, ansiosa:

— O que é? O que é isso? — Dezenas de ideias passam por sua mente. Será uma arma de brinquedo para brincar de lutinha? Será usado em decorações? Talvez seja utilizado para ajudá-los a abrir caixas.

Sabidão pigarreia e dá um aceno de cabeça, cheio de confiança.

— É uma... bruguzumba!

— Uma bruguzumba — Ariel repete, maravilhada. *Sabidão sabe tantas coisas incríveis.*

— Sim — prossegue Sabidão. — Os humanos usam essa maravilha para endireitar o cabelo. Vê? Dá uma enroladinha aqui, mais uma voltinha ali e você dá uma caprichada arrumação estética nos cabelos que os humanos ficam maluquinhos.

Em deleite, Ariel usa a bruguzumba para enrolar um cacho de seus cabelos.

— Ah, eu adoraria ver isso.

— Mas não pode! — diz Linguado, a voz borbulhante da razão.

— Linguado! — Ariel o repreende.

— Você sabe que é verdade.

Sabidão acena, compreensivo.

— Seu pai ainda não permite que você suba à superfície, né?

— Não. É proibido. Ele acha que todos os humanos são bárbaros.

Ariel não entende por que o pai é tão teimoso quando se trata dos humanos. Considerando tudo o que já encontrou nos naufrágios, eles parecem ser tão meticulosos e criativos. Sem dúvida, poderiam aprender tanto com os humanos se ao menos seu pai estivesse aberto à possibilidade.

Suspirando, Ariel retira a bruguzumba do cabelo e a guarda de volta em sua bolsa.

— Oh, eles não são tão ruins assim — diz Sabidão antes de fazer uma pausa, reflexivo. — Quer dizer, a menos que você seja um coco. Eles odeiam cocos. Eu juro, se pegam um, eles o arreventam em pedaços, bem assim. — Sabidão bate a própria cabeça na pedra para enfatizar o que diz. — É estranho.

Ariel retira da bolsa outro objeto interessante que conseguiu surrupiar. É um instrumento engraçado, mais ou menos do tamanho de sua palma. É longo e fino em uma ponta e, então, recurva-se e fica mais largo, formando uma espécie de cumbuquinha na outra ponta.

Ela o gira em sua mão antes de entregá-lo a Sabidão.

— E o que é isso?

Sabidão abre o bico para fornecer uma elaborada explicação quando uma voz ressoa atrás deles, assustando os três.

— ARIEL!

Sobressaltada, Ariel deixa o objeto cair. Ela olha para baixo bem a tempo de vê-lo caindo na cabeça de Sebastião, o mordomo de seu pai.

— Ari... AIII!

Oops! Ariel coloca a mão na frente dos lábios para disfarçar a risada.

— Foi mal!

A reprovação é nítida no semblante de Sebastião.

— Ariel! O que está fazendo aqui em cima? Desperdiçando seu tempo com esse pássaro que não sabe nem a diferença entre nadar e voar?

— Ei! — grasna Sabidão.

Mas Sebastião o ignora.

— E suponho que tenha esquecido completamente que hoje à noite temos a Lua de Coral.

— Oh, não! — Ariel arregala os olhos, sem entender como pôde ter esquecido.

— Oh, sim! A reunião das filhas do Rei Tritão, *menos uma!* — diz, apontando uma pinça acusadora para a sereia.

— Meu pai vai me matar! — Ariel já chegou atrasada a vários outros encontros, mas nunca em um tão importante quanto o da celebração da Lua de Coral. Seu pai vai ficar furioso. Ou pior, vai encará-la com aquele olhar de decepção que sempre a faz se sentir menor que um plâncton. — Desculpe, Sabidão, eu tenho que ir!

Sabidão lhe assegura que está tudo bem antes de voltar à superfície. Ariel sai nadando depressa, com Linguado e Sebastião atrás de si. Nenhum deles percebeu que estavam sendo observados.



Nas profundezas de um recôndito escuro do oceano, onde a vida e o esplendor do reino de Tritão não alcançam, Úrsula aguarda. Suas enguias de estimação, Pedro e Juca, seguem Ariel conforme a sereia se apressa de volta ao palácio. A bruxa do mar se recosta, assistindo a tudo em uma enorme pérola negra que flutua no centro de seu covil.

Úrsula sorri, amargurada:

— É, corra para casa, princesa. Nós não queremos perder a festinha do papai, não é verdade? Talvez eu até apareça por lá... Oh, espere! — Ela finge procurar um convite inexistente. — Que pena... Parece que eles se esqueceram de convidar Úrsula *de novo!*

Ela tem o ímpeto de quebrar alguma coisa, mas se conforma em

alcançar uma gaiola com um de seus tentáculos similares ao de um polvo e pegar um camarão ainda vivo. Úrsula solta um guincho de raiva.

— Deveria ser eu a dar festas! E não a esperar meu convite. — Ela enfia o camarão na boca e cospe a casca. A raiva é tanta que mal consegue sentir o gosto.

Olhe para mim, pensa Úrsula. Jogada fora como quem não vale nada. E para quê? Há quinze longos anos, ela vive no exílio, banida e condenada ao tédio infinito e à penumbra dessa pequena gruta submarina.

Às vezes, quando olha ao redor de si, é tomada por uma onda de tristeza. É muito frio nesta parte do mar. E ainda mais solitário. Ela tem suas enguias, é claro. Pedro e Juca são seu orgulho e sua alegria, mas Úrsula não foi feita para ser uma criatura tão sozinha. Quando era jovem, todos a viam como a alma da festa. Alguns diziam que era escandalosa e dramática, mas todos reconheciam que ninguém sabia entreter como ela. E, agora, ali está ela, resmungando consigo mesma.

— Tudo enquanto papai e suas sereiazinhas mimadas celebram a Lua de Coral!

A tristeza é rapidamente substituída pela fúria. Não é justo!

Respire fundo, Úrsula, ela lembra a si mesma. Agora não é hora de ficar se remoendo em autopiedade. Se tem uma coisa que é verdade a respeito de Úrsula é que ela nunca foi de ficar por baixo por muito tempo. Passou a última década e meia conjurando sua própria magia.

Se essas sereias querem algo para celebrar, então Úrsula lhes dará o que festejar. A bruxa do mar gira nos dedos a concha de náutilo que leva no pescoço e inclina-se em direção à pérola negra, observando Ariel nas profundezas escuras.

— Acho que encontrei o ponto fraco do papai, afinal.

A fascinação de Ariel pelo mundo dos humanos pode ser a brecha que Úrsula esperava. Um sorriso maldoso se espalha em seu rosto à medida que ela começa a formular um plano.

Capítulo três

Ao contrário do que ele tem certeza que sua caçula acredita, Tritão não gosta de gritar com as filhas. Quando Sebastião retorna à sala do trono com uma Ariel e um Linguado para lá de encabulados em seu encaço, o rei dos mares sente o sangue ferver nas veias e tenta se manter calmo, porém sem muito sucesso. Observa Ariel olhar ao redor, como se tivesse a esperança de que uma das irmãs apareceria por trás dos corais e lhe diria que ela chegara bem na hora. No entanto, não há mais ninguém ali, porque ela está atrasada. *De novo.*

Assim que Ariel abre a boca para começar a falar, Tritão ergue a mão, interrompendo-a.

— Você tem noção do quanto é irresponsável? Suas irmãs só estarão por aqui durante uma fase da Lua de Coral. Consegue imaginar qualquer uma delas perdendo a reunião?

Ariel olha para baixo, encarando as próprias barbatanas e balança a cabeça.

— Não. Você tem razão. Eu sinto muito.

Linguado se adianta:

— Não foi culpa de Ariel. Nós estávamos... estávamos explorando e, então, apareceu um tubarão e começou a nos perseguir e...

— Tubarão! — exclama Tritão. Não há tubarões nas proximidades do palácio, o que só pode significar uma coisa: — Você foi aos naufrágios novamente. Aquelas águas são perigosas!

— Não precisa se preocupar comigo. — Ariel cruza os braços, impertinente.

Chega a ser quase engraçado como os filhos jamais parecem entender a impossibilidade de tal pedido. Tritão alcança o braço da filha e dá um apertãozinho de leve, numa tentativa de gesto reconfortante.

— É claro que eu me preocupo, Ariel. Essa sua obsessão com os humanos tem que parar.

— Eu só quero saber mais sobre eles. — Ela suspira.

— Você já sabe tudo o que precisa saber sobre eles.

A pequena sereia encara o pai com indiferença.

— Não sei quase nada. Você nem nos permite nadar até a superfície.

De novo, não. Tritão massageia as têmporas, sentindo a dor de cabeça retornar.

— Por que você tem de ser tão teimosa? É igualzinha à sua mãe.

— Eu *sou* filha dela.

— E como — resmunga o rei, em concordância. — Tola o bastante para se deixar levar pelo mundo dos humanos.

— Se ao menos você tentasse entender...

— Eu tentei — ele delibera, seu tom deixando óbvio que não estavam abertos à discussão. A essa altura, sua paciência estava por um fio. Tudo o que queria era proteger a filha, depois de não ter conseguido proteger...

Tritão está farto desta conversa.

— Já tentei entender você o bastante. Mas, enquanto viver nos meus mares, obedecerá às minhas ordens. — Ele ergue a voz, falando com uma potência que espanta tanto Ariel quanto a si mesmo. — Está bem *claro*?

Ariel se encolhe. O movimento é minúsculo, mas causa imensa dor a Tritão. Ele odeia ver a mágoa evidente no rosto da filha, mas precisa se manter firme. Precisa se impor. Os dois se encaram por um segundo antes de Ariel sair nadando sem dizer mais nenhuma palavra. Linguado hesita por um instante antes de segui-la.

O rei solta um suspiro. Sebastião se aproxima dele.

— Adolescentes... A gente dá um dedo, querem o braço todo.

Tritão encara por mais um momento o lugar onde a filha estava antes de se dirigir a Sebastião:

— Você acha que eu fui severo demais com ela?

Odiava quando o pai gritava com ele, mas agora se pergunta se ele causava aos pais metade da preocupação que Ariel lhe causa.

— Mas é claro que não! — Sebastião lhe assegura. — É como eu sempre digo, os jovens devem viver de acordo com as regras de seus pais.

— Você tem toda razão. Minha Ariel precisa de supervisão constante.

— Constante. — Sebastião sobe no ombro de Tritão e balança a cabeça em concordância.

— Alguém precisa ficar de olho nela.

— O tempo todo, dia e noite. — O caranguejo continua a concordar.

— E você é o caranguejo perfeito para fazer isso. — Sorri Tritão.

— E eu sou o caranguejo perfeito para... espere, o quê? — Sebastião tenta se desviar do olhar sugestivo do rei. — Não, não, eu estou aqui a vosso serviço, Majestade, como seu honrado mordomo.

— Não há melhor maneira de você me servir do que se certificar de que minha filha mais nova não se meta em encrencas. — Tritão já está imaginando todas as horas extras que ganhará em seu dia por não passar tanto tempo se preocupando. É um plano perfeito.

— Mas eu... — Sebastião recomeça a protestar.

— Anda! Anda! — O rei Tritão despacha o caranguejo. Nada melhor

que começar agora.

Sebastião abaixa a cabeça, resignado.

— Sim, Vossa Majestade.

O caranguejo marcha para fora da sala do trono, resmungando algo sobre ser um crustáceo altamente qualificado, e não babá de adolescentes rebeldes.

Tritão sabe que Sebastião não está nem um pouco entusiasmado com sua nova tarefa, mas ele realmente precisa de ajuda. Suspira ao sentir uma saudade avassaladora. Sente falta da esposa. Como conseguirá criar uma jovem tão teimosa e difícil de entender quanto Ariel sem ela?



Ariel mal olha para a frente ao fugir da sala do trono. Seu corpo nada no automático, conduzindo-a ao local que se tornara seu refúgio sempre que se sentia angustiada: sua gruta submarina.

Descobriu-a por acaso, quando precisava de um lugar para se esconder após uma discussão similar com o pai. Desde então, tornou-se seu esconderijo secreto, repleto dos tesouros que colecionava. Ao seu redor, há utensílios de cobre, esculturas de marfim, livros, pinturas e garrafas de todos os formatos e tamanhos. Estar cercada por tantas maravilhas humanas normalmente fazia Ariel sorrir, mas, agora, ali está ela, sentada no meio de sua coleção, de cabeça baixa, sentindo-se terrivelmente desolada.

Preocupado, Linguado chega bem juntinho da amiga:

— Ariel, está tudo bem?

— Ele nem sequer me escutou! — Ariel se ajeita e deixa escapar um suspiro de frustração. — Não sou como ele. Não vejo as coisas do jeito que ele vê. — O pai acha que ela é teimosa, mas Ariel só quer que ele a *escute*. — Não entendo como um mundo que faz coisas tão maravilhosas possa ser tão mau.

A criatividade e a engenhosidade dos humanos fascinam Ariel. Os tesouros que descobriu vão além de tudo o que ela poderia ter sequer imaginado, e tem certeza de que tem muito mais por lá.

Ela pega uma pequena estátua de metal de um animal desconhecido. Girando-a delicadamente entre os dedos, contempla a superfície brilhante do objeto. O reflexo de uma garota muito, muito triste a encara de volta.

Sempre sonhou em ver o mundo que há além das águas. Pode ser tolice. Reconhece o quanto já tem bem ali. É filha do poderoso rei dos mares e sabe que o pai a ama. Isso deveria ser o bastante, mas, mesmo assim...

Ao nadar pela gruta, suas mãos passam gentilmente por diversos

objetos que recolheu. Ariel fecha os olhos e se imagina correndo pelas praias, sentindo a areia sob os pés. Quer saber como é ficar de pé e sentir o sol beijar-lhe a face. Quer escapar das garras do oceano, desfrutar de uma liberdade que nunca sentira ali embaixo. Quer se sentir conectada ao grande mundo que sua mãe sempre soube que havia lá fora.

Através da abertura da gruta, Ariel consegue vislumbrar a superfície no ponto onde o luar se infiltra na água. A princesa flutua para cima, esticando o braço como se pudesse chegar perto o bastante para tocar. Existe um mundo inteiro lá fora, do qual ela se sente tão próxima e tão distante ao mesmo tempo.

Um anseio insuportável toma conta de seu coração. À medida que se aproxima da abertura da gruta, uma explosão repentina de cores brilha no céu noturno. O que está acontecendo lá em cima? A curiosidade queima cada escama de seu corpo. O pai pode não entender, mas ela *precisa* se libertar. Ariel não se permite pensar duas vezes. Nada depressa em direção à abertura da gruta.

— Ariel, não! — chama Linguado. Mas nada é capaz de impedi-la agora.

Pela primeira vez na vida, Ariel sobe à superfície.

Capítulo quatro

É tão colorido! É o primeiro pensamento que passa pela cabeça de Ariel ao contemplar a vida acima do mar. O céu está iluminado com explosivos que espalham um arco-íris de cores. Ela se encolhe quando as fagulhas caem na água ao seu redor, mas em nada diminuem o sorriso que toma conta de seu rosto. Nunca viu nada assim. É tal criatividade que ela continua tentando fazer o pai entender. Os humanos fizeram o céu noturno ganhar vida!

A exibição ocorre majoritariamente acima de uma enorme embarcação, lindamente decorada com reluzentes lanternas. A lua de coral avermelhada lá no céu ilumina tudo.

Música e vozes humanas chegam até Ariel. Intrigada, a sereia nada em direção a elas, espreitando ao redor de um pequeno bote salva-vidas pendurado do lado de fora do navio. Não consegue ver muito mais que algumas pernas e alguns sapatos dançando, mas pode ouvir as pessoas cantando e celebrando.

Ariel sorri. A alegria deles é contagiante. Certificando-se de se manter fora de vista, ela muda de posição para observar melhor os suspiros e as conversas que têm diante de si.



Um fato é indiscutivelmente verdadeiro: mesmo no meio do oceano, marinheiros sabem festejar como ninguém. A festa de arromba desta noite é para comemorar o aniversário do príncipe Eric.

Os homens dão vivas ao soltarem os fogos de artifício no céu. Os marinheiros servem comidas e bebidas enquanto alguém toca uma rabeca. Eric está no meio do convés, fazendo carinho em seu pastor-inglês, Max, e sorri para os homens ao redor, ao juntar-se à cantoria.

O príncipe se permite cair na folia, cantando a plenos pulmões uma velha canção de marinheiro e dançando com a tripulação. Ele acha revigorante a energia de desfrutar de um momento tão despreocupado. Por um instante, é capaz de imaginar que não é nada além de um marinheiro comum, que não carrega o fardo das “devidas” responsabilidades. Mas, ai dele, Grimsby não permite que sua diversão se prolongue.

— Obrigado, senhores, obrigado. — Grimsby passa a mão pelo braço de Eric e o conduz para longe dos demais.

— Ora, Grimsby. Por que não posso me divertir um pouco? Todo mundo está festejando. — Grimsby é um bom homem, mas, olha, às vezes, é um belo de um estraga-prazeres.

— Porque você, Sir, não é todo mundo — responde o primeiro-ministro. — Já era hora de se apartar do restante da tripulação...

— Mas sou um deles — Eric protesta.

— ... e se portar de maneira mais apropriada a um futuro rei — continua Grimsby, imediatamente andando mais empertigado, como se o simples fato de falar de maneiras reais demandasse uma postura mais adequada.

Eric se irrita. Detesta ser lembrado de que é um príncipe, de que está prestes a se tornar um rei.

— O que você quer dizer é que eu deveria agir mais como o meu pai e cortar qualquer interação com o resto do mundo.

Não é a primeira vez que os dois têm essa discussão. *É hora de levar a vida a sério, Eric. Você não é como todo mundo.* O príncipe sabe que Grimsby quer o seu bem, que só está tentando prepará-lo para o futuro inevitável, mas, toda vez que tocam no assunto, Eric se sente como se estivesse sendo sentenciado à prisão.

Grimsby pousa a mão no ombro de Eric, e nenhum dos dois percebe quando Max sai perambulando ao notar alguém espiando por uma pequena abertura na amurada do navio.

— Você sabe o que quero dizer, Eric — responde Grimsby, olhando ternamente para o pupilo. — Quando você chegou, vinte e um anos atrás, o rei e a rainha o acolheram e o criaram como um filho. E agora que você já é maior de...

— Max? — Eric percebe que o cachorro não está mais ao seu lado. — Max! O que está fazendo aí? Venha aqui, amigão! — O cachorro está do outro lado do convés, arfando alegremente enquanto tenta olhar por cima da amurada do navio.

O príncipe se abaixa para afagar a cabeça do cachorro.

— O que você está olhando ali, bobinho?



O coração de Ariel dispara ao se apertar contra o bote salva-vidas para evitar que o humano que veio atrás de “Max” a veja. No fundo do mar, não há criaturas assim como Max, grandes, peludas e com *quatro* pernas! Ele gostou dela, a considerar pelo rabo, que abana alegremente, e pelo jeito como arfa, todo feliz.

Pela abertura, vê surgir a mão de uma pessoa, que acaricia a cabeça de Max e o conduz para fora de seu ângulo de visão.

— Eric, agora que você já é maior de idade, tem responsabilidades em casa — diz alguém. — É o que o seu pai esperaria.

— Ah, sim, cativo dentro daquele castelo, isolado e com medo. — O sarcasmo pinga da voz de Eric. — Não posso viver assim.

O que ouve cala fundo em Ariel. Com base na conversa, descobre que o nome do humano é Eric e que ele é um príncipe. As palavras dele atravessam-na como uma lança, ecoando seus próprios sentimentos mais do que qualquer um jamais foi capaz. Ela não sabe se é reconfortante ou assustador que até mesmo na vastidão do mundo dos humanos alguém possa se sentir tão enclausurado quanto ela. Talvez seja inevitável para filhos de reis.

Ariel até pode se identificar com tal sentimento, mas o humano que está com Eric não parece compreender.

— Creio que é aconselhável ter um pouco de medo — argumenta Grimsby.

— Grimsby — Eric fala num gemido. — Você não está me ouvindo. Quero ser um líder diferente. É por isso que estamos nesta viagem. Não vê? Temos de permanecer abertos ao que existe aqui fora. É o único jeito de nossa ilha continuar crescendo.

Eric se debruça sobre a amurada, contemplando o mar. Ariel se encolhe ainda mais, sentindo a madeira do bote machucar suas costas.

— Não sei explicar, Grims. Está no meu sangue. Mesmo agora sinto que há algo aqui fora me chamando.

Ariel se permite espiar por um momento para ver o rosto dele e subitamente se dá conta de que é o primeiro humano que vê tão de perto. Que maravilha! *E ele é muito bonito*, pensa, sentindo o rosto esquentar de leve. É a fome em sua expressão ao admirar o mar aberto. É o anseio em suas palavras. Em nada se parece com os bárbaros de dentes afiados e olhos cheios de ódio que o pai lhe descreveu. Não, quanto mais Ariel o observa, mais reconhece a fascinação nos olhos do humano.

A sereia volta a si ao sentir algumas gotas geladas de chuva em sua bochecha. Ela segue o olhar de Eric até as nuvens pesadas no horizonte. Ele fica pálido.

— Uma tempestade está chegando com força! — grita o príncipe, enquanto os marujos rapidamente se colocam em ação. Eric se afasta da amurada e começa a dar ordens. O céu se abre e a borrasca começa. O navio balança com violência.

Ariel sente a aflição lhe revirar as entranhas ao avistar a tempestade. Em questão de segundos, a chuva engrossa até ganhar proporções aterrorizantes. As torrentes de pingos congelantes dificultam a visão. O navio que, momentos atrás, parecia tão colossal, é chacoalhado sem esforço pela turbulência das águas. Ela sente um aperto no peito ao compreender que foi assim que a maioria dos naufrágios que explorou aconteceram.

Ariel se arrisca a espiar mais de perto e vê Eric assumindo o

comando:

— Fixem as escotilhas e os caixotes! — ele ordena. O príncipe dá as diretrizes e as pessoas o escutam. Ariel está fascinada pelo modo como ele se movimenta com propósito e certeza, como se já tivesse liderado esses homens por dezenas de tempestades. Ela se pergunta se a confiança dele realmente ultrapassa o medo ou se ser tão bom em fingir faz parte de seu trabalho como príncipe.

O navio dá outra guinada, sacudindo violentamente o bote de Ariel. Ela mergulha para evitar ficar de ponta-cabeça, mas logo reemerge e nada para perto da embarcação, de olho nos marinheiros. A tempestade vai passar logo, né?

Por favor, permita que eles fiquem bem.



Eric está apavorado. Nunca foi um grande fã de tempestades. Elas têm um histórico de não serem um bom presságio para o príncipe; quando era criança, bastava um trovão para ele disparar direto para o quarto dos pais. E essa borrasca chegou sem o menor aviso, seguindo tão de perto a reprimenda de Grimsby que Eric meio que se pergunta se é o universo tentando censurar-lhe também. Mas, enquanto Grimsby tem um fraco por ele, Eric sabe que o mar é implacável.

— Ajustem as velas e mantenham o curso principal; estamos sobrecarregados! — grita Eric.

— Icem as velas do mastro de traquete! — Mulligan berra contra a pancada de chuva.

Os tripulantes escalam os cordames e enrolam as velas. Há um clarão de um relâmpago e, por um momento, o mundo parece parar. Então, de uma vez, o vento recomeça, fustigando o navio como se ele fosse de brinquedo. Uma onda enorme arrebenta no convés e derruba o timoneiro. O leme gira descontrolado e, sem ninguém no comando, a embarcação desvia totalmente de seu curso, indo bem na direção de uma fileira de rochedos. Eric corre até o timão e tenta recolocar o navio no rumo, mas é tarde demais.

Eric mal consegue se proteger quando o navio se choca contra as rochas. Ele bate a cabeça no leme e sente uma dor lancinante antes de ver tudo escurecer.

O caos toma conta. Os homens são jogados bruscamente pelo convés, um grande caixote bate contra a amurada e se quebra, revelando uma estátua do príncipe. As lanternas decorativas escapam dos mastros e incendeiam as velas.

Eric geme, lentamente recobrando a consciência. Um estranho tinido em seus ouvidos bloqueia todos os outros sons. Uma luz cálida o acolhe e, por um instante, ele tem a impressão de estar

confortavelmente sentado ao lado da mãe diante da lareira. Conforme sua visão entra em foco, no entanto, Eric percebe que o convés está pegando fogo. Ele se levanta de um salto, tomado pelo pânico.

— Aos botes salva-vidas! Abandonar navio!

Alguns tripulantes estão simplesmente pulando do navio enquanto outros correm para baixar os botes. Um jovem criado de bordo, com não mais de doze anos, encara a amurada do navio, paralisado de medo.

— Pule na água, garoto! — Mulligan instrui.

O menino hesita, o rosto lívido de terror.

— *Argh* — resmunga Mulligan antes de pegar o garoto no colo e jogá-lo do navio, saltando logo atrás dele.

Grimsby treme dos pés à cabeça ao subir na amurada, pálido como um fantasma ao pular na água.

— Está emperrado! — grita Hawkins ao tentar baixar, sem sucesso, um dos botes.

Sem tempo a perder, Eric toma a machete das mãos de Hawkins.

— Com licença! — Ele corta as cordas e o bote cai no mar de uma vez. Os marinheiros que estão na água nadam até ele, enquanto o restante continua a pular do navio. Eric sente o calor do fogo começar a queimar sua pele e respira com dificuldade em meio à nuvem de fumaça, mas aguarda até que o último de seus homens tenha deixado a embarcação. Jamais se atreveria a abandonar um marinheiro.

O navio já está completamente consumido pelas chamas. Eric se prepara para saltar quando ouve latidos frenéticos. Olha para trás e vê Max no castelo de popa, desesperado por não conseguir descer.

— Max! — Eric dispara em meio às labaredas. — Está tudo bem, garoto — diz ao alcançar o trêmulo pastor-inglês. Ele joga Max na água e o cachorro mergulha com um ressonante baque.

O navio está irreconhecível. Tudo ao redor cai em pedaços flamejantes. Eric rola para o lado, escapando por pouco de ser atingido na cabeça. Após mais um violento sacolejo, o príncipe é dolorosamente arremessado para o outro lado do convés.



Ariel já sentiu medo antes, mas nada se compara ao assombro diante da própria impotência ao testemunhar tamanho pandemônio. Já viu o resultado de inúmeros naufrágios, mas nunca tinha visto como de fato acontecem. É aterrador.

Mesmo assim, faz o que pode para ajudar. À medida que os marinheiros caem na água e se debatem para tentar boiar, ela empurra botes que estão à deriva na direção deles, tomando o cuidado de permanecer submersa para não ser vista. Por sorte, os homens

estão preocupados demais com a própria sobrevivência para prestar atenção ao redor, mesmo quando ela teve de dar a um dos últimos marinheiros a pular do navio um leve empurrãozinho para ajudá-lo a subir no bote salva-vidas. Um barulho de algo caindo na água alerta Ariel à presença de Max, que tenta nadar todo desajeitado. O cão solta um ganido ao ouvir Grimsby chamando-o.

— Max! Venha aqui! Você consegue!

Ariel nada por baixo de Max e coloca a mão em sua barriga, guiando-o ao bote de Grimsby. Max enfia a cara na água, tentando lamber a bochecha dela antes de Grimsby conseguir agarrá-lo e puxá-lo para o barco. A sereia se permite um suspiro de alívio. Está feliz por Max estar em segurança.

A maioria dos homens parece ter conseguido chegar aos botes, mas, da última vez que tinha visto, Eric ainda estava no navio. Ela volta à superfície a tempo de vê-lo ser arremessado do outro lado do convés e cair do navio. Horrorizada, ela o vê afundar na água e desaparecer de vista.

Com o coração martelando, Ariel nada em meio aos destroços procurando Eric. Ela desvia da estátua, que quebra a amurada e despenca bem em sua direção, afundando no oceano. Nada cada vez mais fundo, procurando desesperadamente, até que, enfim, avista o príncipe. Eric está inconsciente, sendo puxado para as profundezas. A pequena sereia se lança na direção dele e o agarra pelos braços antes de nadar de volta à superfície.

Capítulo cinco

Sentado sobre uma rocha que desponta para fora do oceano e observando Ariel a distância, Sebastião se pergunta se está ficando velho. Talvez sua visão esteja começando a falhar. Não tem outra explicação lógica, porque de jeito nenhum essa menina pode estar fazendo o que parece que está fazendo. Sebastião sabe que isso vai acabar sendo culpa *dele* e, então, o rei vai fazer picadinho de caranguejo e servi-lo de entrada para os humanos.

Ele é muito jovem para ser comido!

O infortúnio de Sebastião só aumenta quando Sabidão, de repente, dá um rasante e pousa em cima dele, que espanta a gaivota resmungando aborrecido:

— Saia de cima de mim, seu tolo!

— Oh, olá! — cumprimenta Sabidão, achegando-se. — Não esperava encontrar você aqui. — A gaivota inclina a cabeça ao reparar na cena que está arrepiando Sebastião ao longo dos últimos minutos: Ariel, a princesa *sereia*, semideitada na praia cuidando de um príncipe *humano*. Sabidão pestaneja, surpreso. — E *realmente* não esperava encontrá-la aqui.

— Ei, ei! — exclama Sebastião conforme Sabidão saltita para mais perto, a fim de ver melhor. Tudo o que ele não precisa é dessa criatura bicuda deixando a situação ainda pior. — Escute aqui, pássaro! É melhor esquecer que tudo isso aconteceu. O rei dos mares jamais saberá. — Quando Sabidão não responde, Sebastião puxa sua asa, fazendo-o grasnar. — *Você* está me ouvindo?

Sabidão olha de relance para ele antes de voltar a atenção para Ariel:

— Sim.

— Não vai contar a ele. *Eu* não vou contar, minha boca será um túmulo e eu ficarei inteiro. Entendido?

— Entendido! — Sabidão acena vigorosamente, então faz uma pausa, franzindo o cenho, confuso. — Desculpe, o que foi mesmo que você disse?

Sebastião sente que vai explodir em mil pedacinhos.

— Sou um caranguejo morto!



A aurora estava começando a tingir o horizonte quando Ariel levou Eric até a praia. *Por favor, esteja bem*, suplica internamente ao remover as algas de seu rosto e de seu torso, levantando-lhe delicadamente a cabeça. Sente uma onda de alívio quando percebe que o peito dele começa a subir e descer lentamente. Os olhos ainda estão fechados, mas ele está vivo.

Ariel suspira devagar, procurando livrar-se dos últimos tentáculos do medo. Quando viu Eric afundar na água, abatido e inconsciente, não pensou duas vezes antes de mergulhar para salvá-lo. Sabe que o pai e as irmãs achariam seu comportamento inconsequente. No entanto, ao olhar para Eric ali, bem na sua frente, não consegue se arrepende.

É impressionante como ele parece tão frágil e pequeno nesse instante. Tritão sempre falou dos humanos como seres enormes, monstruosos, perigosos. Nem mesmo se tentasse, Eric, úmido e tremendo ligeiramente, não poderia parecer menos perigoso. Ariel imagina no que mais o pai está errado sobre o mundo humano.

Com suavidade, passa o dedo pela lateral do rosto dele, agora observando-o à luz da manhã. Como gostaria que pudessem se sentar e conversar sobre todos os lugares incríveis que sonham em explorar. Ela poderia lhe contar como ser filha do rei dos mares às vezes pode ser um tanto quanto limitante. Ariel tem plena consciência de que não o conhece de fato, mas, depois de escutar suas palavras no navio, tem a sensação de que poderia dividir seus pensamentos mais profundos e que ele a entenderia. Nunca sentiu nada assim.

A pequena sereia começa a cantarolar baixinho, enquanto tira o cabelo do rosto de Eric, e percebe um corte em sua testa. Deve ter sido atingido quando o navio começou a se despedaçar. Ariel roça os dedos frios sobre o ferimento, e ele se remexe com o toque. Só está parcialmente consciente, mas, conforme ela começa a cantar, a melodia enche o coração do príncipe.

Adoraria ficar ali com ele, porém, ao ouvir vozes súbitas ecoando do outro lado da praia, lembra que não pode.

— Chequem na enseada, pessoal! — alguém grita, e um grupo de homens e mulheres começa a se aproximar de não muito longe. Ariel mergulha no mar antes que alguém a veja.

E, assim que sai dali, o grupo avista Eric e começa a descer pelas pedras para resgatá-lo. Ariel ressurgue atrás de um rochedo perto da costa e os observa levando o príncipe embora.

— Ele está vivo! Avisem a rainha! — um deles anuncia.

Ariel sente algo inexplicável. Algo que lhe diz que esta não será a última vez que verá este mundo. Quem sabe o destino, um dia, até permita que ela faça parte dele.



No fundo do oceano, Úrsula assiste a tudo em sua pérola negra. A jovem sereia cantarola para si, distraída e sonhadora. Úrsula dá uma gargalhada. É fácil demais. A garota já está apaixonada por um humano, convencida de que encontrou alguém que a entende. A bruxa do mar revira os olhos. Ser compreendido sempre foi superestimado.

— Espere só até o papai descobrir! — ela ri. Será sensacional. Tritão subirá à superfície e aquela garotinha vai nadar direto para os seus tentáculos. Está tudo correndo à perfeição. Ariel nem vai perceber que é só mais uma *presa* no jogo de Úrsula — não até que Úrsula usurpe os poderes de Tritão, que, na verdade, sempre deveriam ter sido dela. Com uma última olhadela para Ariel, ela se afasta.

Tem trabalho a fazer.



— Ariel, será que você pode dar uma mãozinha aqui?

Um silêncio longo e constrangedor se estende enquanto nada acontece. Mala suspira, compartilhando um olhar aborrecido com as demais irmãs. É a nonagésima vez hoje que Ariel ignora completamente uma delas. Passou a manhã inteira cantarolando ensimesmada, desenhando círculos preguiçosos nas correntezas. A caçula sempre foi a mais propensa a sonhar acordada, mas hoje ela está levando essa tendência a outro nível.

— Ariel! — Mala chama mais uma vez.

— Oh! — Ariel volta a si e nada depressa até Mala. — Sim, claro.

As sete irmãs estão no Recife dos Tritões fazendo o melhor que podem para limpar os destroços do naufrágio mais recente. O estrago é estarrecedor. O lindíssimo recife agora está coberto de metais, madeiras, redes e cacos de vidro. Mala sente a raiva correr em suas veias ao ver que vários corais foram praticamente destruídos.

— Será que esses humanos têm alguma ideia do estrago que seus naufrágios causam?

— Não acho que eles planejavam sofrer um naufrágio — diz Ariel secamente.

Caspia desenrosca um pedaço de corda do que restou de um dos mastros do navio, que danificou grande parte dos corais. Soturna, ela balança a cabeça para a irmã mais jovem.

— Eles são imprudentes, Ariel. Vai levar milhares de anos para este coral se recuperar.

— E eles quase exterminaram todas as samambaias-marinhas — acrescenta Indira.

— Eles também nos exterminariam se tivessem a chance — Karina

concorda.

— Não! — Ariel discorda com veemência. — Não, eles não são *todos* assim.

— Rá — bufa Perla. — E como você sabe? Nunca viu um. Você era só uma criança quando mamãe morreu e papai nos proibiu de subir à superfície.

— Hum... — Ariel pigarreia, nervosa, percebendo seu deslize. — O que quero dizer é que *nós* não somos todos iguais, então por que os humanos seriam?

Um dia ela vai entender, pensam as irmãs de Ariel. Antes que possam dizer qualquer outra coisa, mais uma figura aparece. As garotas todas se empertigam quando Tritão encara a filha mais jovem com uma expressão desconfiada.

— O que tem os humanos?

Ariel arregala os olhos.

— O que eu quis dizer foi...

— Olhe só o estrago que o naufrágio deles causou! — Tamika interrompe.

Tritão avalia a cena. A fúria queima em seu peito ao ser mais uma vez lembrado do que esses bárbaros irresponsáveis realmente são. E enfia o tridente na areia bruscamente.

— Tiveram o que mereciam. Eles são a mais perigosa das espécies. Poluem nossas águas, destroem nossos recifes, não têm o menor respeito pelo equilíbrio dos oceanos — diz, retirando uma enorme viga de cima do recife enquanto as irmãs acenam em concordância.

Ariel, por sua vez, está profundamente consternada:

— Eles não são os únicos que não têm respeito pelo equilíbrio.

Todos a encaram, mas Ariel morde os lábios antes de sair nadando depressa.

— Ariel, aonde você... — Mala solta um suspiro de frustração. As irmãs observam a caçula se distanciar antes de se entreolharem. — O que está acontecendo com ela?

— Ora — Perla tenta apaziguar as preocupações de Mala: — Ela só está naquela fase em que não quer mais nadar com as irmãs mais velhas.

— Exatamente — concorda Caspia, dando um sorriso malicioso. — Não se lembram de como eu era?

Mala solta um grunhido e as irmãs caem na risada. Todas elas se lembram da época de adolescência, especialmente daqueles momentos em que os primeiros amores lhes erradicaram completamente a habilidade de pensar em qualquer outra coisa. Ariel, enfim, deve ter chegado a essa fase.

Nenhuma das irmãs, porém, nota que o interesse de Tritão é despertado enquanto elas especulam quem seria o felizado ser do mar

que finalmente ganhou a atenção de Ariel.

Capítulo seis

— Não acredito nisso — resmunga Sebastião consigo mesmo. Tem certeza de que envelheceu várias décadas nas últimas vinte e quatro horas. Quando era um jovem caranguejo, costumava dizer à mãe e ao pai que seu sonho era fazer parte da comitiva do rei dos mares. Tal posição viria repleta de honra, prestígio... mas não. Em vez disso, está nadando para cima e para baixo como um crustáceo que terá a cabeça cortada, perseguindo uma adolescente boba para que não termine *de fato* sem sua cabeça!

Francamente, como é que pode ficar de olho nessa menina se ela não para quieta? Sebastião respira fundo e tenta se acalmar.

— Contanto que o rei nunca descubra, tudo ficará bem — diz para si mesmo. Tudo o que precisa é levar Ariel de volta para casa. Sabe que ela está por ali, em algum lugar...

Sebastião se aproxima do lugar onde a viu emergir na noite anterior e nota a entrada de uma gruta que está muito bem escondida. *Ah, então deve ser para cá que essa garota vem!*

— Basta ser firme com ela — tenta se encorajar. Ele a fará entender que essa atual fantasia é só uma fase passageira. E ela vai entender que logo, logo esquecerá tudo sobre esse príncipe humano.

Ao adentrar a gruta, entretanto, Sebastião compreende que vai levar mais tempo do que imaginou para alcançar seu objetivo. O mordomo fica boquiaberto com a visão de Ariel posicionando uma estátua do príncipe humano bem no centro da gruta.

Pois é, sou um caranguejo morto.

— Ariel!

A sereia se vira, surpresa ao dar de cara com ele.

— Sebastião! Como me encontrou?

Uau, essa garota é especialista em não entender o que importa. Sebastião olha ao redor, horrorizado.

— O que é tudo isso? — Objetos que não pertencem ao fundo do mar ocupam cada centímetro do espaço. São objetos demais para terem sido coletados recentemente. Ariel está claramente fazendo... seja lá o que isso for... já há algum tempo. Sebastião foca na espalhafatosa estátua: — O que faz com essa... esse negócio?

Em vez de ficar envergonhada, Ariel suspira, sonhadora.

— Não é lindo? Veja só a nostalgia nos olhos dele.

— O que você sabe sobre nostalgia? O que isso está fazendo *aqui*?

— É do naufrágio. Encontrei no Recife dos Tritões. E aposto que tem muito mais.

Sebastião está embasbacado. Por que essa sereia está falando como se brincar com todos esses artefatos proibidos não fosse meter os *dois* em confusão? Por que ninguém nunca pensa em Sebastião?

Totalmente alheia aos apuros do caranguejo, Ariel nada para fora da gruta. Sebastião está pasmo. Ela acabou de ser pega em flagrante e, mesmo assim, ainda acha que é uma boa hora para recolher mais evidências incriminatórias.

— Não, não! Ariel! — Sebastião corre atrás dela. — Volte aqui, menina! — Ele a persegue e entra em sua frente ao alcançá-la. — Você precisa deixar essa obsessão pelos humanos de lado!

— Não estou obcecada! — a sereia responde com uma careta.

— Posso ser cascudo, mas não sou cego. Eu a vi na noite do naufrágio.

Peguei você, ele pensa, quando ela para de nadar.

— O quê? — Ariel arregala os olhos.

— Seu pai quer que você se mantenha o mais distante possível deles!

— Mas por quê?

— Você sabe o porquê — ele responde com um olhar ferino.

Ariel cruza os braços, bufando. Sebastião sabe exatamente os argumentos que ela está recordando. *Humanos são maus. Humanos são violentos. Humanos querem destruir o oceano.* Uma simples subida à superfície não muda nada.

Ainda assim, ela rebate, desafiadora:

— Não precisamos ter medo deles. Agora sei que não. Sebastião, se ao menos você tivesse visto lá em cima... o navio se movia com a força do vento e eles preencheram o céu com fogos! — Ariel sorri, relembrando a cena.

Sebastião está inconformado. Ah, os jovens... Sempre tão ingênuos. Ele percebe que ela está enamorada demais por esse mundo misterioso e que não vai desistir tão facilmente. É hora de tentar outra abordagem.

— Ariel, escute aqui. O mundo humano é uma bagunça. A vida submarina é melhor do que tudo o que eles têm lá. — É sempre um erro acreditar que a vida será melhor em outro lugar. Essa é uma lição que aprendeu quando ainda era um jovem caranguejo. Ariel quer explorar os tesouros do mundo humano, mas o oceano está pululando de tesouros extraordinários.

Em contrapartida, o mar ganha vida. Humanos jamais poderão apreciar quão mágico e musical o mundo aquático pode ser. Sebastião atrai a atenção de Ariel para as cores vibrantes dos mexilhões e das tartarugas, e plantas marítimas se iluminam ao redor deles. O ritmo

vai ganhando cadência à medida que a música natural do mar começa a tocar. Os peixes dançam com exuberância, demonstrando seu amor por um lar tão magnífico.

Sebastião sente a vida pulsar. Os peixes vivem contentes ali no mar. Não precisam se preocupar se vão acabar sendo *comidos* por humanos. Decerto Ariel entende a tolice que é querer ser parte de um mundo onde todos os seus amigos são vistos como comida.

A música continua crescendo, e cada vez mais criaturas marítimas entram na dança. Humanos podem até achar que têm o monopólio da boa música, mas Sebastião sabe que não é bem assim. É exatamente *disto* que ele fala: a alegria é contagiante, como ele sabia que seria. E Ariel logo está dançando com eles.

Sebastião a incentiva. Parece que ela finalmente entende. Não há necessidade de se importar com o mundo dos humanos. O que eles têm de mais? Um monte de problemas. Ali eles têm o ritmo do mar. Sebastião sente a música correndo em suas veias, sabe que não há lugar melhor no mundo do que o fundo do mar. E ajudou Ariel a enxergar que...

Sebastião olha para o lugar onde a sereia estava e o vê vazio. Procura rapidamente ao redor e, suspirando, confirma que ela já se foi.

— Ariel? — ele chama, tentando ignorar a pontinha de desânimo querendo invadi-lo. — Temos que pregar as barbatanas da menina no chão.

Capítulo sete

Ariel não é a única cujas tolas obsessões estão causando frustrações. Acima do mar, o sol matutino brilha sobre o castelo real, e a Rainha Selina, mãe adotiva do Príncipe Eric, senta-se à mesa de jantar para tomar seu café da manhã. Grimsby está sentado à sua direita, mas o lugar posto para Eric permanece notavelmente intocado.

Grimsby está terminando de relatar os mais recentes infortúnios da tripulação.

— Receio que a maior parte da carga tenha se perdido — explica. — Alguns *ferimentos leves*, mas, graças à bravura de Eric, os homens passam bem.

A bravura de Eric sempre foi uma de suas qualidades mais admiráveis, mas também uma das principais fontes de preocupação constante da rainha. Ferimentos leves, diz Grimsby, mas o susto que ela levou quando o filho foi trazido semi-inconsciente e com um ferimento sangrando na cabeça não foi nada leve.

Ele está bem, procura se lembrar. Selina encara Grimsby:

— Graças aos céus, vidas não foram perdidas.

— Sem dúvida — concorda o primeiro-ministro.

— Essa natureza indomável dele me preocupa — a rainha suspira. — Lançar-se nessas viagens perigosas... — Ela se interrompe quando Eric entra na sala. Ele está com a cabeça enfaixada, e a palidez de sua pele é inquietante, mas, ao menos, está finalmente de pé.

— Algum sinal da garota, Grimsby? — Eric pergunta.

Grimsby e a rainha se entreolham. Após tudo o que passou, é com isso que o príncipe está preocupado?

— Coma alguma coisa, por favor — insiste a rainha. Ela até pediu ao cozinheiro que preparasse alguns dos pratos favoritos do filho.

— Nós procuramos, Sir — Grimsby atualiza Eric. — Não havia nenhuma garota.

— Você teve sorte de chegar à praia antes de desmaiar — emenda a rainha.

Eric, todavia, recusa-se a acreditar, a familiar teimosia ardendo em seus olhos.

— Ela é real. E salvou a minha vida.

— Sente-se, Eric.

— Não estou com fome, mãe.

Por que os jovens nunca levam a sério o próprio bem-estar? Não é

possível que ela dava tanto trabalho assim quando tinha a idade do filho.

— Estou preocupada com você — ela diz. — Não é mais o mesmo desde o naufrágio.

Eric se dirige a Grimsby:

— Você checkou as ilhas vizinhas?

— Não todas elas, mas...

— Então eu checarei.

Agora a Rainha Selina precisava bater o pé.

— Não, você não vai a lugar nenhum. Não sairá deste castelo até estar plenamente recuperado.

Muito menos para procurar uma garota misteriosa que ninguém mais viu!, ela pensa.

Eric retira a bandagem da cabeça.

— Eu vou me sentir melhor quando a encontrar.

A mãe cruza os braços:

— Nem pense em usar essa garota como desculpa para sair por aí arriscando sua vida em um navio mercante em aventuras descabidas...

— Aventuras descabidas? — Eric está incrédulo. — Estou entrando em contato com novas culturas para que não fiquemos para trás. Sabia que nessa última viagem trocamos nossa cana-de-açúcar por vinte caixas de quinina? Eles usam em outros países para tratar malária e...

— E onde estão essas vinte caixas agora? No fundo do mar. — As intenções de Eric são nobres, mas não bastam para diminuir o risco de seu comportamento. — Quantos naufrágios tivemos em nossas águas este ano, primeiro-ministro?

— Seis, Vossa Majestade.

— Ouviu, Eric? — A rainha pergunta triunfante.

— Claro que ouvi — ele responde, contendo um suspiro de frustração.

— Naufrágios, furacões... Os deuses do mar estão contra nós! Quantas vezes tenho que... Eles estão roubando nossa terra, erodindo-a sob nossos pés, reivindicando-a de volta para o oceano. — Como ele não enxerga o quanto é perigoso estar nas águas? — Eles nos exterminariam se pudessem.

— Isso é ridículo — Eric fala com escárnio.

— É mesmo? — indaga a mãe. — Permita-me lembrar--lhe então do naufrágio fatal que o trouxe para nós. — Ela se lembra daquele dia como fosse ontem. Foi um milagre Eric ter sido encontrado com vida, pequenino como era. Foi levado ao castelo e, logo que pousou os olhos nele, Selina soube que aquele menininho era dela. E teve tanto medo de que ele não sobreviveria à noite. Mas era um guerreiro.

A Rainha Selina encara o filho. Todos esses anos depois e ele ainda continua lutando com a mesma valentia.

— E agora eu quase o perdi para outro naufrágio — lembra-o, uma vez que ele parece já ter esquecido. Sabe que o filho pensa que ela está exagerando, mas não consegue calar a vozinha que lhe diz que o mar está clamando seu filho de volta. Atraí-lo para águas traiçoeiras provavelmente é uma ideia cruel dos deuses do mar para restaurar o equilíbrio. A Rainha Selina está resoluta: — Não podemos continuar desafiando o destino assim. Isso tem que parar.

— O que quer dizer? — Eric pergunta, apreensivo.

— Que suas responsabilidades agora são em terra firme. Portanto, chega de viagens e de correr atrás de garotas que não existem.

— Mas ela existe — ele insiste, respirando profundamente. — Só não sei onde ela está.

Eric deixa a sala num rompante. A rainha olha para Grimsby e, então, suspira:

— Bem, foi menos ruim do que eu esperava.

Sabe que Eric não gosta do que ela diz, mas fará o que for preciso para quebrar a resistência do rapaz. Já perdeu o marido, não perderá o filho para tamanhas sandices.



Eric desce por uma trilha que leva do castelo à costa rochosa lá embaixo. A praia é seu refúgio sempre que se sente frustrado ou inquieto. Admira as ondas se quebrando no litoral, arrebatando em uníssono com seus pensamentos acelerados.

Sabe que a garota é real. A imagem pode estar nebulosa, mas a lembrança é cristalina. Recorda-se do toque gentil dos dedos passando por seus cabelos, de ter aberto os olhos por um breve instante e ter visto a silhueta dela. Acima de tudo, lembra-se da canção. A linda voz melodiosa que se repete, incessante, em sua mente desde que foi resgatado.

Desde que consegue se lembrar, tudo o que Eric sempre quis foi ter liberdade. Não *odeia* ser um príncipe — ama o reino e seu povo —, mas, na maioria dos dias, sente um vazio lhe ocupando o peito, uma sensação que jamais conseguiu explicar realmente a ninguém. Algo em carregar o título de príncipe sempre teve um peso insuportável. Quando está no mar, entretanto, não há nada além do sal em seu rosto, do vento em seus cabelos e da promessa de novidades. Normalmente, é só assim que sente tal vazio se dissipar.

Faz sentido que, na maior parte dos dias, a mente de Eric esteja ocupada por pensamentos de explorar o mundo — por todas as razões que apresentou à mãe e outras mais. Mas agora? Mesmo ele não consegue explicar por que está tão assombrado pela ideia fixa de encontrar a garota misteriosa que o salvou. É como se tivesse sido

enfeitiçado por aquela canção.

Sempre teve a impressão de que sua vida era uma série de perguntas sem repostas. De onde veio? Para onde está indo? O que mais há no mundo para ele e seu povo? Não quer que “onde ela está?” seja mais uma questão não resolvida. A mãe pode até não entender, mas essa garota não é uma fantasia que ele não consegue deixar de lado.

Pela primeira vez em muito tempo, Eric tem a sensação de que algo está apenas começando. A melodia toca mais uma vez em sua cabeça. Fecha os olhos e sorri, enquanto as ondas arrebentam em perfeita sintonia com a música.

Capítulo oito

Sebastião gosta de acreditar que é um caranguejo calmo, confiante e composto. Portanto, definitivamente não está se escondendo nos arredores do palácio de coral, surtando por ter perdido Ariel de vista *de novo*.

Um dos guardas reais o avista e avisa:

— O rei dos mares requisita sua presença.

Nananinanão, Sebastião está absolutamente, indubitavelmente *ótimo*.

O guarda o leva à sala do trono.

— O caranguejo, Vossa Majestade.

Sebastião é largado sem um pingo de graciosidade na entrada da sala.

— Entre, Sebastião — chama o Rei Tritão, acenando para ele. O tom de sua voz não dá nenhuma pista acerca de seu humor, mas, de qualquer forma, Tritão sempre parece meio ameaçador, o que não ajuda em nada os nervos de Sebastião. É algo naquele olhar penetrante e naquelas mãos enormes que poderiam transformá-lo em pasta de caranguejo em questão de segundos.

— Respire, Sebastião — ele murmura para si mesmo. Então, começa a se dirigir a Tritão, procurando se lembrar de permanecer calmo. *Eu não posso me trair*.

— Sim — guincha Sebastião ao se aproximar do trono. Pigarreia. — Sim, o que deseja, Majestade? — Ah, sim, agora está melhor. Não parece nada nervoso.

Tritão se inclina para a frente, encarando Sebastião bem de perto.

— Sebastião, eu estou preocupado com Ariel. Você notou que ela anda diferente ultimamente?

Oh, não! Sebastião engole em seco.

— Diferente?

— Você sabe, sonhando acordada, devaneando, sumindo por horas... Você não notou?

Ele sabe! Abortar missão!

— Oh, bem, eu... hum...

Tritão dá um tapinha na lateral do trono, indicando a Sebastião que chegue mais perto. O coraçãozinho do caranguejo martela contra seu casco ao se aproximar do rei.

— É... na verdade, eu não... é, bem... Vossa Majestade sabe. Quer

dizer, eu não...

— Psiiiiu — faz Tritão com uma careta jocosa, inclinando-se para bem perto de Sebastião. — Eu sei que você esconde alguma coisa de mim.

Sebastião quase desmaia e não consegue impedir a voz de subir várias oitavas.

— Escondendo alguma coisa?

— Sobre Ariel.

— Ariel?

Ele sabe! Ele sabe e eu sou um caranguejo morto! Uma onda caótica de pânico toma conta do caranguejo. Ele mal consegue registrar o que está acontecendo quando Tritão o coloca na palma da mão e o eleva ao nível de seus olhos.

— A minha caçulinha está apaixonada?

As palavras escapam como uma torrente da boca de Sebastião:

— Eu tentei impedi-la, senhor! Ela não me ouvia... Eu disse para ela se afastar dos humanos! Tentei impedi-la de subir à superfície! Quando a vi com aquela estátua, eu...

— *Humanos?* — Um Tritão abismado larga Sebastião. — Que humanos?

O rei dos mares levanta-se lentamente de seu trono, um brilho de fúria raiando em seus olhos escuros. Parece que a temperatura da sala do trono diminui vários graus.

Oh-ou. Sebastião se dá conta do grande erro que acaba de cometer. Olha ao redor, para ver se tem alguma enguia por perto que pode abocanhá-lo por inteiro.

— Humanos? Mas quem falou de humanos?



Linguado e Ariel chegam à gruta. A sereia carrega uma braçada de novos tesouros recolhidos do naufrágio. São tantas coisas que nunca viu! Mal pode esperar para perguntar a Sabidão o que são.

— Vamos deixar isso aqui e voltar para pegar mais — ela diz, deixando suas recompensas no meio do espaço.

— Já não temos o bastante? — Linguado se aflige. Ele tem se sentido mais nervoso que de costume explorando este último naufrágio, mas nada é capaz de esfriar a empolgação de Ariel.

— Oh, vamos, Linguado. Acabamos de começar...

— Então! Você me desobedeceu!

Ariel paralisa ao ouvir a voz retumbante do pai. Terror desce por sua espinha conforme se vira lentamente. Tritão, com as mandíbulas cerradas de raiva, aparece por trás da estátua do príncipe. De repente, Ariel sente a boca ficar seca. Já viu o pai bravo, mas jamais com a

veia da testa saltando como agora, jamais segurando o tridente com tanta força. Linguado solta um gemido e imediatamente vai procurar um abrigo. Sebastião, agoniado, acompanha tudo atrás do rei.

— Você foi à superfície — Tritão continua.

— Houve um naufrágio — explica Ariel. — Um homem estava se afogando. Eu tinha de salvá-lo.

Imagens da noite caótica ressurgem em sua memória: a tempestade golpeando o navio dos marinheiros, Eric afundando inconsciente, engolido pelas ondas. Nada jamais faria Ariel se arrepender de suas ações. Isso, no entanto, parece deixar o pai ainda mais furioso.

— Pois deveria tê-lo deixado se afogar! — ele brada, colérico, inflando as narinas. — Eles são um bando de selvagens.

— Mas você nem os conhece! — ela insiste.

— Eles mataram sua mãe! — A voz dele falha brevemente, uma tristeza profunda quase superando sua fúria.

Ariel se encolhe, com um misto de emoções se debatendo em seu peito.

— Eu sei. — *Claro* que sabe. E sabe o quanto o pai sente falta dela, mas isso não significa que ele tem razão. — Eu sei — ela repete. — Mas foi *um* homem que a matou. Por que culpar todos os outros humanos? Mamãe não faria isso.

— Já chega — Tritão sacode a cabeça.

Seu tom é definitivo e desconsidera qualquer possibilidade de discussão. Ele não a ouve, não de verdade. Ele *nunca* a escuta, porque acha que ela é muito jovem e ingênua para saber como o mundo realmente é. Mas ela sabe que o que está dizendo é verdade. Ariel tenta apelar ao pai, desesperada para fazê-lo escutar.

— E Eric não tem nada a ver com...

— Eric? — Tritão se enfurece ainda mais. — Você perdeu o senso completamente?

Ariel faz que não. Precisa fazer o pai entender.

— Se ao menos o senhor o tivesse *escutado*, papai... — Ela se lembra da candura com que ele falou a respeito de conectar-se com outras culturas e de como não abandonou o navio até que o último homem e o animal estivessem a salvo. Seria impossível que o pai o achasse um bárbaro. — Ele é solidário, gentil e...

— Ele é humano. Você é uma sereia. — Tritão aponta desnecessariamente para a cauda dela.

— Sim — admite Ariel, suprimindo um gemido frustrado. — Mas isso não nos torna inimigos.

Por que ele não entende?

Tritão espuma de raiva. Já ouviu o bastante.

— Prometa-me que nunca mais vai procurá-lo.

— Não posso — Ariel nega com veemência. Não abrirá mão desse

sentimento de conexão que finalmente encontrou. Só de pensar nisso sente um nó na garganta.

— Prometa-me, Ariel! — Tritão cerra os punhos com tanta força que seus dedos estão esbranquiçados.

— Não posso mentir para o senhor — insiste Ariel, contendo um soluço.

— Prometa-me, Ariel — Tritão diz mais uma vez. À medida que sua raiva se transforma em ódio, o tridente começa a brilhar. — Eu juro, vou acabar com isso!

O rei estica o braço, apontando o tridente para a rocha onde estão os achados mais recentes de Ariel. O tridente emite um raio de energia, que cria uma explosão.

— Não! Por favor! — Ariel implora. Aquele lugar é seu refúgio. Não é possível que ele queira mesmo destruí-lo.

Mas o pai está cego de raiva.

— Isso acaba agora! — Ele gira, disparando outro raio nos artigos da filha. HorrORIZADA, ela testemunha a destruição de seus maravilhosos tesouros. Levou tanto tempo para colecioná-los e, em menos de um segundo, foram reduzidos a mil pedacinhos. Ela começa a chorar.

— Papai, pare! Por favor, pare com isso!

— É para o seu próprio bem — ele diz simplesmente. E, então, mira para a estátua do príncipe.

Ariel sente o coração parar.

— Papai, *não!*

A estátua explode, estilhaçando-se pelos ares. Por um segundo, o silêncio é absoluto, exceto por um zunido fraco, parece até que nada daquilo foi real. Mas logo os sons recomeçam, e tudo o que Ariel vê são os cacos espalhados pelo chão. Ela cai diante de uma pilha de destroços.

Com a raiva aplacada, Tritão olha para a filha. Por um momento, sente uma pontada aguda de remorso. Odeia vê-la assim. Contudo, basta se lembrar de tudo o que ele perdeu para sentir sua resolução renovada.

— Nunca mais suba à superfície de novo — ordena, mas Ariel não olha para o pai.

O silêncio que se segue após a partida do rei ecoa mais alto que toda a barulheira. Linguado e Sebastião aproximam-se dela, hesitantes. Sebastião estica uma de suas pinças.

— Ariel... eu...

— Vá embora daqui — ela diz, com a voz baixinha e falhando. Percebe que os dois vacilam, mas acabam saindo. Ariel fecha os olhos, desejando que tudo não passasse de um pesadelo.

Nunca mais suba à superfície de novo. As palavras do pai ecoam sem

parar na sua cabeça. Sente-se tão pequena, tão *cativa*. Lembra-se de que Eric usou a mesma palavra. *Cativo dentro daquele castelo, isolado e com medo*, foi o que ele disse. E ali está ela, prisioneira dos medos do pai. Mas Ariel não quer que sua vida seja governada pelo medo. Quer que suas escolhas sejam guiadas pela curiosidade, pela unidade e pela franqueza. Agora, no entanto, tudo parece sombrio e desolador.

Perdida em pensamentos, a pequena sereia não repara em duas novas figuras serpenteando para dentro da caverna. Pedro e Juca nadam em círculos, formando um vórtice no qual o rosto de Úrsula aparece. A voz da bruxa ressoa pela gruta.

— Pobrezinha. Coitadinha dela. Como ele é raivoso. E acha que sabe de tudo.

— Quem é você? — Ariel olha para cima, com medo, e vê, perplexa, a imagem aguada de uma mulher estranha no vórtice.

Úrsula leva a mão ao peito.

— Oh, você não deve se lembrar de mim. Sou Úrsula.

— A bruxa do mar? — Ariel se encolhe.

— A *o quê*? O que foi que o seu pai falou de mim?

— Que você gosta de criar encrencas entre humanos e o povo do mar — responde Ariel.

— Foi isso que ele disse? — Úrsula aperta os lábios.

— E é por isso que ele a culpa pelo que aconteceu com minha mãe.

O pai nunca lhe contou toda a história sobre o que aconteceu com a mãe, pois falar da morte dela o deixa de mau humor. Sempre deixou claro, no entanto, que Úrsula tem grande parcela de culpa no acontecido.

— Tsc, tsc... Ora, minha querida, aquilo foi um acidente! O arpão de um marinheiro. Não tive nada a ver com aquilo. E, mesmo assim, ele me baniu do reino. Não sou nem metade do monstro que ele alega que sou. E só estou aqui para ajudar.

Ariel franze o cenho, desconfiada. Tudo o que já ouviu a respeito de Úrsula sugere que ela não é confiável.

— Não preciso de sua ajuda.

— Como quiser, queridinha. — Ela dá de ombros, e sua imagem começa a sumir.

— Espere! — Ariel sente um aperto no peito ao pensar que pode estar perdendo uma oportunidade. Talvez seja bobagem, mas, neste exato momento, ela se sente como se estivesse sendo levada pela correnteza e está desesperada para encontrar uma escapatória. Além disso, não tem mal nenhum só ouvir o que Úrsula tem a dizer, não é mesmo?

— Sim? — A imagem de Úrsula reaparece.

Ariel a encara com um misto de curiosidade e suspeita:

— Como você pode me ajudar?

A bruxa do mar abre um sorriso que divide seu rosto em dois:

— Venha aqui, vamos bater um papo de verdade, legal e confortável. Meus lindinhos vão mostrar a você o caminho até minha casa.

Capítulo nove

Sebastião e Linguado não foram muito longe quando saíram da gruta. Ambos estão preocupados com Ariel. Sebastião não lembra de jamais tê-la visto com o coração tão partido. Ele se remexe desconfortavelmente ao sentir uma pontada de culpa na boca do estômago.

— Ela vai ficar bem, não vai? — Linguado pergunta, nadando apreensivamente em círculos.

Antes que Sebastião possa responder, uma estranha visão captura a atenção dos dois. Duas enguias medonhas saem da gruta e Ariel as acompanha. Sebastião faz uma careta, com um pressentimento ruim.

— Ariel? — ele chama. Ou ela não ouviu ou escolheu ignorá-lo. Linguado está boquiaberto. Nenhum dos dois entende o que está acontecendo, mas não pode ser nada bom.

— Aonde ela está indo com essa gentalha? — Sebastião se pergunta. Ainda é seu trabalho tomar conta dela, e é exatamente o que vai fazer. — Vamos — ele diz, chamando Linguado.



Encontrar Úrsula vai contra todo o bom senso, mas Ariel está tomada demais pelas emoções para se importar. Além disso, que mal pode haver em fazer uma visita?

A sereia segue Pedro e Juca para além do cemitério de navios, descendo muito mais nas profundezas do oceano do que tipicamente se atreve a ir. Ali embaixo é muito mais frio do que está acostumada. Um arrepio lhe percorre a espinha quando um vulcão próximo entra em erupção. Não tem certeza se está imaginando os risos cínicos das enguias diante de seu óbvio desconforto.

Finalmente começam a ir mais devagar quando chegam a um gigantesco esqueleto de uma baleia pré-histórica. A visão é horrenda. Não pode ser ali que Úrsula vive, né?

Mas as enguias nadam direto para a boca do esqueleto. Ariel vacila, está literalmente indo para a barriga do monstro. Quase consegue imaginar a criatura com um sinistro sorriso afiado. *Entre se tiver coragem*, é o que parece dizer. Ariel fecha os olhos e tenta deixar o medo de lado. Não é hora de agir como um bebezinho, sobretudo quando foi ela quem escolheu ir até ali. Ela acompanha as enguias.

O interior do esqueleto é ainda mais esquisito que o exterior. Está repleto de criaturas que parecem um cruzamento malsucedido entre algas e serpentes do mar. Elas tentam agarrar Ariel quando a sereia passa, puxando-a pelos braços com seus tentáculos gélidos e pegajosos. Uma delas se enrola em seu pescoço, e Ariel tenta não entrar em pânico, enquanto se debate para se soltar. Fazendo um pouco mais de força, ela consegue se libertar da criatura e nada um pouco mais depressa depois disso.

Enfim, eles chegam à entrada do covil de Úrsula. Ariel faz uma pausa para observar, estremeando ao se dar conta de que foi construído com crânios e ossos de humanos que morreram em naufrágios. Acha que vai passar mal.

Úrsula, com uma aparência um tanto quanto régia, está sentada empertigada no alto de uma gigantesca concha.

— Entre, entre, menina. Não deve espiar atrás da porta. É feio. — Úrsula repara que Ariel está aflita e coloca um sorriso maternal no rosto: — Perdoe-me pelas circunstâncias. Não foi minha escolha viver assim, acredite. — Ela gesticula, indicando o espaço mórbido. — Papai tem sido tão injusto com nós duas, controlando tudo o que falamos e fazemos. De certa forma, nós somos iguais, você e eu.

Bem, aí está um pensamento bem desagradável, reflete Ariel, tentando manter uma expressão neutra. Não consegue pensar em ninguém com quem teria menos em comum. Contudo, o pouco que sabe a respeito de Úrsula foi o pai quem lhe contou.

A sereia dá uma boa olhada na bruxa do mar:

— Você não é como meu pai descreveu. — Ariel não sabe ao certo como se sentir diante de Úrsula, mas, pelo que Tritão sempre falou, esperava que ela tivesse presas de tubarão ou um olhar tão odioso capaz de matar à primeira vista. Pelo que vê, todavia, não é bem assim.

Úrsula desliza pelas paredes de obsidiana de seu covil na direção de Ariel:

— Ah, é? Nós nunca nos demos muito bem. Ele sempre teve tudo do jeito que quis, e o que sobrou para mim? — Ela não espera Ariel responder: — Nadica de nada. *Nuga*. Nadinha. *Necas* — diz Úrsula com um riso sardônico. — Soa familiar, querida? Pode crer, eu sei bem o que você está passando. E sei por que veio até aqui.

— Não tenho certeza de que eu sei — Ariel admite, com sinceridade. Seguir Úrsula imediatamente parece uma má ideia, mas ela tem algo tão carismático que atrai a pequena sereia. Ariel gostaria de arrancar a dor que sente no peito, mas não crê que haja algo que possa ajudá-la. Afinal, seu pai já fez o estrago, e Úrsula não pode simplesmente desfazer o que foi feito.

Úrsula se abaixa, pendurada no teto por seus tentáculos. As duas

estão tão perto que os narizes quase se tocam.

— Ora, por favor, já faz algum tempo que estou de olho em você, queridinha. O que você quer de verdade é estar no mundo lá de cima, que sempre despertou sua curiosidade e agora conquistou seu coração.

Ariel pestaneja, surpresa. Pelo jeito, não era tão boa em esconder seu interesse pelo mundo dos humanos como pensava, mas Úrsula está sugerindo algo a mais.

— O que quer dizer?

— Oh, vocês são tão jovens. Não vê? — Úrsula chega ainda mais perto, e o desconforto de Ariel é evidente. — Vocês foram feitos um para o outro. — Úrsula solta-se do teto e senta-se diante do espelho de uma penteadeira negra. — Me corta o coração ver você sofrendo assim, e eu posso ajudá-la.

Feitos um para o outro? Será? Ariel está, ao mesmo tempo, cética e intrigada.

— Como?

— A solução do seu problema é simples. Você não pode viver naquele mundo... *a menos* que se torne humana também.

Ariel fica boquiaberta.

— Me tornar humana? Isso é mesmo possível?

— Minha querida, é isso o que eu faço. É para isso que eu vivo — diz Úrsula com um grande sorriso.



Úrsula se lembra de quando era uma jovem inocente deslumbrada por magia. Foi esse fascínio que a ajudou a se tornar a bruxa que é hoje. É um vexame que hoje em dia a maioria do povo do mar raramente tenha chance de testemunhar tamanho poder; e tudo graças a Tritão. Ariel deve se considerar muito sortuda. Úrsula sente um arrepio de empolgação. É agora que a verdadeira diversão começa. Hora de convencer a princesinha do papai de que ela precisa da ajuda da tia Úrsula.

Esticando o braço, Úrsula acaricia o rosto da sereia:

— É como me olhar num espelho — ela diz, melancólica. Costumava ser tão jovem e passional quanto Ariel, sempre em busca de algo além do que as regras do mar permitiam. Oh, como sente falta do vigor da juventude! *Mas agora é hora de manter o foco*, pensa a bruxa. Sacudindo a cabeça, ela coloca seu plano em ação: — Vamos aos negócios. Eu farei uma poção que a tornará um ser humano por três dias. Entendeu? Três dias. Agora ouça, isto é importante: antes do pôr do sol do terceiro dia, você tem que fazer aquele príncipe se apaixonar por você; ele tem que beijar você, mas não é um beijo qualquer. É o beijo do amor verdadeiro. É pedir demais? — Ela sorri

ao ver a cor ser drenada do rosto de Ariel. — Se ele a beijar, você ficará humana para sempre. Mas, se não a beijar, você voltará a ser sereia e pertencerá a mim.

Ariel fica completamente tensa, alarmada, e Úrsula percebe que deveria ter pegado mais leve. Não quer espantar a menina antes mesmo de a diversão começar. A bruxa pigarreja e emenda rapidamente:

— Você entende, é claro, que terá de abrir mão dos seus dons de sereia. Não terá mais essa cauda aí balançando, puxando você para baixo. Não será capaz de respirar debaixo d'água, mas quem liga para isso? — Ela faz um gesto de pouco caso. — E, é claro, terá de abrir mão desse seu canto de sereia, porque não seria justo, não é mesmo? — Úrsula toca a concha de náutilo em seu colar. — Não se preocupe. Eu o guardarei são, salvo e silencioso aqui comigo. Temos um acordo?

Ariel fica em choque por um momento. Úrsula pode ver o anseio se debatendo contra a hesitação evidente na expressão da sereia.

— Eu... eu não sei.

— Bem — Úrsula dá de ombros, desviando o olhar. — Acabei de oferecer a você o pacote premium, garota. A vida é cheia de escolhas difíceis, não é?

Ariel observa a bruxa por um instante, então balança a cabeça e começa a sair.

— Não, isso é errado. Não posso fazer isso.

— Tudo bem, então — diz Úrsula às suas costas. — Esqueça o mundo lá em cima. Volte para casa, para o papai e... *Nunca mais suba à superfície de novo.*

O eco das palavras do pai faz Ariel parar. Úrsula praticamente consegue ler os pensamentos dela. A ideia de ficar nestas águas, presa da ira de Tritão, é avassaladora demais.

Obrigada pela ajudinha, papai querido!

A bruxa do mar assiste com deleite a vulnerabilidade se apossar de Ariel e reconhece o momento exato em que tem a sereia nas mãos. Antes que a menina tenha muito tempo para pensar, Úrsula aponta para o caldeirão onde a poção já está sendo preparada e a instrui a colocar uma de suas escamas lá dentro.

Ariel arranca uma escama de sua cauda e repara no sangue vívido que escorre da ponta. Úrsula estica um dos tentáculos e pega a escama da mão dela. Exultante, a bruxa a joga dentro do caldeirão e começa a conjurar o feitiço. O caldeirão emite uma estranha bruma, que rodopia por todo o covil.

— Agora cante! — pede Úrsula. — Continue cantando!

A menina canta. E o som é música para os ouvidos de Úrsula. A bruma adquire uma forma similar à de um tentáculo e flutua para dentro da boca de Ariel, alcançando sua garganta, agarra sua voz e a

leva até a concha no pescoço de Úrsula. A névoa se intensifica, envolvendo Ariel, que, lentamente, começa a se transformar. Está funcionando! A cauda de Ariel desaparece e é substituída por pernas.

— Olhe só para esse estúpido par de pés — Úrsula solta uma risada cacarejante.

Ariel se debate, entrando em pânico. Seus pulmões humanos estão começando a queimar, e só agora ela se dá conta de que não vai durar muito tempo como humana ali no fundo do mar. Ela nada desesperadamente pelas costelas do esqueleto até a entrada do covil de Úrsula e, de lá, rumo à superfície. A bruxa do mar vê que o peixinho e o caranguejo, amigos da sereia, apressam-se atrás dela e revira os olhos. *Deixe esses imbecis tentarem ajudá-la.*

Pedro e Juca nadam lentamente ao redor da bruxa, comunicando sua apreensão com uma série de sons guturais. Úrsula, no entanto, não poderia estar mais tranquila e faz um gesto de desdém.

— Não se preocupem, meninos. — Ela ergue a concha de náutilo, envaidecida com a própria esperteza. — Ariel não terá a menor chance sem sua voz.

Mas, só por precaução, Úrsula adicionou um toque especial ao tal feitiço. Ariel vai pelear para se sair bem, já que não se lembrará de que precisa conseguir aquele beijo. Oh, Úrsula adora um bom feitiço de memória!

— Agora é só questão de tempo, e, então, a garota será minha.

A bruxa do mar não consegue conter a satisfação, e seu riso estrondoso ecoa pelo leito marítimo à medida que seu plano flui às mil maravilhas.

Capítulo dez

Ariel assoma à superfície, ofegante. Debatendo-se para não ser arrastada pelas ondas, procura a praia, mas mal consegue enxergá-la. Sebastião e Linguado emergem ao lado da amiga e a ajudam a boiar.

— Oh, Ariel... — diz Sebastião, calculando a distância entre ela e a ilha ao longe. — Vamos, garota. Agora é nadar ou afundar.

Eles nadam pelo que parecem horas. Linguado e Sebastião fazem seu melhor para guiá-la, mas parecem não ir a lugar algum. Ariel tem a impressão de que seus músculos humanos são fracos e inúteis.

— Não é tão fácil sem sua cauda, não é mesmo? — Sebastião a repreende.

Ariel pergunta-se se nadar sempre foi tão difícil assim para os humanos. Deve ser por isso que eles utilizam navios quando estão tão no meio do oceano. Aflita, tenta pensar em outra coisa e concentra-se no céu da manhã. Em vez do azul que esperava, é de um cintilante rosa purpúreo, iluminado pelos raios de sol, que a faz lembrar dos vibrantes corais marinhos. Mais uma prova de que esses dois mundos não podem ser tão diferentes.

Se ao menos eu conseguir chegar até lá, pensa, exausta.

— Continue — encoraja-a Sebastião. — Só precisa se acostumar com suas pernas. Estamos quase lá.

Ariel respira fundo, pronta para forçar seus membros cansados só mais um pouco. Mas, de repente, os três se veem enroscados em uma rede e são jogados no deque de um pequeno barco de pesca. Ela está completamente atordoada. Olha para cima e vê um bando de gaivotas voando em círculos. Parece que Sabidão está entre elas. Só então registra o incômodo da rede lhe arranhando a pele, prendendo-a no meio de uma pilha de pequenos peixes. Não é nada confortável, mas não consegue deixar de se sentir aliviada por estar fora da água.

Demora um pouco até o velho pescador a bordo reparar neles, já que está ocupado espantando as gaivotas para longe de seus peixes. Ele fica perplexo ao ver Ariel enroscada na rede, coberta de algas.

— Tenha a santíssima piedade! — E corre para ajudá-la a se desenroscar. — Você está bem?

Ela abre a boca para dizer *Estou bem*, mas as palavras não saem. Nenhum som é emitido. Ariel fica pasma ao se dar conta de que não consegue falar absolutamente nada.

— Pobrezinha — lamenta o pescador, genuinamente preocupado. —

Deve estar em choque. Vou encontrar algo para você vestir. — Ele desce ao convés murmurando consigo mesmo: — Outro naufrágio. Que Deus nos acuda!

Enquanto isso, Ariel admira, fascinada, suas pernas novinhas em folha. São duas! Lisas, longas e marrons. Balança os dedos dos pés e dá uma risadinha de prazer com a sensação. Ela deve ser a primeira sereia que já teve pernas. Parece um sonho.

Ansiosa para ficar de pé pela primeira vez, tenta se levantar. Assim que coloca seu peso sobre os pés, no entanto, sente uma dor lancinante e cai. *Como os humanos fazem parecer tão simples?*

Nesse momento, Sabidão dá um rasante sobre o barco na esperança de roubar um ou dois peixes, mas é surpreendido por um rosto familiar.

— E aí, garota? Pensei que não pudesse vir aqui em cima. Agora já está até andando de barco?

— Foi aquela bruxa do mar malvada! Ela roubou *toda* a voz de Ariel! — diz Linguado, debatendo-se sobre a pilha de peixes no deque.

— Oh, oi, Linguado! Do que é que você está falando? — pergunta Sabidão.

— Então, Sebastião contou a Tritão que Ariel salvou um humano e Tritão ficou tão bravo...

Sebastião escala a pilha e o interrompe:

— Ok, ok, não é hora de sair apontando barbatanas!

— Ei, olha só! — Sabidão exclama, feliz da vida. — A galera tá toda aqui! — Ele adora quando seus amigos estão todos reunidos.

Sebastião empurra Linguado na direção da amurada do barco.

— Explicação depois, meu chapa. Temos que tirar você daqui.

Afinal, não querem que Linguado resseque. Sebastião o joga para fora do barco através de uma fresta na lateral da embarcação.

— Peraí! — grita Linguado enquanto cai. — Eu nem lhe contei sobre a bruxa do mar!

Eles ouvem um “splash” quando o peixinho bate na água.

— Tchau, tchau — diz Sebastião, acenando. — E não conte a *ninguém* sobre a bruxa do mar.

Sabidão voa até Ariel, intrigado:

— Humm... tem alguma coisa diferente — comenta, pousando nos pés de Ariel. — Não me conte... Já sei! É o seu penteado! Você andou usando a bruguzumba, não é?

Ariel sorri, balançando a cabeça. Sabidão sobe nos joelhos de Ariel, medindo-a, tentando entender o que está diferente.

— Eu... Eu confesso que estou encontrando certa dificuldade, mas se eu ficar aqui um pouquinho mais com você...

— Ela tem pernas, seu idiota! — exclama Sebastião, balançando as pinças em frustração.

Sabidão olha feio para ele:

— Você sabe, já discutimos isso. Não gosto quando você me chama de idiota. Fere meus sentimentos, tá ligado? Por que não me diz algo bacana? Tipo, *Ei, Sabidão, você sabe umas paradas bem legais. Eu também tenho umas paradas da hora para dividir contigo.*

Sabidão é interrompido quando o velho pescador retorna e o espanta, insensível à conversa séria que ele estava tendo. Para o homem, tudo não passava de grasnados. Humanos nunca entendem o que os animais têm a dizer.

— Aí está você — diz o velho, apressando-se para cobrir Ariel com uma vela. — Vai servir por enquanto. Vou levá-la até o castelo. Lá eles poderão tomar conta de você.

Ariel sorri ao ouvir a última parte. Será levada direto ao encontro de Eric. O velho lhe acena mais uma vez, para garantir que está tudo bem, e, então, cruza o barco, topando com Sebastião no caminho. Ele pega o caranguejo e o joga despreocupadamente em um caixote com os demais peixes, fechando-o logo em seguida.

O humano se apresenta enquanto navegam. Seu nome é Joshua e ele é pescador desde menino. Ariel imagina que deve ser boa a sensação de saber exatamente qual é o seu lugar no mundo. Espera ter essa sensação em breve. Os dois, enfim, desembarcam, e ele ajuda Ariel a subir na parte de trás de uma carroça, onde também coloca seus caixotes de peixe. Promete que ela ficará segura e, em seguida, sobe na boleia para conduzir a carroça até o castelo. Ariel espia pela lateral quando o veículo começa a se mover. Observa a estranha parte que roda, maravilhada com o modo como se movimenta. Raspa os dedos contra ela e toma um susto com a sensação bizarra.

Só então Ariel se dá conta: está em terra firme! Uma sensação transbordante de liberdade a invade como nunca. Está em um mundo completamente novo, com oportunidades infinitas a serem exploradas. E tem *pernas de verdade*.

Tenta ficar de pé sozinha uma segunda vez, mas a carroça dá uma sacolejada e ela é quase jogada para fora. Jamais teria imaginado o trabalho que dá simplesmente ficar de pé. Não que isso vá impedi-la. Sabe que logo vai conseguir.

Agora, uma brisa suave sopra em seu rosto conforme seguem adiante, e Ariel abre um grande sorriso. Que sensação fantástica! Querendo ver tudo ao mesmo tempo, ela não para de olhar para todos os lados a cada segundo. Contempla as montanhas ao redor, montes enormes de terra que encostam no céu. Deve ser incrível subir lá no topo delas e conseguir tocar as nuvens! À frente, o castelo está cada vez mais próximo. O coração de Ariel começa a acelerar de ansiedade.

Joshua, enfim, dirige até os portões traseiros, para diante da porta dos fundos, e chama os serviçais.

— Tragam Lashana, depressa!

Por um segundo, Ariel imagina quem seria Lashana, mas logo se distrai com a imensidão do castelo. É diferente do palácio submarino de seu pai. Não tem as mesmas cores vibrantes nem o movimento incessante dos recifes de corais, mas há algo de imponente e majestoso neste estranho prédio. Pressente no ar a correria e a agitação quando os serviçais imediatamente começam a descarregar os caixotes de peixes trazidos por Joshua, levando-os ao castelo. Eles se movem com tanta desenvoltura, como se dançassem uma coreografia que aprenderam há anos.

Joshua carrega Ariel até uma pequena cozinha, onde alguns criados já estão lavando pratos, e ela fica encantada, observando os humanos jogarem um monte de coisas numa água que faz muitas, mas muitas bolhas, como nunca viu. Em vão, tenta dar uma espiadela em todos os ornamentos e utensílios desconhecidos, mas logo é levada para outra sala.

Joshua coloca Ariel, ainda enrolada na vela, sentada em uma cadeira perto de uma lareira crepitante. A menina não consegue parar de sorrir. São tantas coisas que nunca viu antes que seus olhos nem sabem por onde começar.

Lashana, a governanta do castelo, chega sem demora à sala. Está vestida com simplicidade, mas seu porte tranquilo deixa bem clara sua autoridade.

— Joshua, o que está acontecendo? — Ela dá um passo para trás, espantada, ao ver Ariel. — Mas o que significa isso?

— A menina estava enroscada na minha rede — explica Joshua.

— Ela está bem?

— Vai sobreviver — ele resmunga. — Mas deve ter passado por maus bocados. Nem consegue falar.

Os dois continuam a conversar sobre ela, mas Ariel mal presta atenção. Está hipnotizada pelo fogo. A única vez que viu fogo foi durante o naufrágio do navio de Eric. Sem o caos e a tempestade aterrorizante, pode finalmente admirá-lo. E está enfeitiçada pela dança das chamas amarelo-alaranjadas que alumiam o cômodo e estalam a cada movimento, fazendo barulhinhos. E o calor! É tão convidativo que Ariel estende a mão, mas recua rapidamente quando uma chama toca seu dedo. *Nota para si mesma: tocar no fogo dói.*

E não consegue deixar de sorrir com tal pensamento. Está em um mundo completamente distinto, diferente de tudo o que já vivenciou. Sabe que isso significa que vai cometer alguns erros. Ao contrário do fundo do mar, onde já esgotou todas as possibilidades de primeiras vezes, aqui ela terá a chance de viver novas experiências que nunca nem imaginou serem possíveis.

Ariel admira suas pernas. Está doida para usá-las pela primeira vez

também. Então, respira fundo e tenta se levantar de novo. Empurra a cadeira e coloca seu peso sobre os pés. Infelizmente, perde o equilíbrio na mesma hora e cai.

Lashana corre para acudi-la:

— Oh, minha nossa! — Ariel sorri, agradecida, conforme Lashana a ajuda a se levantar, amparando a maior parte do peso da garota. — Deixe-me levá-la lá para cima, vamos lhe dar um banho e achar algumas roupas para você.

É um processo lento com as pernas bambas de Ariel, e Lashana está praticamente a carregando, mas, para a ex-sereia, subir as escadas é mais uma experiência nova e empolgante.

De um dos caixotes levados para a cozinha, Sebastião espia bem a tempo de ver Ariel sendo levada. Solta um suspiro. Terá de fazer absolutamente o seu melhor para ficar de olho nessa menina.

Capítulo onze

Lashana leva Ariel até um quarto de hóspedes no andar de cima e a ajuda a retirar a vela; então, coloca-a sentada em uma coisa chamada banheira, mas não lhe diz o que fazer. Enquanto sente o frio da superfície gelada em contato com a pele, a jovem nota que a tal da banheira parece um barco de porcelana. Será que precisa de água?

De repente, um balde de água quente é despejado sobre sua cabeça, e Ariel leva um susto. Não era exatamente o que imaginava. A banheira fica rapidamente cheia de água, mas mais quente do que a ex-sereia está acostumada, e ela não consegue deixar de se perguntar por que os humanos se submetem a isso. A governanta, então, afasta-se para ajudar Rosa, uma jovem criada, a preparar o resto do quarto.

— Ela não consegue falar nadica de nada? — pergunta a moça, perplexa.

— E podemos culpá-la? — responde Lashana. — Depois de tudo o que ela passou... É uma bênção não estar ainda pior.

— Ela tem um olhar tão distante.

— Um pouco de sabão e um bom banho, e ela vai ficar novinha em folha.

Ariel não sabe o que é sabão e não tem certeza de que se descreveria como confortável nesse tal de banho. Continua a examinar o cômodo e fica chocada quando seus olhos se fixam no peixe morto pintado nos azulejos da lareira. Imediatamente, relembra todos os avisos que Sebastião lhe deu, e sua empolgação lentamente começa a se dissolver em nervosismo. Onde ela se encaixa neste estranho mundo?

— Preciso que você me traga o corpete e as roupas de baixo que estão no outro quarto. Oh! — exclama Lashana. — Traga também o vestido azul.

— Vestido azul... Não me lembro de nenhum vestido azul — atina Rosa.

— O vestido azul que está em seu quarto, mocinha.

— Não, tenho certeza de que é verde.

— Bem, traga-me o vestido verde e veremos se ele é azul — suspira Lashana.

— Tudo bem... Só achei que fosse verde...

Enquanto Lashana e Rosa seguem falando sobre roupas, Ariel fecha os olhos, procurando se recompor. Desliza para baixo d'água e tenta

controlar os pensamentos acelerados. As vozes ao seu redor somem. Agora não é hora de duvidar de suas decisões. A vida no fundo do mar era solitária e desiludida. Recorda-se do quanto se sentia pequena toda vez que o pai se recusava a escutá-la. *Enquanto viver nos meus mares*, foi o que ele lhe disse. Nos mares de Tritão, era vista como jovem e tola. Não podia fazer as escolhas que achava certas. Mas agora está em terra firme. Tudo será diferente.

Ariel se levanta num rompante, sem fôlego. Jamais se sentira tão desesperada por oxigênio. De repente, ela se dá conta de que não é mais capaz de ficar debaixo d'água. Até sabia que humanos não conseguiam respirar submersos do mesmo jeito que as sereias, só não imaginava que seria uma sensação tão limitante. Talvez o mundo dos humanos não seja tão livre assim. Sente um aperto no peito com tal pensamento.

Alheia às batalhas internas de Ariel, Lashana reaparece e coloca uma estranha barrinha branca nas mãos da garota.

— Aqui está. Tem um cheiro bom, né?

Ariel leva a barrinha para perto do nariz e dá uma bela fungada. Uau, cheira bem *mesmo*! É uma fragrância adocicada com um leve toque cítrico. Deve ser isso que os humanos comem. Ela dá uma mordida e imediatamente começa a tossir e cospe. *Eca, o cheiro é muito melhor que o sabor!*

Pasma, Lashana tira o sabonete das mãos de Ariel.

— Oh, pobrezinha! Deve estar morrendo de fome! Rosa, traga algo para essa menina comer. E rápido, antes que ela tente comer a escova de banho.

— Sim, senhora — Rosa diz e sai correndo.

— Muito bem, vamos tirar esse fedor de alga de você, garota — diz Lashana, sorrindo.

Ariel fica chocada e ligeiramente ofendida com o comentário. Nunca se importou com o cheiro de algas e não acha que esteja cheirando tão mal assim. Até dá uma cheiradinha no braço enquanto Lashana está ocupada passando o sabão na escova.

A sensação de ser esfregada é esquisita, mas não inteiramente desagradável. Ariel gosta das pequeninas bolhas brancas que agora enchem a banheira. Ela percebe um brilho de divertimento nos olhos de Lashana quando pega um pouco de espuma e sopra de volta na banheira.

Assim que é considerada “perfeitamente fresca”, é hora de se vestir. E Ariel descobre que roupas humanas são bastante opressoras. Lashana e Rosa lhe apertam dentro de botas e de um corpete tão justo que, por um momento, ela nem consegue respirar. A garota acompanha tudo pelo espelho, conforme camadas e mais camadas de roupas são acrescentadas. É surreal se ver assim. Definitivamente não

era o que esperava, mas tudo bem. Pode não ser superconfortável, mas, pelo jeito, é assim que a maioria das mulheres humanas escolhe se vestir. E Ariel sente-se eufórica por estar experimentando algo novo. Também se sente pronta para ficar de pé sozinha. Em deleite, bamboleia sobre os pés.

Enquanto isso, Lashana e Rosa continuam a conversar, no maior sufoco para enfiar um vestido de um azul profundo em Ariel.

— As tempestades já passaram, mas fizeram um grande estrago — comenta Lashana.

— Oh, foram terríveis — concorda Rosa. — Espero que essa tenha sido a última.

— Nem dá para acreditar... Dois naufrágios em uma semana.

— E o príncipe Eric ainda está procurando a garota que o salvou.

A cabeça de Ariel passa pela gola, boquiaberta com a novidade. Quer dizer que Eric também a está procurando?

— Ele diz que não vai sossegar enquanto não a encontrar.

Lashana e Rosa se entreolham ao perceberem a felicidade de Ariel, o mesmo pensamento ocorrendo a ambas.

— Fique aqui! Vou chamar o príncipe. — Lashana sai correndo.

Será que ele vai reconhecê-la? Será que vai sentir a mesma conexão que ela sentiu quando o ouviu falando no navio? O que será que vai dizer? O que será que vai fazer? Mil perguntas passam pela cabeça de Ariel, e todas a fazem sorrir. A empolgação que percorre seu corpo é tanta que consegue senti-la da cabeça às pontas dos seus novos pés.



Eric conversa com Grimsby no corredor principal quando Lashana corre até ele.

— Vossa Alteza! — ela exclama, e sua expressão é um misto de hesitação e empolgação. — Acho que... Bem, não tenho certeza, mas acho que a encontramos.

Eric imediatamente entende de quem ela está falando. Um milhão de questões agitam seus pensamentos conforme Lashana lhe conta sobre a naufraga que um pescador trouxe ao castelo essa manhã, mas os detalhes podem ficar para depois. Agora, precisa vê-la com os próprios olhos.

Com um gesto, pede a Lashana que lhe mostre o caminho, e os três sobem depressa as escadas que levam até um dos quartos de hóspedes. Eric corre lá para dentro e se contém assim que entra.

Ela é linda. É o seu primeiro pensamento. A garota veste um simples vestido azul, sua pele é um de marrom cálido e os cabelos são longos e cor de cobre. Não tem certeza de que já a viu, mas ela lhe parece familiar. Os grandes olhos castanhos encontram os dele e brilham com

uma fagulha. Seria reconhecimento?

A garota sorri e tenta dizer algo, mas se interrompe de repente. Seu sorriso se desfaz e Eric entende que ela deve estar nervosa.

— Sinto muito pelo que aconteceu — ele diz. — Como se chama?

Ela não responde, somente o encara com uma pontada de frustração e impotência.

— Ela não fala, Sir — explica Lashana.

Eric não consegue esconder o desapontamento, sentindo o coração pesado ao se dar conta de que esta garota não é *quem* ele anda procurando. Sente-se meio bobo por ter deixado as expectativas crescerem tão depressa. Só pensou que... não importa. Nenhuma das tolices que lhe passam pela cabeça importa para esta garota. Ele lhe oferece um sorriso amistoso.

— Bem... Que bom que conseguiu chegar até nós. Você tem um lugar para ficar? Família? — A moça abaixa a cabeça, e Eric percebe que ela é tomada por uma grande tristeza. Deve ter perdido muito mais do que palavras são capazes de exprimir. — Olha, você é mais do que bem-vinda aqui. Pode ficar quanto tempo quiser. — Ele se dirige a Lashana: — Certifique-se de que ela receba todos os cuidados necessários.

— Sim, Alteza. — Lashana acena.

Ao se virar para sair, Eric cruza o olhar com Grimsby e faz um sinal negativo com a cabeça. Olha uma última vez para a moça antes de sair, seguido pelo primeiro-ministro.



Ao observar Eric saindo, Ariel tem certeza de que seu coração está se partindo em mil pedacinhos a cada passo que ele dá. Que tolice de sua parte achar que ele se lembraria dela tão facilmente — que só de olhar para ela sentiria uma conexão. Nem sequer a reconheceu. Pior ainda, ela notou o breve momento em que ele não conseguiu esconder sua decepção.

— Vamos deixar você descansar um pouco — diz Lashana, pousando a mão gentilmente no ombro da jovem.

Ariel tenta sorrir, agradecida, mas não está muito certa de que conseguiu. Sente seu corpo humano inteiramente bambo. Lashana e Rosa se retiram, fitando-a tristemente antes de fecharem a porta e deixarem-na sozinha, em frangalhos, assim como os tesouros que o pai tirou dela.

Por vários instantes, Ariel permanece imóvel, encarando a porta sem saber o que fazer. Os passos das mulheres ecoam à medida que se afastam, e a menina, enfim, vai até a janela. Senta-se diante dela e contempla o oceano que antes era sua casa. Maravilhou-se com o

sentimento de estar livre dos mares, mas nunca se sentiu tão perdida quanto agora.

De repente é surpreendida por uma estranha sensação no rosto. Ariel passa os dedos na bochecha e eles ficam molhados. Lágrimas. Nunca derramou lágrimas vivendo debaixo do mar. Nunca imaginou que elas seriam mornas, e, conforme escorrem por suas bochechas e alcançam o canto de seus lábios, Ariel percebe que elas têm o gosto do oceano. Sua casa. Um lugar que agora está dolorosamente distante.

Tal pensamento lhe traz ainda mais lágrimas, e sua visão fica turva. Instintivamente, cobre a boca com as mãos, embora não esteja emitindo nenhum som. Chorar é uma experiência estranha, mas captura perfeitamente o tornado de emoções que se agitam dentro de si. Como a chuva pesada em meio a uma tempestade.

Ariel seca os olhos com a manga do vestido e continua olhando para fora da janela. Só espera, do fundo do coração, que não tenha cometido um grande erro.

Capítulo doze

Demorou mais do que Sebastião gostaria, mas, enfim, conseguiu se libertar do cativeiro no caixote de peixes e agora está escalando a parede externa do castelo para chegar à beirada da janela do novo quarto de Ariel. Está exausto e mal-humorado e, assim que a encontra, desmorona.

— Este foi, sem a menor dúvida, simplesmente o dia mais humilhante da minha vida. Jogado em um caixote com um monte de peixes que se alimentam de tudo o que veem pela frente. Eu poderia ter virado picadinho! — Ele zanza frenético de um lado a outro. — E depois ter que escalar toda essa parede para chegar até aqui. Eles não podiam ter dado a você um quarto no térreo, não? Caranguejos não foram feitos para escalar! Espero que reconheça o que já passei por você, mocinha!

Sebastião fica inconformado quando Ariel se desvia dele.

— Não. Não dê as costas para mim, mocinha. No que estava pensando? Abrir mão dos seus dons de sereia? — Ele faz uma pausa para pensar. Tem que haver uma saída para isso. — Se ao menos aquela bruxa lhe devolvesse a voz, você iria para casa com todos os peixinhos normais e então seria... — Ele vê a tristeza nos olhos castanhos de Ariel e suspira: — E então seria... E então seria infeliz pelo resto da vida. Puxa, que casquinha mole eu vou acabar ficando. Está bem, está bem, eu vou ajudá-la. Mas temos de ser ousados, agir depressa. Não se esqueça do beijo...

Ariel pega Sebastião nas mãos e lhe dá um beijo.

— Ah, não, não em mim! — *Que menina mais boba.* — Você tem que beijar o príncipe.

Ariel fica pasma, e Sebastião franze o cenho:

— Não se lembra? Você só tem três dias para... — O caranguejo se interrompe ao notar que ela não parece estar ouvindo-o. Sebastião acena as pinças na frente do rosto de Ariel, que tem o olhar perdido. — Alô-ô?

A garota não reage. Simplesmente coloca Sebastião de volta na beira da janela e boceja. Por seus gestos, parece até que ela está em uma espécie de transe... Sebastião fica estarelecido ao compreender:

— Oh, não! Ela a enfeitiçou. Você *não* consegue se lembrar, consegue?

Fechando os olhos, Ariel se deita no assento diante da janela.

Sebastião está perplexo.

— E agora, o que vamos fazer?

É claro que aquela bruxa safada não ia jogar limpo. Até parece que ela quer que Ariel se saia bem. Sebastião, porém, nunca foi um caranguejo que desiste fácil. A situação só ficou mais difícil, mas não impossível.

— Não temos tempo a perder — ele diz, cheio de otimismo. É óbvio que vão conseguir, definitivamente. — Só precisamos dar um jeito de vocês dois ficarem juntos e... — Ele nota que Ariel dorme profundamente e balança a cabeça. — Você é incorrigível, menina. E sabe disso. Não tem jeito.

O dia foi longo. Sebastião decide seguir a deixa de Ariel e se permitir um momentinho para descansar os olhos. Infelizmente, mal consegue pregá-los quando é despertado por uma algazarra perto da janela. E, pelo deus do mar, é aquele pássaro maluco!

Sabidão, tendo entrado pela janela aberta, está ruidosamente se servindo da comida de uma bandeja deixada sobre uma mesinha.

— Obaaa, um buffet! Como assim? Cadê as nozes?

— O que você está fazendo aqui? — demanda Sebastião.

— Ah, aí está você! — Sabidão levanta a cabeça e sorri para ele. — Estava procurando você. Linguado me contou a história toda. Ariel já brigou com o príncipe?

— Não é brigar! É *beijar*, seu cabeça-oca! E a situação é pior do que imaginávamos. — Ele suspira, exausto, passando uma pinça sobre o rosto. — A bruxa colocou um feitiço nela. Assim que falei que ela tinha que beijar o príncipe, as palavras entraram por um ouvido e saíram pelo outro. Então agora depende de nós.

— Nós que vamos beijar o príncipe?

Sebastião solta um gemido. Por que ainda tenta?

— Deixe pra lá.

— Onde Ariel está agora? — pergunta Sabidão.

— Como assim? Ela está bem aqui... — Sebastião olha para trás e fica de queixo caído. As botas de Ariel estão no chão, mas a garota que deveria estar calçando-as não está ali.

— Oh... — Nem sabe por que ainda se surpreende. Nem quando era sereia Ariel parava quieta num lugar, imagina agora que tem um par novinho de pés para levá-la a tudo quanto é canto.

Sebastião fita a cama vazia saudosamente. Lá se vai seu merecido descanso. Hora de correr atrás de uma adolescente. De novo.



Descalça, Ariel se esgueira pelas escadas, apreciando a sensação do piso gelado contra os pés. Nem dá para acreditar no tamanho do

castelo. Quanto tempo será que levaria para explorá-lo por inteiro? Passa pelo corredor, espiando dentro dos quartos, examinando a miríade de vistas desconhecidas. Sempre soube que os tesouros encontrados nos naufrágios eram só um pequeno vislumbre de tudo o que o mundo dos humanos tinha a oferecer. Mal consegue acreditar que agora está vendo tudo com os próprios olhos.

Fica alarmada ao ouvir passos se aproximando, afinal, não sabe se pode sair vagando por aí. Passa pela porta mais próxima para se esconder e, então, espia para garantir que ninguém a viu. Quando não vê pessoa alguma, suspira aliviada e se vira para dentro do cômodo. Está em um salão de três níveis, abarrotado de objetos de diferentes tamanhos, formas e cores. Ela se lembra de sua gruta.

O espaço iluminado à meia-luz está repleto com toda sorte de tesouros coletados ao redor do mundo — conchas, espadas, instrumentos musicais e artefatos raros feitos de jade, prata e ouro. As paredes estão cobertas de mapas e prateleiras cheias de livros.

Vencida pela curiosidade, Ariel adentra o salão, deslumbrada, ardendo de vontade de examinar cada cantinho, sem nem saber por onde começar. Uma estatueta exposta em uma prateleira ali perto lhe chama a atenção. Ela pega a pequena sereia de jade, admirando-a.

Bem nesse momento, um frustrado caranguejo entra na sala.

— O que está fazendo aqui, menina? — diz Sebastião com uma careta exasperada. — Não pode sair perambulando por aí, indo aonde lhe der na telha...

Ele é interrompido pela porta do cômodo sendo aberta. A luz vaza do corredor. Ariel e Sebastião ficam assustados, vendo uma silhueta junto à porta.

— Esconda-se! — Sebastião sussurra desesperado, saindo correndo para se esconder. Ariel volta para as sombras.

— Quem está aqui? — alguém pergunta. Eric. Ariel reconheceria a voz dele em qualquer lugar. Ele passa pelo lugar onde ela está encolhida, vai até a janela e abre as cortinas. A luz do crepúsculo se derrama pelo salão, tingindo-o de um dourado alaranjado. Eric se espanta quando Ariel se revela.

— Oh — ele suspira, relaxando os ombros. — É você. Ninguém costuma vir aqui. — Ele nota a estatueta nas mãos de Ariel. — Minha pequena sereia.

Ariel pestaneja, surpresa, e só então se dá conta de que ele está falando da estátua. Ela gesticula, tentando explicar, da melhor forma que pode, que não estava tentando roubá-la e a recoloca na estante. Não quer que ele pense que ela é uma ladra.

— Está tudo bem, tudo bem — Eric lhe garante, sorrindo gentilmente. — Pode olhar. Não é linda?

Ele parece perdido em lembranças ao admirar a estatueta.

Esquecendo-se por um minuto, Ariel tenta lhe responder e Eric franze o cenho, retornando a atenção para ela:

— Ah, é... Você... — Ele toca a própria garganta para lhe indicar que compreende.

Ela baixa a cabeça. Não conseguir falar é ainda mais frustrante do que imaginou.

— Quer saber? Isso não tem importância — continua Eric. — A maior parte das pessoas por aqui fala demais e não tem nada a dizer. — Agora é ele quem pega a sereia de jade da estante. — Sabe, nunca acreditei em todo o folclore sobre sereias seduzindo marinheiros e arrastando-os para a morte.

Ariel fica radiante ao ouvir isso. Eric também acredita que há muito mais a respeito do outro mundo do que as falsidades que lhe foram contadas. Ela admira a pequena estátua com um sorriso estampado no rosto, e o príncipe percebe que Ariel gostou dela. Ele lhe estende a pequena sereia.

— Tome, é para você. — Não, não poderia aceitar. Ela balança a cabeça, recusando. — Não, de verdade. Quero que fique com ela. — Eric a coloca em sua mão. Ainda está quente de seu toque. — Já estou ficando sem espaço por aqui. — Ele pega uma esfera de metal que está no chão e a coloca na estante. — Quase todos os objetos que estão aqui são das minhas viagens. Sei que pode parecer bobagem colecionar todas essas coisas...

Se ao menos Ariel pudesse lhe dizer que não tem nada de bobo nisso. Ela se sente em casa nesse salão repleto de tesouros.

Eric repara em uma rocha do mar e pega para mostrar a Ariel.

— Veja só esta pedra marítima fossilizada. Dá para acreditar que existem tais coisas lá embaixo?

Ao observar a pedra, algo atíça a memória de Ariel. Ela pega a rocha das mãos dele e, de repente, lembra o que é. Sem hesitar, joga no chão.

— Não, espere! — grita Eric.

A rocha se parte, revelando seu interior. Lá dentro, uma delicada gema de âmbar brilha esplendorosa. Sorridente, Ariel a recolhe e entrega a Eric, observando-o examinar a gema com fascinação.

— Como sabia disso? É incrível! — Ele olha para ela e, quando seus olhos se encontram, Ariel sente um frio na barriga. É uma sensação esquisita, porém agradável.

Parece que muito tempo e tempo nenhum se passa até que Ariel consegue desviar o olhar e vai até uma série de conchas expostas, pegando uma delas.

— Ah, esta eu peguei aqui na praia da ilha mesmo.

Sebastião está escondido dentro da concha. Ariel espia lá dentro e vê a carinha dele sorrindo como se dissesse *Achou!*

— Olá, garota!

Ariel sorri de volta e rapidamente retira Sebastião de lá de dentro, colocando-o entre as demais conchas antes que Eric perceba. Então, leva a concha aos lábios e sopra. Um som grave e estrondoso ecoa pela sala.

— Não tinha ideia de que dava para fazer isso — Eric sorri, impressionado.

É empolgante vê-lo fascinado por coisas de seu mundo. Ariel estende a concha para ele.

— Eu? — A princípio, ele hesita, mas ela insiste que ele tente. — Tem certeza? Está bem... Como eu...

Ariel inclina-se para a frente, aperta bem os lábios e, então, sopra forte por entre eles. Eric observa bem de perto. Ele a imita e, logo de cara, consegue um belo de um sopro. Ele gargalha, surpreso e contente. Ariel ri em silêncio, adorando aquele momento juntos.



Eric é pego de surpresa pela estranheza de rir assim. Faz um bom tempo que não dá uma boa gargalhada. É bom demais para não aproveitar, então aproveita. Ele e a garota continuam a explorar a biblioteca, reacendendo seu fascínio pela própria coleção, agora que tem junto de si alguém que partilha dos mesmos interesses. O pôr do sol vira luar à medida que as horas passam, e logo ele e a moça estão debruçados, juntinhos, sobre uma mesa cheia de mapas. Ela aponta animada para várias porções de terra e Eric identifica os diferentes reinos e países. Pouco depois, ela indica, questionadora, uma área do mapa que tem menos marcações que o restante.

— Oh, essas são as águas inexploradas. Não seria incrível descobrir um lugar em que ninguém nunca esteve? — Eles se entreolham e, nos olhos da garota, há uma centelha que mexe com Eric. Naquele instante, sabe que ela o entende e que o chamado da aventura é tão mágico para ela quanto sempre foi para ele.

A jovem abre outro mapa e o dispõe de cabeça para baixo. Eric o vira. A ilustração de um familiar castelo jaz diante deles.

— Oh, esta é nossa ilha. Nós estamos bem aqui no castelo neste exato momento. — Ele aponta o vilarejo no mapa. — Aqui fica nossa vila principal. Aqui, nosso porto, que um dia foi o mais movimentado da região... e que eu espero que volte a ser. — Ele indica outra área do mapa. — E bem aqui há uma linda lagoa com uma pequena cachoeira, e toda essa parte é de floresta tropical.

O príncipe olha para a moça e, sem entender o porquê, sente-se meio nervoso.

— Eu poderia lhe mostrar o reino, se você quiser.

Ela o encara de volta, com os grandes olhos castanhos radiantes de alegria.

Eric lhe sorri, sentindo uma onda de alívio percorrendo todo seu corpo.

— Combinado. Vamos amanhã.

Grimsby aparece de repente à porta do salão.

— Mas, senhor...

— Oh, Grimsby! Ótimo! Precisamos de um cavalo e uma carruagem prontos para nós pela manhã.

— Posso ter uma palavrinha com o senhor, Alteza? — Grimsby se empertiga ligeiramente.

Eric percebe o tom do homem, mas escolhe manter a leveza de espírito.

À porta, fora do alcance da audição de Ariel, Grimsby fala baixinho para Eric:

— Estávamos planejando enviar todas as carruagens em uma expedição de busca pela garota — Grimsby o relembra.

— Que garota? — Eric pergunta, intrigado. — Oh! Eu me esqueci.

— Ele nem sequer pensou na sua garota misteriosa nas últimas horas.

— Sim, é claro. Devemos fazer isso, em absoluto.

— E devo lembrar-lhe, Eric — Grimsby o encara sugestivamente —, do que sua mãe disse sobre não sair do castelo até que esteja plenamente recuperado.

— Estou bem, Grimsby. Melhor do que nunca — Eric lhe garante.

— Sim... Posso ver que sim. — Grimsby olha do príncipe para a jovem donzela que, tão inesperadamente, capturou toda a atenção do jovem. — Creio que posso reservar uma carruagem, Sir.

Eric lê as segundas intenções nas palavras de Grimsby, mas esse passeio não é nada além de uma inocente aventura. Essa garota obviamente acabou de passar por maus bocados, assim como Eric. Fará bem aos dois sair um pouco do castelo. Sua prioridade ainda é encontrar a garota misteriosa, mas não há motivo para não desfrutar da companhia de uma nova amiga enquanto isso.

Capítulo treze

Tritão olha desconfiado para as filhas irrequietas. Perla, Karina e Mala trazem notícias de Ariel, mas é incomum as três demonstrarem tanto nervosismo ao mesmo tempo. Imaginou que, enquanto estivesse aborrecida, Ariel estaria mais aberta a interagir com as irmãs do que com ele.

— Então — diz Tritão, gesticulando para as filhas continuarem —, onde ela está?

O silêncio se prolonga enquanto as três sereias se remexem, ansiosas, entreolhando-se, porém mal conseguindo encarar o pai. A essa altura, Tritão sabe que há algo errado. O salão do trono parece escurecer ao redor delas.

— Não sabemos, papai — anuncia Karina com o cenho franzido.

— Ela sumiu — acrescenta Perla.

Tritão fica imóvel, tomado por um presságio agourento.

— Como assim, *ela sumiu*?

A preocupação nítida no semblante de Perla não lhe ajuda a acalmar os nervos.

— Estamos procurando há horas. Não há sinal dela em lugar algum. Ariel não está em nossas águas.

— Então procurem de novo! — ele ordena, cerrando os punhos. É só o que pode fazer para impedir sua raiva de estourar. *Uma sereia não pode simplesmente desaparecer! Ela tem de estar em algum lugar.* — Revirem todos os Sete Mares se for preciso.

Karina inclina-se na direção das irmãs:

— Ariel não ousaria ir de novo à superfície, né? — ela sussurra, mas não baixo o suficiente para Tritão não ouvir. Ele se enrijece ao ouvir tal hipótese.

— Nem pense nisso — atalha Perla, balançando a cabeça. Ariel não faria algo tão imprudente.

— Não faz o menor sentido — diz Mala. — Por que ela fugiria?

— Eu... — diz Perla com tristeza. — Eu não tenho a menor ideia.

Tritão é remoído pela culpa ao recordar a última interação que teve com Ariel. Fazia muito tempo que não a via tão magoada.

— Não importa — pigarreia, com remorso. Não é hora de se apegar às razões. — Apenas *a encontrem!*

Conforme as filhas mais velhas saem, Tritão começa a vagar impaciente ao redor da sala. A culpa é sobrepujada pela raiva e, se

permitir ir a fundo, talvez também um pouco de medo. Esfrega o rosto e, de repente, sente-se exausto. Mesmo depois de tantos anos de avisos e superproteção, todos os seus piores medos se concretizaram. O que isso diz sobre ele? A lembrança da expressão arrasada de Ariel lhe vem à mente mais uma vez. Sabe que não deveria ter se permitido dominar pela raiva. Talvez seja tudo sua culpa. Já foi forçado a dizer adeus à esposa cedo demais. Não será capaz de dizer adeus também à sua caçulinha.

Não! Irá encontrá-la. E trazê-la de volta para casa.

Capítulo catorze

Eric sente uma inesperada corrente de animação lhe percorrendo na manhã seguinte, que só aumenta conforme segue rumo à carruagem que o aguarda. Grimsby ajuda a garota a subir. Ela ainda não o viu, mas já está sorrindo entusiasmada. Eric percebe os próprios lábios se curvando para cima. Ela tem um sorriso contagiante. Dá para ver que está ansiosa para conhecer o reino.

Já faz um tempinho que Eric não explora o próprio lar, e esta excursão é o lembrete perfeito de que, de vez em quando, pode ser divertido olhar o que nos é familiar de uma perspectiva diferente.

Ouve um latido feliz e vê Max disparar escada abaixo, correndo até a carruagem. Ele sobe em uma caixa para cumprimentar a garota dentro da carruagem, que também parece extasiada em vê-lo. Na mesma hora, ela abraça o cachorro, que lhe lambe o rosto enquanto ela ri silenciosamente.

Eric sente um quentinho no coração ao testemunhar tal interação. É um sentimento que ele não sabe definir. Após um segundo, pega Max e o coloca no chão.

— Tá bom, tá bom — diz, fazendo um cafuné no cachorro e dirigindo-se à garota: — Parece que você fez um amigo aqui.

Despede-se de Max e, então, sobe na carruagem e assume as rédeas:

— Pronta?



Sebastião se esgueira por trás da porta da cozinha e espia Ariel saindo com o príncipe, sentindo o pânico tomar conta de si.

— Ah, não. Você não vai sem mim. Só me restam dois dias, e sou um caranguejo com uma missão!

Deslizando de esconderijo em esconderijo, consegue ir até a carruagem. Está quase lá quando é avistado pelo vira-lata sarnento do príncipe. Max late e vai trotando em sua direção.

— Oh, não, não, não, não! — Sebastião paralisa, aterrorizado. — Recue, besta-fera!

Vê a carruagem partindo e sai alucinado atrás dela. Escapa por pouco de ser capturado por Max antes de saltar sobre uma das rodas. Gira algumas vezes antes de se lançar para a traseira da carruagem. Nem Ariel nem Eric o veem.

— É isso aí! — Sorri consigo mesmo. A aterrissagem foi bem impressionante. — Ainda levo jeito!



Grimsby está nos portões traseiros do castelo quando Lashana aparece e junta-se a ele, concentrando-se na carruagem que se distancia.

— Quem é que está indo com Eric? — Ela se surpreende ao reconhecer a passageira. — É aquela garota que apareceu aqui ontem?

Grimsby confirma com um aceno de cabeça, sem, no entanto, desviar o olhar.

— Sim, é ela.

— A Rainha Selina não mandou Eric ficar no castelo? — pergunta a governanta, franzindo o cenho.

— Sim, mandou.

Cismada, Lashana avalia a expressão impassível de Grimsby.

— E você não estará em apuros por lhe providenciar uma carruagem?

O canto dos lábios de Grimsby se contrai ligeiramente, e o primeiro-ministro a encara com um olhar sugestivo.

— Que carruagem, Lashana?

E, assim, dá meia-volta para retornar ao castelo.

Lashana, todavia, não deixa de notar o sorriso que ele abre, respondendo com um sorriso igualmente radiante. *Oh, isso vai ser divertido!*



Eric e Ariel saem para explorar a ilha. Ariel está particularmente intrigada pelo modo como a carruagem se move. Não entende como Eric a controla simplesmente segurando um par de estranhas cordas.

O príncipe nota seu interesse e sorri, oferecendo-lhe as rédeas.

— Quer tentar? Aqui...

Ele mal termina de falar e Ariel já tomou as rédeas e lhes dá uma bela estalada, como o viu fazer no início do passeio. A carruagem dispara com tanta velocidade que faz o coração de Ariel acelerar.

— Cuidado, cuidado! — grita Eric. Ariel consegue desviar a tempo de evitar uma colisão com outras carroças na estrada.

— Desculpe! — Eric grita para um homem que ficou para trás. O vendedor com seu burrinho lhes responde com um olhar entediado. — Essa foi por pouco — suspira o príncipe, virando-se para a frente. — *Opa!* Cuidado com a... curva! — Eric geme enquanto Ariel maneja o veículo bem a tempo de escapar de uma barraca de frutas na beira da

estrada. A manobra os coloca em uma porção de terreno pedregoso, e os dois sacolejam ao longo da beira de um penhasco. Seguem adiante e Ariel consegue manter o controle da carruagem. Que sensação fantástica. Ela adorou! Olha para Eric, que a fita um pouco estupefato e um bocado impressionado.

Mais adiante, Ariel se depara com um rebanho de cabras bloqueando a estrada e freia bruscamente. Os dois dão um solavanco para a frente com a parada repentina. Ariel sente o corpo formigar com a adrenalina que lhe percorre as veias. *Que emoção!* Quem diria que um dia teria a chance de fazer algo tão empolgante quanto *dirigir*? Ela relaxa enquanto o mundo parece se acalmar ao seu redor.

No meio do caminho, as criaturas de chifres e orelhas caídas soltam balidos, indiferentes aos dois. Não parecem dispostas a saírem dali num futuro próximo. Ariel olha para Eric, que recupera o fôlego. O príncipe passa a mão pelos cabelos e dá uma risada.

— Bem... Isso foi divertido... — Eric salta cambaleando da carruagem e vai até o rebanho para tentar abrir caminho entre as cabras.

Enquanto ele se ocupa com isso, Ariel repara num mercado colorido e barulhento na vila ali perto. Parece ser ainda mais movimentado que o castelo, e é exatamente o tipo de lugar que está doida para conhecer. Seus pés a conduzem até lá com uma rapidez formidável. Não quer perder um momento sequer.

Pessoas de todas as cores trajando os mais diferentes estilos enchem as ruas de um falatório animado. Ariel se encanta com as barracas de cores vivas, os cheiros deliciosos, o redemoinho infinito de movimentação ao seu redor. Nem sabe por onde começar a apreciar tudo aquilo.

À sua direita, um homem abre uma espécie de bola marrom e peluda com um facão, exibindo-o logo em seguida:

— Coco fresco!

Ariel pisca boquiaberta. *Sabidão tinha razão! Eles odeiam mesmo os cocos!* Ela desvia de rota para evitar o assassino de cocos. Mais adiante, observa um homem retirar um peixe de um barril de água; ele é indiferente ao sofrimento da pobre criatura que se debate. Quando o peixeiro vira de costas para ela, Ariel se esgueira por ele e empurra o peixe de volta para a água.

Continua a percorrer os arredores, admirada. Um homem lhe indica sua barraca repleta de joias e bijuterias:

— Para a bela dama? — enquanto uma mulher lhe estende uma cumbuca de algo que tem um aroma divino: — Senhorita, gostaria de experimentar um pouco?

Aceitando a cumbuca com um grande sorriso, Ariel segue em frente. A vendedora de comida a chama:

— Ei, espere! Acho que vai precisar disso. — A mulher lhe entrega uma *bruguzumba*!

Ariel sabe para que isso serve! Pousa a cumbuca para enrolar a bruguzumba no cabelo e começa a fazer cachinhos. Todavia, fica sem graça quando percebe a vendedora observando-a atônita. E então nota que vários aldeões ao redor a encaram, confusos. Não sabe exatamente o que fez, mas está claro que cometeu uma gafe. Sente as bochechas queimando de vergonha, devolve a bruguzumba com delicadeza e rapidamente se perde no meio da multidão.



Eric já perdeu a garota. Está um pouco preocupado, uma vez que sente que é sua responsabilidade mantê-la em segurança, mas, acima de tudo, está entretido. Não o surpreende que um mercado vibrante como esse tenha despertado sua curiosidade. Não tem dúvidas de que ela é o tipo de pessoa que gosta de perambular sem rumo por lugares novos, explorando tudo o que eles têm a oferecer.

Acaba por encontrá-la em meio a um mar de chapéus. Sorrindo, observa o vendedor lhe mostrar um chapéu de palha.

— Um chapéu para a donzela?

Eric se achega:

— Aí está você.

As pupilas dela cintilam ao vê-lo, e a jovem sorri ao pegar o chapéu e colocar na cabeça dele.

— Não, não! — diz o vendedor, tirando o chapéu da cabeça de Eric. — Prove este aqui.

O homem se inclina para pegar outra opção, mas, ao fazer isso, a garota inocentemente pega o chapéu dele e coloca na cabeça de Eric. O vendedor olha e dá um aceno de aprovação. Eric ri e o paga rapidamente, mas, ao se virar, a menina já tinha sumido entre as tendas.

O príncipe a reencontra em uma barraca de flores e se mantém um pouco distante, aproveitando para observá-la conferindo todas as diferentes florações com imensurável deleite. Crê que jamais conheceu alguém que se encantasse tanto com coisas tão simples. É revigorante. O comerciante dá uma flor para a moça, e Eric pensa que seria adorável colocá-la nos cabelos dela. No mesmo instante, sente a face ruborizar.

Em seguida, testemunha a garota simplesmente dar uma mordida na flor e sair passeando novamente. *Peraí, ela acabou de...* Eric fica sem reação por vários minutos, incapaz de qualquer outra atitude além de encarar o lugar onde ela estava. Não consegue conter o riso. *Essa garota é muito estranha, do melhor jeito possível*, ele pensa.

Precisa dar uma corridinha para alcançá-la de novo e a encontra admirando rolos de tecidos coloridos, quando, de repente, ela para, totalmente embevecida. O príncipe lhe segue o olhar que paira sobre duas mulheres que passeiam ali perto, exibindo suas sandálias uma para a outra. Eric pega a mão da garota e a conduz até a barraca de sandálias. Durante o trajeto, finge não estar hiperalerta à sensação de ter os dedos dela entrelaçados aos seus. Com a ajuda do vendedor, ela encontra um par de sandálias de que gosta, e sua felicidade é visível nos pulinhos que dá quando Eric vai comprá-las. Puxa vida, jamais conheceu uma garota que irradia alegria em ondas tão contagiantes.

Ainda está abrindo a bolsinha de moedas e a atenção da jovem já foi capturada por outra atração. Ela lhe agarra o punho e o puxa adiante. Ele mal tem tempo de jogar uma moeda para o vendedor das sandálias. A garota o guia em meio à multidão bem para o centro da vila, onde uma banda local toca músicas típicas da ilha. Um numeroso grupo de aldeões dança ao ritmo de um grande tambor de aço. Eric se alegra em ver seu povo tão feliz e animado.

A princípio, a garota parece interessada apenas em assistir às pessoas locais dançando, mas, então, sem aviso, Eric é puxado rumo a um grupo que dança no meio da roda. Seu primeiro impulso é recusar educadamente. Adora música, mas nunca foi um bom dançarino. Quando ele era criança, Grimsby às vezes acordava com um espírito zombeteiro e ficava caçoando do jeito desengonçado de Eric.

Todavia, assim que a moça enlaça suas mãos nas dele e começa a se mexer no ritmo da música, ele sabe que não lhe recusará nada. E, para falar a verdade, está se divertindo bastante. Ela não é exatamente habilidosa, mas dança com liberdade e vigor. Eric lhe dá uma giradinha e, embora ela dê um leve tropeção, é o suficiente para deixá-los subitamente mais próximos. Uma descarga de energia percorre seus corpos enquanto eles se movimentam no mesmo compasso. Eric decide que este é um dos melhores dias que já teve em um bom tempo.



Atrás de uma barraca, um caranguejo espia Ariel e Eric dançando coladinhos. *Perfeito*, pensa Sebastião. Agora só precisa que eles se inclinem um pouco para rolar um beijinho, mas o momento passa quando os dois se afastam, subitamente envergonhados. Ainda estão dançando, mas agora mantêm um braço de distância um do outro. E não é esse tipo de atitude que vai ajudá-los a quebrar o feitiço da bruxa.

Sebastião suspira aborrecido. Seu pássaro menos favorito aterrissa ali perto e perambula para cima e para baixo à procura de restos que

lhe interessem. Sabidão se aproxima ao avistar Sebastião.

— E aí? Eles já se beijaram? — pergunta.

— Não — resmunga Sebastião. — Quando se trata de romance, esses dois são mais lerdos do que lesmas. — Essa menina tem sorte de ter Sebastião tomando conta dela. Um plano já está se desenhando em sua mente. — Hum... Vá encontrar Linguado. Temos que desencalhar essa situação, e rápido!

— Deixa comigo, chefe — diz Sabidão, alçando voo enquanto os humanos continuam dançando lá embaixo.

Capítulo quinze

Um pouco mais tarde, Eric e Ariel estão de volta à carruagem — dessa vez com Eric conduzindo. À medida que a noite cai, as estrelas começam a surgir no adorável céu tingido de um roxo-azulado.

— Eu adoro essa hora do dia — diz o príncipe. É tão bom aproveitar a paz e a calma do crepúsculo, a quietude que emerge pouco antes de o mundo mergulhar na escuridão. Sempre que percebe a mente inquieta, o que, para falar a verdade, é bem frequente, ele gosta de ir ao ar livre e assistir à lua substituir o sol vagarosamente. Todas as criaturas diurnas vão dormir enquanto as noturnas começam a sair. É um momento de novos começos.

Curioso para saber se a garota está familiarizada com a vida selvagem nativa da ilha, ele aponta para cima:

— Às vezes, dá para perceber os olhos das corujas-do-mato lá no alto das árvores...

Eric é interrompido por uma gaivota que voa rente por cima deles e lhe rouba o chapéu. O pássaro imediatamente sai voando com seu chapéu novinho.

— Ei! Volte aqui com isso! — Eric para a carruagem e percebe o olhar inquisitivo da moça. — *Isto não é uma coruja* — explica, voltando a olhar para a ameaça aérea. — *Isto é um ladrão!* Vamos! — ele grita ao pular da carruagem e sair correndo atrás da gaivota. A jovem o segue e, juntos, atravessam o mato denso que ladeia a margem de uma pequena lagoa tropical. Eric pega a mão da garota para ajudá-la a passar com cuidado pelo emaranhado de folhagem.

— Isso, por aqui. Tudo bem? Cuidado! — Eric continua de olho na gaivota, que ainda leva o seu chapéu nas garras. A criatura olha para trás, quase como se estivesse certificando-se de que eles ainda a estão seguindo. Eric faz uma cara feia: — Ei! Devolva meu chapéu!

O pássaro voa baixo e larga o chapéu de Eric dentro de um dos vários barcos a remo atracados na margem e, então, sai voando como se não os tivesse guiado em uma perseguição intensa.

— Então tá bom — Eric bufa, divertindo-se. Ele e a garota vão até o barco, o príncipe sobe nele, pega o chapéu e o recoloca na cabeça. — Não podia perder este aqui — ele diz, com um sorriso triunfante.

Pensando bem, sorriu um bocado hoje e ainda não está pronto para que esse dia termine. Olha para o barco. Eles estão em uma das lagoas mais bonitas da ilha, mesmo que tenha sido necessário um ladrão

voador para levá-los até ali. Há um barco em estado perfeito bem a seus pés. *Seria um desperdício não aproveitar*, Eric pensa. E, pela expressão da moça, percebe que ela pensa igual.



Sabidão observa Ariel e o príncipe à distância com Linguado e Sebastião a seu lado.

— Chega para lá, tira essas penas da frente, pássaro! — reclama Sebastião, dando um tapa na asa de Sabidão. — Não estou vendo nada.

— Bem, eles estão em um barco — explica Sabidão.

— Não está acontecendo nada — suspira Linguado. Os dois pombinhos continuam se olhando com sorrisos tímidos, mas ambos parecem hesitantes em tomar a iniciativa.

Sebastião resmunga, batendo as pinças impacientemente:

— Só falta um dia e eles ainda não deram nem uma bitoca!

Para a sorte de todos, Sabidão se considera uma espécie de *especialista* nas matérias do *amor* e sabe exatamente do que esta cena precisa para se desenrolar.

— Acho que isso está precisando de um estímulo romântico vocal.

Ele voa até um galho mais baixo, limpa a garganta e cantarola a plenos pulmões uma de suas melhores melodias.

— Uááá, uáá, uá, uá, uá, uá, uá.... Uááááááááááá!

— Tá bom, tá bom — Sebastião o corta rudemente. — Escutem, Ariel não pode saber que estamos ajudando. Se ela nos vir ou nos ouvir, vai ficar brava. Não, parceiros, precisamos ser discretos nesse lance. — Ele sorri, colocando seu plano em ação. — Temos de trabalhar no príncipe, usando o poder da *sugestão*.

Sabidão e Linguado seguem Sebastião pela água e nadam sorrateiramente na direção do barco, escondendo-se atrás de uma fileira de talos de bambu.

— Primeiro, temos de criar o clima — ele sussurra.

— Boa — concorda Linguado. — Hum... E como vamos fazer isso?

— Temos de misturar aos sons da natureza, para que Ariel não nos escute. — Sebastião começa a tocar ritmicamente nos talos de bambu com suas pinças. — Percussão.

Oh, que ideia brilhante, Sabidão pensa. Claramente, Sebastião também conhece um pouco da linguagem do amor. É por isso que formam o time perfeito! Sabidão pousa numa folha próxima, abaixando-a para revelar dezenas de grilos.

— Cordas — ele diz.

Linguado salta para fora da água perto de um bando de pássaros que alçam voo, farfalhando a vegetação.

— Sopros.

E Sebastião acrescenta a peça final, saltando para o barco quando ele passa pelos bambus. Ele se senta na popa, atrás de Eric e fora da visão de Ariel.

— Palavras.

Nada melhor que uma serenata para fazer alguém se apaixonar. Eric pode até não entender Sebastião, mas o caranguejo pode tentar alcançar seu subconsciente. Porque, afinal, é claro que ele quer beijar a moça.



Eric continua remando o barco através de um labirinto de trepadeiras conforme a noite fria os envolve. Ariel se estica para tocar o remo, intrigada para entender como aquelas duas peças podem controlar todo o barco.

— Quer tentar? — Eric lhe pergunta.

Ela indica que sim, sorrindo. Adora como Eric a encoraja a fazer coisas que nunca fez e como percebe com tanta facilidade quando ela está interessada em algo. Como agora, ele a traz para perto de si e, juntos, eles remam o barco.

É tão lindo à noite, pensa Ariel. Ela olha para o céu, sarapintado com mais estrelas do que ela jamais poderia contar. Nunca as viu assim. São tão brilhantes. Até parece que estão sorrindo para ela.

Eric sorri para as estrelas também.

— A noite está tão clara. Dá até para ver Órion.

Ariel inclina a cabeça. *O que é Órion?*

Como sempre, Eric parece entender as palavras que ela não diz.

— Os marinheiros usam as constelações para navegar — explica, soltando os remos e parando o barco. Então, inclina-se para trás e aponta para as estrelas, desenhando o formato das diferentes constelações e dizendo-lhe seus nomes. — Essa aqui é Órion, o caçador. Aquela é Áries, o carneiro. Ali é Cassiopeia... — Ele pausa, balançando a cabeça. — Que engraçado, eu ainda não sei o *seu* nome. Deixe-me ver... — Ele pensa por um instante, como se o nome correto fosse simplesmente surgir na sua cabeça. — É Diana?

Ariel faz que não.

— Katherine?

Ariel faz uma careta.

— Hum, não. Definitivamente não é Katherine — Eric se diverte.

De jeito nenhum ele vai adivinhar sem uma ajudinha. Pouco depois, ela tem uma ideia. Aponta para as constelações que ele descreveu.

Eric fica curioso.

— O céu? O que...?

Levando as mãos às bochechas dele, ajusta a posição de sua cabeça para redirecionar seu olhar. Em seguida, tenta desenhar o melhor que pode a constelação do carneiro.

— Áries?

Isso, bom trabalho. Ela gesticula para que ele diga mais uma vez.

O príncipe fala e ela pousa a mão sobre os lábios dele antes que Eric possa pronunciar o S no fim da palavra.

— Árie...? Ari... e? — Ela desenha a letra sobre seus lábios conforme ele diz mais uma vez. — Arie...? Ari... el?

Sim! Ela confirma balançando a cabeça, feliz.

— Ariel. — Eric sorri. — É um belo nome. Escrito nas estrelas.

Eles se olham nos olhos e, para Ariel, é uma sensação magnética, como se, naquele momento, tudo tivesse sido preparado só para eles dois. Os sons da natureza os envolvem em uma doce melodia, e, quanto mais ela olha para Eric, mais seu corpo parece se inclinar para a frente por conta própria. Ele se inclina também? Seu coração acelera, suas pálpebras começam a se fechar e...

Splash!

De repente, eles estão na água. O barco virou. *Isso é que é jogar um balde de água fria.* Os dois estão ensopados, mas o sorriso no rosto de Eric não diminui.

— Bem, acho que agora você pode dizer que fez um passeio completo na lagoa.

Ariel leva a mão aos lábios ao rir silenciosamente. Eric e ela simplesmente sorriem um para o outro por vários segundos antes de ele começar a induzi-la adiante.

— Vem. Vamos embora antes de morrermos congelados.

Deixam o barco virado para trás e chafurdam até a beira da água. Eis um final inesperado para o dia, por mais que Ariel não creia que tenha sido necessariamente ruim. Ao seguir Eric rumo à carruagem para retornarem ao castelo, Ariel não consegue parar de apreciar sua mão entrelaçada à dele. O encaixe é perfeito. Um calor gostoso lhe preenche o coração. *É...,* ela pensa, *nada mal para um dia, definitivamente.*

Capítulo dezesseis

O crustáceo e seus amigos aquáticos não eram os únicos bisbilhotando Ariel e Eric. Bem mais embaixo, Úrsula espuma de raiva. Viu tudo o que aconteceu na lagoa através de sua pérola negra e está tão zangada ao testemunhar o quanto aquela pequena sereia chegou perto de arruinar tudo que seu corpo inteiro treme. Foi por pouco. Com um de seus tentáculos, arremessa a pérola para longe. A esfera vai parar do outro lado do covil, com um baque estrondoso.

— Não entendo. Não imaginei que aquela filhota de barracuda tinha alguma chance de seduzi-lo sem sua voz. Como isso é possível?

E com o feitiço de amnésia que Úrsula acrescentou, deveria ser ainda mais difícil para Ariel fazer qualquer avanço com o príncipe. Será que ela não tinha levado em conta todos os detalhes de seu plano?

— Bem, não vamos deixar que aconteça de novo — Úrsula promete a si mesma. Felizmente, suas enguias pensam rápido. Pedro e Juca viraram o barco antes que os dois se beijassem, mas agora Úrsula sabe que não pode dar mais nenhuma sorte para o azar. Precisa agir e resolver logo essa situação.

Avança até seus armários e começa a revirar freneticamente suas poções.

— É hora de eu cuidar disso com meus próprios tentáculos. — Sente o desespero aumentando conforme procura entre seus ingredientes, espalhando-os por todo lado. — Onde está? — ladra, como se o que procura fosse se materializar diante de si. — Tem de estar em algum lugar!

Não é possível que tenha chegado tão longe e que vai morrer na praia! Sabe que traçou o plano perfeito para garantir seu sucesso e agora não consegue encontrar aquilo de que precisa?

— Não, não! — Abre outro armário. — Ninguém nunca coloca as minhas coisas de volta em seus devidos lugares! Onde está? — Joga mais objetos pelos ares, mas todos eles são *inúteis*! Não está lá. Ela grita, quase explodindo de raiva: — Não, não, nãoooo!

Já está prestes a arrancar os cabelos quando a poção que procura passa flutuando diante de si. Estende um tentáculo para alcançá-la.

— Oh, aqui está. Achei! — Um sorriso sinistro domina sua fisionomia quando pensa no que está por vir. — Aquele príncipe nem vai saber o que o atingiu. — Úrsula está farta de bancar a boazinha.

Trabalhou muito duro para permitir que um adolescente apaixonado a atrapalhe.

— Só mais um pôr do sol. E, então, farei Tritão sofrer. — A bruxa praticamente dança de satisfação só de imaginar. Será a justiça perfeita para tudo o que tem sofrido desde que foi exilada. Será que ele realmente pensou que poderia bani-la sem qualquer consequência? Bem, *azar o dele!*

Úrsula joga a poção no caldeirão.

— E ele vai se *retorcer* como uma minhoca no anzol! — Ela ri maniacamente enquanto a poção começa a ferver e brilhar.



De volta ao castelo, Eric e Ariel procuram se esgueirar pelos corredores escuros sem serem vistos. Ainda pingando de molhados, os dois carregam os sapatos nas mãos conforme se direcionam à escadaria que leva aos quartos de hóspedes. Eric sorri para a moça, que usa seu chapéu.

— Estão todos dormindo. Melhor não fazermos barulho... — ele sussurra, mas é interrompido pela voz da mãe, vindo do fim do corredor.

— ... em seu quarto o dia inteiro? Não o vi nem uma vez sequer.

O príncipe avista a mãe e Grimsby se aproximando. E a mãe lhe disse — bem mais de uma vez — que ele não tinha permissão para sair do castelo. Uma simples olhadela em suas roupas encharcadas e veria instantaneamente que ele não lhe deu ouvidos. Aflito, puxa Ariel para um cantinho escuro, fora de vista. Não deixa de ser meio bobo esconder-se assim da mãe, como se fosse uma criança novamente, tentando não ser pego depois de desobedecer às suas ordens. Claro que quer evitar a bronca inevitável, mas, acima de tudo, detesta ver o quanto ela fica magoada toda vez que ele age contra seus desejos.

Então, é isso, melhor se esconder no cantinho. Eric percebe que Ariel o encara com uma expressão de divertimento, mas entra no jogo. Os dois estão quase colados, prendendo a respiração e sorrindo enquanto a rainha e o primeiro-ministro continuam conversando.

— Creio que ele está repousando em seus aposentos — diz Grimsby. E Eric agradece aos céus pela lealdade do mentor, que lhe dá toda cobertura.

— Ele está me evitando?

— Não, Vossa Majestade.

— Não? — ela repete, aparentemente surpresa.

— Não.

Pausa.

— Não?

Eric ouve a descrença na voz da mãe.

— Não — insiste Grimsby, com certa impaciência.

— Você parece ter bastante certeza.

— Evitando a própria mãe? Não é do feitio de Eric, não concorda?

Na verdade, é totalmente do feitio dele. Eric tem se tornado cada vez mais indisponível à medida que a mãe fala mais e mais em assumir a responsabilidade e preparar-se para se tornar rei.

— Então cadê ele? — pergunta a rainha, bufando. — Não vai me dizer que saiu à procura daquela garota fantasiosa?

Grimsby e Selina passam pelo canto onde os jovens estão escondidos e Eric vislumbra a expressão de seu mentor quando ele olha para baixo e vê pegadas molhadas. *Oops.*

— Não, Vossa Majestade. *Isso* eu posso lhe garantir.

— Bem, então celebremos as pequenas vitórias. — A rainha dá mais um passo e quase escorrega em uma poça. Ainda bem, Grimsby a segura a tempo. — Temos um vazamento? — ela pergunta, amparada pelo primeiro-ministro.

Grimsby pigarreia.

— Talvez Vossa Majestade também deva aproveitar para descansar um pouco.

— Sim — concorda a rainha. — Creio que sim... Boa noite, Grimsby.

— Boa noite, Madame.

Ambos seguem em frente, e suas vozes vão ficando mais fracas conforme se distanciam.

— Peço desculpas por isso. Eu não deveria ter saído do castelo hoje. Mas estou feliz que saí — Eric assegura para Ariel. — Todas essas regras... — Só de pensar nisso, sente recair o desconforto de um fardo enorme sobre as costas e, de repente, tem uma vontade doida de se abrir com Ariel, tomado pela certeza de que ela o entenderá. — A verdade é que eu não nasci para tudo isso e sempre me senti meio inquieto...

— Bem-vindo de volta, Sir. — Grimsby reaparece subitamente e Eric e Ariel levam um susto.

— Oh, Grimsby. — Eric cautelosamente guia Ariel para fora do esconderijo.

— Espero que vocês dois tenham desfrutado de um agradável passeio.

Eric sorri ao se lembrar da dança e do inesperado mergulho na lagoa. Nunca teria imaginado que o dia seria repleto de tantas risadas e espontaneidade.

— E como desfrutamos — responde, olhando para Ariel em busca de confirmação. — Não é? — Ariel faz que sim e Eric conclui: — Sim, foi muito bom.

Grimsby se dirige a Ariel:

— Você teve um longo dia, senhorita. Imagino que queira dormir um pouco. — Olha para a poça de água ao redor dos pés dos jovens. — E, quem sabe, também se secar.

— Oh... — Eric esfrega a nuca e dá uma risadinha nervosa. — Pegamos um barco para dar uma voltinha na lagoa e ele acabou virando.

Ariel abre um sorriso glorioso para os dois homens antes de seguir rumo à escadaria. No meio do caminho, faz uma pausa e retorna. Tira o chapéu de Eric e o coloca na cabeça dele.

— Boa noite... Ariel. — Ele sorri, ficando com as bochechas coradas.

A moça inclina a cabeça, feliz, ao som de seu nome nos lábios dele. Eric adora a sensação de, finalmente, poder dizê-lo. Parte de si quer somente repetir, sem parar. *Ariel*.

Ariel despede-se uma última vez antes de ir para o quarto.

Eric não desvia os olhos enquanto ela se afasta lentamente. Ele quase se esquece de que Grimsby está bem ali, ao seu lado, até que o homem começa a falar.

— Sobre a expedição das carruagens, Sir... Receio que não encontramos a garota misteriosa.

Por um instante, Eric não entende do que ele está falando.

— Elas não... oh! — É claro. Como pôde se esquecer de sua garota misteriosa?

— Permita-me perguntar, então. Devemos continuar com a busca?

Eric nota a expressão de Grimsby.

— Oh, Grimsby, eu... hum... eu... me sinto meio...

— Confuso? — Grimsby dá um sorrisinho maroto. — Se quiser o conselho de um velho, *permita-se* sentir-se assim. Nada causa mais ilusão e confusão que o coração.

— Mas, então... — Eric pestaneja.

— Então não se detenha pelo que acha que *deveria* ser. Pense apenas no que é. Boa noite, Sir.

Com isso, Grimsby se retira, deixando Eric ponderar suas palavras. Em vez de ir para o quarto, o príncipe acaba indo para a praia onde foi salvo pela garota misteriosa. Contempla o oceano, na esperança de que as ondas possam lhe enviar algum sinal sobre o que deve fazer. Sempre sentiu o chamado do mar. É parte de sua história. E tem a impressão de que algo a respeito de quem o salvou está conectado a ela. Olha de volta para o castelo, onde Ariel está, e pensa nesses dois últimos dias em sua companhia. Ela chegou tão inesperadamente, mas ele já sente como se sempre a tivesse conhecido. Talvez sua história esteja pronta para um novo capítulo.

Eric toma uma decisão e volta correndo para o castelo, para encontrar Ariel. Está subindo a trilha quando um estranho som lhe chama a atenção. Para e olha para trás, na direção do oceano.

Uma densa neblina cobre a enseada. Uma voz familiar ecoa de algum lugar ao longo da costa. Eric paralisa, reconhecendo a melodia que o assombrou nos últimos dias. Movendo-se quase por vontade própria, seus pés o levam de volta à praia rochosa. Ouve a canção, perturbadora, encantadora, mas não vê ninguém. Estaria sendo torturado pela própria mente? Não sabe dizer se o som é real ou um produto de sua imaginação. Então, a neblina se dissipa e ele fica em choque. Sentada nas rochas mais abaixo, uma jovem cujos traços estão ocultos pela escuridão.

Capítulo dezessete

Na manhã seguinte, Sabidão voa para o quarto de Ariel. Suas penas estão eriçadas por causa do que ouviu durante seu voo matinal ao redor do castelo. Chacoalha a cabeça indignado ao dar de cara com Ariel e Sebastião ainda dormindo. *Como esses dois conseguem dormir quando o lugar está pegando fogo com essa fofoca tão quente?* O príncipe vai se casar.

Sabidão lhes dá um safanão para acordá-los e compartilhar as novidades. Ariel mal consegue conter a empolgação enquanto se veste correndo e sai desembestada do quarto. A gaivota se aconchega bem pertinho de Sebastião e sorri para ele. O caranguejo revira os olhos.

— Sabidão, você está perto demais.



Ariel dispara escadas abaixo para encontrar Eric. Será que ele está mesmo pensando em se casar com ela? Sabia que Eric também nutria sentimentos por ela! Sentiu frio na barriga quando ele guiou suas mãos no passeio de barco e um calor toda vez que seus olhos se encontravam e ele parecia saber exatamente o que ela estava pensando. Ariel finalmente sabe o que é estar apaixonada.

Ao se aproximar da sala de jantar, avista Eric do lado de fora, no terraço. Para, todavia, ao perceber que ele não está sozinho. Nesse exato momento, ele apresenta à rainha uma mulher de cabelos escuros, que Ariel nunca viu. *Vanessa*, é como ele a chama. Ela se posta atrás de um pilar para ouvir a conversa.

— Devo admitir que eu estava enganada — diz a rainha. — Minha nossa, que notícia maravilhosa, não é, Grimsby? Parece que você encontrou a garota dos seus sonhos, afinal de contas.

Um calafrio gélido cresce no peito de Ariel. *A garota dos seus sonhos?* Mas não deveria ser ela? Não se lembra de Eric ter mencionado outra moça para ela.

Grimsby concorda, embora não consiga esconder a incerteza em sua voz:

— Sim, é mesmo uma surpresa, Eric.

— O quê? — Eric se empertiga, sem jeito. — Oh, eu sei. — Tem algo estranho em seu tom de voz, mas Ariel não sabe dizer exatamente o quê. — Sei que é rápido, mas devo minha vida a ela.

Ariel franze o cenho, completamente perdida. Deve sua vida a ela? Mas foi Ariel quem o salvou do naufrágio.

— E nós celebraremos! — anuncia a rainha. — Hoje à tarde. Apresentaremos sua prometida à corte. Creio que conseguimos organizar tudo a tempo, não é mesmo, Grimsby?

Ao menos Grimsby parece tão perplexo quanto Ariel se sente.

— Sim, se é isso mesmo que você quer, Eric.

O príncipe parece ligeiramente distraído.

— O que eu... quero?

Somente então Ariel é atingida pela magnitude da situação. Eric quer outro alguém, que não é ela. Como pode o amor se transformar em uma dor tão excruciante em questão de segundos? A única certeza que lhe resta é que não pode ficar ali nem mais um minuto. Sai correndo, com a visão embaçada pelas lágrimas, na esperança de que suas pernas possam levá-la para longe, bem longe dali.



Vanessa não consegue evitar o malicioso sorriso de triunfo, embora tente não dar muita bandeira para não levantar suspeitas. De braços dados com o príncipe, ela aperta o enlace quando ele começa a parecer um pouco indeciso.

— É o que nós dois queremos — Vanessa lhes garante. E é verdade. Ela até pode ter recorrido a uma pequena assistência para fazer o príncipe embarcar em seu plano, mas todas as peças estão se encaixando exatamente como Vanessa quer.

Enquanto prosseguem discutindo os detalhes, ela pega a concha de náutilo pendurada em seu pescoço. Ninguém nota o brilho delicado, tampouco desconfiam de que a voz melodiosa de Ariel está presa ali dentro.



Pela milionésima vez em sua vida, Sebastião está surtando. Quando Ariel saiu do quarto pela manhã, Sebastião estava cheio de esperanças. Agora é fim de tarde, e já faz várias horas que não a vê. Linguado, Sabidão e ele passaram o dia vasculhando todos os cantos em que conseguiram pensar, mas, ao que tudo indica, a garota desapareceu. Será sua sina viver perseguindo essa menina?

Sebastião transpira preocupação, andando de um lado a outro no cais abaixo do castelo.

— Oh, Ariel! Menina, onde você se meteu?

Ele se empertiga quando Sabidão aterrissa ali perto.

— Algum sinal dela?

Por favor, diga que a encontrou!

Mas, ai dele, Sabidão diz que não.

— Estamos sem sorte. Sobrevoei o vilarejo três vezes.

— Chequem o castelo mais uma vez! — Sebastião dá as ordens. Não podem desistir. — Precisamos encontrá-la.

— Entendido! — diz Sabidão ao levantar voo.

— O que há de errado com esse príncipe tolo para achar que está apaixonado por outra? — Sebastião suspira. Depois de todo o trabalho que teve para aproximar os dois... Sabe que o príncipe estava se apaixonando por Ariel. Sebastião viu como ele a fitava com olhos sonhadores durante todo o passeio de barco. É impossível que, do nada, ele simplesmente tenha decidido se casar com outra moça. Algo está errado.

Um pouco mais distante, Linguado coloca a cabeça para fora d'água e acena uma barbatana.

— Sebastião! Venha aqui!

— Sim, estou indo, estou indo. O que foi?

— Acho que sei onde Ariel está.

— E o que estamos esperando? Vamos! — diz Sebastião, já pulando na água.



Ariel está sentada na rocha de onde viu Eric na praia pela primeira vez. Encara o próprio reflexo e pensa que a garota encarando-a de volta é tão... ingênua? Na verdade, ela só parece triste. Ariel é avassalada pela emoção. Pensou que a jornada ao mundo humano preencheria aquela parte de si de que sempre sentiu falta, agora, no entanto, está começando a sentir que não pertence a nenhum dos dois mundos. Abriu mão de tanto para estar ali com ele... E, agora, o que fará?

Fita a pequena sereia de jade que Eric lhe deu. A figura escorrega por seus dedos e cai no mar. Ela a observa afundar, afundar, afundar...

Poucos momentos depois, Sebastião sobe na rocha, colocando-se ao lado dela.

— O que está fazendo, criança? Não pode desistir tão facilmente. Você não é assim.

Mas Ariel só balança a cabeça. Por que continuar lutando? Humanos não são os bárbaros que seu pai pensa que são, mas Tritão talvez tivesse razão em um ponto. Talvez seja impossível para ela realmente ser parte do mundo deles.



Sabidão sobrevoa o castelo, ainda procurando Ariel. Ao passar por uma torre na ala norte, quase para ao escutar uma voz familiar. Surpreso, ele procura ao redor:

— Ariel?

Pousa no parapeito dos aposentos de convidados reais. Ariel não está ali, mas algo sobre uma mesa no meio do quarto lhe chama a atenção. Um colar de concha brilhante... e está... cantando? É a voz de Ariel; Sabidão tem certeza.

Vanessa sai de trás de um biombo, pega o colar e o coloca no pescoço. Subitamente, a voz de Ariel está saindo de sua boca.

— *Lá di dá, dá dá dá...* — canta Vanessa, indo para a frente de uma penteadeira. Pega uma escova de cabelo e a arremessa contra um vaso, que se estilhaça. Impassível, Vanessa gira e se deixa cair sobre um divã.

— Até logo, Ruiva!

Conforme Vanessa se curva sobre o divã para se olhar no espelho, Sabidão tem um vislumbre do reflexo e se retrai. Para seu horror absoluto, vê Úrsula, a bruxa do mar!

— Oh, não! — engasga Sabidão. Deveria ter sacado que essa bruxa nefária estava por trás disso tudo. Sem perder tempo, sai voando atrás dos outros. Precisam dar um jeito de derrotar Úrsula de uma vez por todas.

Capítulo dezoito

O sol paira baixo no céu, quase tocando o mar no horizonte. Ariel está sentada na rocha com Sebastião ao seu lado, e Linguado os observa tristemente da água abaixo.

— Isso só pode ser algum mal-entendido — diz o caranguejo. — Eu vi vocês dois juntos. Foram feitos um para o outro.

Jamais viu Ariel conectar-se tão facilmente com qualquer outra criatura ou ser marítimo do jeito que se conectou com o Príncipe Eric nos últimos dias, e isso mesmo incapaz de falar! Tem consciência de que, não faz muito tempo, estava cantando sobre a vida no fundo do mar, tentando convencê-la de que não havia nada de bom no mundo humano. Admite que estava errado. Ela realmente encontrou algo especial. Não pode permitir que abra mão disso agora.

Ariel, no entanto, simplesmente balança a cabeça. Seus olhos parecem gritar *Não vou!* Ah, essa garota sempre foi teimosa demais para seu próprio bem.

Antes que Sebastião possa dizer qualquer outra palavra, Sabidão faz um rasante ao lado deles, quase sucumbindo de exaustão.

— Aí está você — ele diz, ofegante. — Eu estava procurando você... e pensei que a tivesse encontrado, porque eu a *ouvi*... mas, então, eu vi e não era *você*, era *ela*... mas *não era*... no espelho. Só que ela... ela tinha a sua *voz*!

— Do que está falando? — grita Sebastião. Por que esse pássaro nunca vai direto ao ponto?

Sabidão fala bem na cara dele:

— Está ouvindo o que eu estou contando?

— Não.

— O príncipe foi enganado! Aquela moça que apareceu aqui, na verdade, é a bruxa do mar disfarçada.

Ariel o encara, com os lábios entreabertos de choque. Sua expressão reflete exatamente os sentimentos de Sebastião.

— Tem certeza disso? — ele confirma. Quase não quer que seja verdade, mas, ao menos, significa que o príncipe não se apaixonou por outra pessoa.

Sabidão grasna, ligeiramente ofendido por ser posto em dúvida.

— Mas é claro que tenho certeza. Já errei alguma vez? — Ele mesmo inclina a cabeça e franze o cenho. — Quer dizer, tipo, quando é realmente importante?

— E o que vamos fazer? — pergunta Linguado, nadando nervoso.

— Ora, temos de fazer alguma coisa antes que o Príncipe Eric acabe com aquela... polva pegajosa! — diz Sebastião.

Com isso, Ariel mergulha no oceano e começa a nadar na direção do castelo. *Finalmente!* Sebastião sabia que ela não havia se entregado totalmente.

— É! É isso aí, garota! Linguado, vá contar ao rei o que está acontecendo. Ele precisa saber de tudo. — Tritão decerto ficará furioso com Sebastião por ter escondido tudo isso dele, mas agora não é hora de se preocupar com isso. Se tem alguém poderoso o bastante para deter Úrsula, definitivamente esse alguém é o rei dos mares, e Sebastião tem o pressentimento de que vai precisar de toda ajuda que puder conseguir.

— Pode deixar. — Linguado aceita sua missão e mergulha no mar.

— O-o-o que que eu faço? — gagueja Sabidão.

— Me dê uma carona até o castelo. Temos de dar um jeito de atrapalhar esse noivado — diz Sebastião, ao que Sabidão concorda, determinado. Ele tampouco protesta quando o pássaro o agarra com o bico. Não têm um minuto a perder. Sabidão levanta voo. Eles têm um noivado para impedir.



A festa de noivado corre de vento em popa. A atmosfera é preenchida por uma linda música de harpa, enquanto as pessoas socializam. Grimsby está com Lashana, observando, de longe, Vanessa conversar com vários membros da corte.

— Heroísmo é uma palavra muito forte... — Eles a ouvem dizer. — Mas creio que, sim, *salvei* Eric. Afinal, é o que qualquer um teria feito.

Lashana se inclina para sussurrar no ouvido de Grimsby:

— Difícil acreditar que ele se apaixonaria por isso aí.

Vanessa é linda, sem dúvida, mas sua personalidade... Bem, Lashana tem certeza de que jamais conheceu alguém capaz de se gabar tanto em uma só frase.

— Tem algo errado nessa história toda — concorda Grimsby.

Eric pode ser impulsivo, mas tem agido diferente desde que essa mulher apareceu. Grimsby encara Vanessa, cheio de suspeitas. Definitivamente, algo não cheira bem em relação a essa jovem.

O príncipe entra no salão de baile e segue na direção de Grimsby. Lashana se afasta quando Eric se aproxima. Uma expressão levemente atormentada dá o ar da graça no semblante do jovem príncipe.

— Alteza.

— Você viu Ariel? — Eric pergunta.

Grimsby pigarreia.

— De acordo com os criados, ela foi embora do castelo hoje de manhã.

— Foi embora? — O jovem parece devastado.

— E podemos culpá-la? Eu não entendo você, Eric. Você não é assim.

Embora jamais admitiria em voz alta, Grimsby estava torcendo por Eric e Ariel. Ultimamente, o príncipe mais parecia um fantasma perambulando pelo castelo, até que essa garota Ariel apareceu. E Grimsby viu que ela iluminou Eric de um jeito que nenhuma garota misteriosa poderia — muito menos alguém como Vanessa.

— Nem eu mesmo me entendo. Eu só queria... eu pensei que...

— Eric! — a rainha o chama do outro lado do salão.

— Não sei exatamente o que eu queria... — ele suspira e sai cabisbaixo.



Sabidão voa para o terraço carregando Sebastião no bico. Eles já conseguem ouvir os ruídos da festa de noivado.

— Quase lá! — exclama Sebastião. — Agora, ao meu sinal, você me solta. Entendeu?

Claro que ele entendeu! Sabidão é mestre nesse tipo de plano.

— Entendi! — ele abre o bico para falar.

— Não, seu idiota! — grita Sebastião enquanto cai num poço fora do terraço. Sabidão olha para baixo, confuso. Por que ele caiu assim? Será que tinha perdido o sinal? Sabidão acha que foi Sebastião que errou feio na deixa. Ele nem estava tão perto assim do terraço.

— Acho que estou por conta própria — diz Sabidão, dando de ombros. Ainda bem que ele é bom em improvisar. Aquela bruxa nem vai saber o que a atingiu.



Eric se coloca ao lado da rainha, que lhe mostra um lenço. Ela o desdobra, revelando um anel de safira. A gema o faz se lembrar da primeira pedra marítima que coletou, o que imediatamente o faz pensar em Ariel e na pedra que ela estilhaçou na biblioteca. Sente um aperto no peito. *Não pense nela*, diz a si mesmo. *Ela foi embora*.

Alheia à incerteza que consome o filho, Selina lhe oferece a joia com um sorriso amoroso:

— Meu querido, esta aliança pertenceu à minha mãe. Quero que fique com ela. Sua felicidade é tudo para mim.

Eric sente a pressão ficar ainda mais intensa. *Felicidade é isto?* Ele se pergunta. Seus sentimentos parecem estranhamente emudecidos

agora.

Ambos veem Vanessa se aproximando. A rainha dá um beijo no filho antes de se retirar:

— Divirta-se!

Vanessa chega perto de Eric e solta um gemido impressionado ao reparar no anel:

— Oh, Eric! Que lindo!

Max saltita até os dois. Vanessa se arrepia, fazendo uma careta que é um misto de terror e irritação.

— Tire essa coisa de perto de mim!

Eric fica completamente chocado com a reação dela. Bem, nem todo mundo gosta de cachorros. Então, ele puxa Max pela coleira.

— Lashana! Você pode levar Max, por favor? — O cachorro não quer se afastar de Eric, e ele faz um carinho nas orelhas do amigo para acalmá-lo. — Está tudo bem. Bom garoto! Vamos.

Lashana acolhe Max e o leva para fora do salão, enquanto Eric pergunta a Vanessa:

— Você está bem?

Ela dá um meio sorriso, que não chega a seus olhos.

— Sim, tudo bem.

Nesse mesmo instante, uma gaivota ataca Eric e ele derruba o anel, que sai quicando e some em meio aos pés dos convidados. Aflito por ter perdido a aliança da avó nem mesmo cinco minutos após tê-la herdado, Eric começa a abrir espaço entre as pessoas para procurá-la.

— O anel! O anel! Eu o perdi... Alguém viu o anel?

Grimsby percebe que o anel foi parar perto de seu pé. Certificando-se rapidamente de que ninguém está vendo, ele o chuta, de forma discreta, para o meio da multidão. A gaivota dá outro rasante, agora para cima de Vanessa. Eric se lembra do pássaro que roubou seu chapéu no dia anterior. Não é possível que seja o mesmo pássaro, né? O animal grasna e bate as asas na cara de Vanessa.

— Saia de cima de mim, seu pássaro imundo! — guincha a moça. Lashana aproveita o momento para soltar Max, que avança em Vanessa. Ela pula na fonte e começa a gritar: — Socorro! Estou sendo atacada.

Eric vai ajudar Vanessa, mas, então, vê mais alguém entrando no salão. Por um momento, o mundo parece parar. É Ariel! Ela voltou! Não pensa duas vezes antes de correr até ela.

— Ariel! Eu a procurei por toda...

Ela, entretanto, passa reto por ele e vai direto até Vanessa, que se debate espantando a gaivota. Ariel puxa a moça e a vira, para que possa encará-la.

— O que está fazendo? — Vanessa vocifera, roxa de raiva.

Ariel agarra o colar de concha e puxa Vanessa para baixo ao tentar

arrancá-lo. As duas começam um embate.

— Tire-a de cima de mim! Ela é maluca! — grita Vanessa.

Atrás das duas, Grimsby segura Eric, que tenta se desvencilhar inutilmente. Confusos, os convidados assistem a tudo. Ariel consegue arrancar o colar do pescoço de Vanessa, que perde o equilíbrio e cai. Ariel permanece em pé e joga a concha no chão, estilhaçando-a.

A música emerge. Todos observam, encantados, a bruma dourada que se eleva da concha quebrada e flutua até a garganta de Ariel, devolvendo a voz à sua dona de direito. Espantada, Ariel canta a última nota.

— Ariel! — Eric a fita, embasbacado.

— Sim.

É a primeira vez que a escuta falar. Embora, olhando em retrospecto, parece tão óbvio que fosse ela o tempo todo.

— Eu deveria ter percebido. — Eric corre até ela. — Não sei o que deu em mim.

— Ela o enfeitiçou — explica Ariel, olhando torto para Vanessa.

— Eric, afaste-se dela! — grita Vanessa, porém não mais com a bela voz de Ariel e, sim, com a voz amargurada e grave da bruxa do mar.

— Eric — continua Ariel, focada no príncipe. — Quero que você saiba de tudo.

Mas Eric balança a cabeça:

— Nada disso importa agora.

O príncipe se inclina para beijá-la. Atrás deles, o sol se põe no horizonte.

— Não! — grita Vanessa.

Então, quando os lábios dos dois estão prestes a se tocar, os últimos raios de sol desaparecem no poente.

Capítulo dezenove

Eric se assusta quando Ariel se enrijece e solta um gemido de dor. Sem entender, ele segue o olhar dela e vê suas pernas sendo envoltas por fiapos de uma névoa esverdeada. *Mas que diabos?*

Ele fica completamente estarecido ao ver as pernas dela se fundirem. Ariel começa a escorregar para o chão, e Eric se adianta para segurá-la junto de si. Quando olha para baixo novamente, uma grande e lustrosa cauda de sereia tomou o lugar de suas pernas. Com exceção da risada histérica de Vanessa, o silêncio é cortante.

— Ariel... — Eric começa, mas não sabe exatamente o que dizer a seguir. Quer falar algo que a tranquilize. Imagina que ela deva estar com medo. São tantas emoções em conflito dentro de si que nem consegue encontrar as palavras adequadas. Choque, acima de tudo, certa medida de confusão e, sendo bem honesto, também uma pitada de empolgação. O mundo submarino — ao que tudo indica, o mundo de Ariel — sempre despertou seu interesse. Vê-la assim, bem na sua frente, é surreal.

Não é surpresa alguma, porém, que os demais presentes não compartilhem de seus sentimentos. Atrás de Eric, a rainha recua, horrorizada:

— Oh, meu Deus! Ela é uma *criatura marítima!*

Ao ouvir as palavras da rainha, Ariel acovarda-se, baixando a cabeça de humilhação. Eric sente uma vontade intensa de pegá-la no colo e levá-la para longe de todos os olhares alarmados.

— Agora é tarde! — A risada cacarejante de Vanessa fica cada vez mais frenética.

Grimsby, a rainha e todos os convidados gritam de terror quando o belo corpo humano de Vanessa assume a desconcertante forma híbrida de polvo da bruxa do mar. Ela joga a cabeça para trás, em uma gargalhada maníaca.

— É tarde demais!

Soltando seus vários tentáculos, a bruxa ataca os convidados da festa, que saem correndo, aos berros, tentando escapar do raio de seu alcance. Tal qual uma aranha, Úrsula rasteja na direção de Ariel.

Sem hesitar, Eric se coloca na frente para protegê-la.

— Fique longe! — ele grita, soando muito mais corajoso de como de fato se sente.

Sem o menor esforço, a bruxa o golpeia e o joga para longe com um

de seus tentáculos.

— Eric! — grita Ariel, em pânico.

Eric, no entanto, nem registra a dor. Tudo o que sente é um arrepio frio de terror ao testemunhar a bruxa pulando no oceano, levando Ariel consigo. Ele corre até a balaustrada do terraço, seguido pela rainha, que lhe agarra pelo braço.

— Eric, não! Isso é obra dos deuses do mar. Eu avisei a você, o mundo deles é maléfico!

O príncipe se solta das mãos maternas, sem dar ouvidos ao que ela diz. Não importa que Ariel seja uma sereia. Eles têm uma conexão, algo que nunca imaginou ser possível. De jeito nenhum permitirá que uma mulher-polvo tresloucada machuque Ariel.

— Eric, espere! — a mãe o chama, mas ele desce os degraus em disparada, rumo à água. Precisa encontrar Ariel. A rainha continua correndo atrás dele, chamando o filho, até que é detida por Grimsby.

— Deixe-o ir, Vossa Majestade. Deixe-o ir.



A noite começa a cair à medida que Úrsula arrasta Ariel para o fundo do oceano. A sereia luta o tempo todo, mas sua força física não é páreo para a bruxa. Pedro e Juca seguem em seu encalço.

— O que está fazendo? — pergunta Ariel, ainda se debatendo — Solte-me.

— Sem chance! Fizemos um acordo, lembra? Três dias e nada de beijo. — Um sorriso pingando sarcasmo toma conta do rosto de Úrsula. — Está se lembrando agora?

Ariel para de resistir quando a memória lhe retorna subitamente. Três dias para conseguir um beijo de amor verdadeiro. E se falhar? *Você pertencerá a mim*, Úrsula havia lhe dito. Ariel se lembra de ter ficado receosa, hesitante, quando Úrsula lhe ofereceu o acordo em meio a um punhado de promessas e palavras bonitas. *Sabia* que não era uma boa ideia, mas seu julgamento estava nublado pela mágoa e pelo coração partido. Ela se entregou de bandeja a Úrsula ao assinar aquele contrato.

Como pude ser tão tola?

Úrsula ri ao ver o entendimento estampado no semblante de Ariel.

— Foi o que pensei. Bem, agora você terá de viver com o peso de suas escolhas, lindinha.

Ao continuarem descendo, Ariel perde seu vestido, que rasga ao se agarrar a um pedaço de coral e sai flutuando, levado pela cadência da correnteza. A sereia pensa no quanto chegou perto de um sonho que nem sequer imaginava. Ela foi humana. Encontrou alguém que despertou em si os sentimentos mais lindos. Estava a segundos de ter

seu primeiro beijo.

E, agora, testemunha tudo isso se desfazer em bolhas.



O sangue de Tritão ferve.

Assim que Linguado entra na sala do trono contando a mais absurda das histórias, o rei imediatamente sente o pavor tomar conta de si. Linguado nem tinha terminado seu relato e Tritão já disparara oceano afora atrás da filha, morrendo de medo do estado em que a encontraria.

Ao cruzar os destroços de vários naufrágios, avista Ariel perto de uma encosta rochosa. Seus olhos ficam vermelhos de fúria quando vê os tentáculos pegajosos de Úrsula sobre a filha.

— Úrsula — ele ruge, e tudo ao redor estremece. A bruxa paralisa conforme Tritão surge por trás da encosta com Linguado ao seu lado. Úrsula olha para ele, mas não libera o aperto em sua filha. Tritão aponta o tridente para ela ameaçadoramente, fulminando-a com o olhar. — Solte-a.

— Esqueça. Ela pertence a *mim* agora — Úrsula brada.

Tritão está possesso. Úrsula já tirou tanto de sua vida. Contudo, embora não tenha conseguido proteger a esposa, não permitirá que ela machuque sua filha.

Um raio de seu tridente ricocheteia de um campo de energia, servindo de escudo para Úrsula e Ariel. Linguado dispara atrás de abrigo.

Úrsula agarra a cauda de Ariel com um de seus tentáculos e mostra a Tritão a cicatriz onde está faltando uma das escamas.

— Oh, está vendo? Fizemos um pacto... de *sangue*! O contrato não pode ser anulado... nem mesmo por você!

Ele quer negar, berrar para Úrsula parar com essas falsidades. Exceto que a prova está bem ali na sua frente. Sua filha está amarrada, e não há nada que ele possa fazer.

O rosto de Ariel se contorce de pesar quando ela deixa escapar um soluço engasgado:

— Eu sinto muito, papai! Isso é tudo minha culpa.

Mas Tritão sabe quem é o verdadeiro culpado.

— O que você quer com a minha filha?

— Oh, nada! — Sorri Úrsula. — É você que eu quero. E quero que você sofra do mesmo jeito que eu sofri todos esses anos.

— Minha esposa morreu por sua causa! — diz Tritão com a voz quebrando em emoção crua. Ele não se surpreende, mas se enfurece ao constatar que, mesmo agora, ela não demonstra o mínimo pesar.

— Oh, tadinho! E você acha isso doloroso? — Úrsula nada ao redor

de Tritão e fala por trás de seu ombro, olhando para Ariel: — A filha do grande rei dos mares é um bem muito precioso. Pobre coração infeliz...

Ariel sai nadando, em uma tentativa de escapar. Úrsula gesticula para Pedro e Juca:

— Peguem-na, meninos!

As enguias disparam atrás dela e nadam em círculos ao redor da sereia. Fagulhas elétricas estalam de seus corpos. Rosnando, Tritão vai socorrer a filha, pronto para torcer o pescoço dessas enguias se elas machucarem Ariel.

— Oh, eu não me atreveria. — Úrsula levanta um braço para interrompê-lo, e os dois assistem a Ariel ser envolvida por um vórtex elétrico. — Chocante, não acha?

Para seu horror, Tritão testemunha a filha murchar, a energia vital sendo sugada de si. Seu mundo inteiro para. Não pode assistir à filha sofrendo. É como se a própria vida estivesse sendo sugada.

— Mas, é claro, sempre fui uma pessoa disposta a negociar — continua Úrsula, indo até Ariel. — O que acha de uma troca? Quanto a sua preciosa Ariel vale?

Quando se trata da filha mais nova, Tritão nem sempre soube qual era a maneira mais acertada de agir. Bateram de frente incontáveis vezes. Mas sabe que prometeu a si mesmo que jamais veria sua garotinha ser machucada novamente. Olha para o tridente em sua mão. Ele não significa nada comparado com a vida de sua filha. O rei dos mares suspira, derrotado. Levanta o tridente e o joga para Úrsula, abrindo mão de seu poder para salvar Ariel.

— Rá! — Úrsula exclama com avidez quando o tridente cai em suas mãos. — Agora é meu!

As enguias liberam Ariel, e Tritão sente uma onda de alívio ao ver a filha retornar ao normal. Dura pouco, no entanto. As enguias partem para cima de Tritão, encurralando-o com seu vórtex elétrico.

— Não! Oh, não! — grita Ariel.

Úrsula solta uma gargalhada retumbante à medida que Tritão começa a murchar.

O rei tomba para trás, arrastado para o fundo da encosta, sua coroa passa boiando por Linguado, caindo na plataforma marítima.

— Papai! — grita Ariel.

Úrsula recupera a coroa do rei dos mares com um de seus tentáculos.

— Finalmente!

A risada da bruxa ressoa escandalosamente, mas, à medida que ela coloca a coroa em sua cabeça, o oceano inteiro cai em um silêncio profundo. É como se todos soubessem que uma tragédia acabou de acontecer.



Ariel se sente completamente desorientada ao ver o pai desaparecer, como se o leito marítimo tivesse sumido debaixo dela. Ninguém no fundo do mar deveria ser mais poderoso que Tritão. E agora ele foi reduzido a uma casca de concha só para protegê-la.

A sereia finalmente apreende a verdade dos avisos de seu pai sobre Úrsula. Cerrando os punhos de raiva, ela avança furiosa em Úrsula.

— Sua... Sua *monstra*!

Sem o menor esforço, a bruxa do mar arremessa Ariel para longe e aponta o tridente reluzente para ela.

— Não brinque comigo, não, mocinha! Você não pode comigo...

Ambas são surpreendidas quando a bruxa é interrompida por um arpão que passa de raspão por seu ombro. Úrsula grita de dor. Ariel olha para trás e vê Eric prendendo a respiração debaixo d'água, pairando a poucos metros de distância das duas.

O que ele está fazendo aqui? Embora uma pequena parte de Ariel esteja radiante por Eric se importar o bastante para vir atrás dela, essa parte é dominada pela compreensão de que não há lugar mais perigoso para ele estar agora. *Saia daqui*, ela pensa.

Úrsula fulmina Eric com o olhar, rangendo os dentes de forma ameaçadora.

— Você vai pagar por isso! — A bruxa aponta para ele, dando um sinal de ataque às suas enguias. — Atrás dele!

Eric nada de volta à superfície o mais rápido que consegue com os capangas pegajosos de Úrsula em seu encalço. O príncipe emerge e alcança a lateral de seu barco para pegar outro arpão, mas é puxado para baixo d'água praticamente no mesmo instante.

Um grito se aloja na garganta de Ariel ao ver Pedro e Juca agarrados aos tornozelos de Eric e puxando-o cada vez mais para o fundo.

O tridente começa a brilhar na mão de Úrsula, e ela o aponta para o príncipe.

— Diga adeus ao seu namorado!

— Não!

Mas Ariel não permitirá que Úrsula machuque mais ninguém que ela ama. Lançando-se adiante, dá um empurrão na bruxa. O poderoso raio do tridente é redirecionado, atingindo Pedro e Juca. As enguias são imediatamente desintegradas. Ariel se permite um segundo de alívio conforme Eric nada de volta para a superfície.

— Meninos! Meus pobres queridinhos! — Úrsula lamenta. O desespero se reflete brevemente em seu rosto conforme ela encara o espaço vazio onde antes estavam seus lacaios. Seu luto, no entanto, rapidamente se transforma em raiva.

Ariel dispara atrás de Eric, sabendo que Úrsula ainda não terminou com eles. Quando emergem, ondas gigantes arrebatam violentamente ao redor dos dois, ainda piores do que as que Ariel viu na noite do naufrágio. O céu está escuro e coberto de nuvens sinistras. Uma terrível tempestade está se formando.

— Eric, você tem que ir embora daqui — Ariel o adverte. — Ela vai matá-lo! — Ariel se lembra do medo que sentiu ao vê-lo se ferir na noite do naufrágio, apenas alguns dias atrás. E mal o conhecia na ocasião. Perdê-lo agora? Desse jeito? Depois de tudo o que passou, Ariel crê que jamais se recuperaria.

Eric, entretanto, prova ser tão teimoso quanto ela:

— Não, eu não vou deixar você — ele insiste. Ariel sente um misto de alegria e frustração.

Um trovão ribomba com estrondo, e o mar inteiro começa a se revirar. Eric e Ariel são surpreendidos quando algo pontiagudo atravessa a superfície da água entre eles. A sereia sente um nó nas entranhas ao constatar que é a coroa de Úrsula. As ondas estremecem com violência conforme a bruxa se eleva, crescendo, gigantesca, sobre as águas. Ariel e Eric estão no alto da cabeça dela. A risada malévola ecoa por todos os cantos.

— Me dê sua mão — Eric diz a ela. — Agora!

Os dois mergulham no mar, agora bem abaixo deles. Úrsula empunha o tridente reluzente e paira sobre o casal, tal e qual um monstro que só poderia ter saído dos piores tipos de pesadelos. Ela bate seus tentáculos na água, criando ondas colossais.

— Cuidado! — grita Ariel.

Um dos tentáculos quase os atinge, batendo na água com estrondo e separando-os. Úrsula gira o tridente acima de si, criando uma turbulenta tempestade. O céu escuro crepita com relâmpagos que iluminam o mundo com um brilho tétrico. Trombas d'água começam a cair. As gotas pesadas acertam, dolorosas, a pele de Ariel. O mar revoltado ameaça engolir tudo à vista.

E Úrsula comanda tudo como uma rainha do caos. Sua voz retumba como trovão:

— Agora eu governo os mares, e ninguém pode com o meu poder!

Ariel grita quando Eric é tragado por uma imensa onda, enquanto a bruxa paira, ameaçadora, sobre ela.

— Tanto esforço por um amor verdadeiro! — Úrsula escarnece, enfiando a extremidade dentada do tridente no oceano e mexendo até formar um redemoinho gigante. Ela se regozija quando navios naufragados apodrecidos emergem das profundezas, girando no redemoinho diante de si.

Ariel procura freneticamente entre os destroços, até avistar o navio que tem um mastro quebrado com uma extremidade afiada e

pontiaguda. Já tramando um plano, nada até ele. Enquanto isso, Úrsula está concentrada em Eric, que é arrastado pela correnteza. Ele consegue se agarrar aos cordames de um navio enroscados em uma pedra e se segura ali, empalidecendo ao olhar para cima e ver o sorriso perverso da bruxa.

— Adeus, jovem namorado! — Úrsula aponta o tridente para Eric e dispara um raio através dos destroços de naufrágios. O raio acerta a maior parte da rocha, mas Eric ainda consegue se segurar ao que restou do cordame.

De repente, o navio naufragado com mastro pontiagudo se eleva na água, e Ariel está no convés. Ela se agarra ao navio com todas as suas forças enquanto a tempestade o chacoalha impiedosamente. A sereia avista a bruxa e sente um ódio vicioso lhe queimar o peito. Úrsula causou a morte de sua mãe. Enganou e usou Ariel para machucar seu pai. Apoderou-se de um tridente que não lhe pertence e está usando seu poder para devastar o lar de Ariel. A sereia não deixará a bruxa do mar sair vitoriosa. Ela reúne toda sua raiva e sua frustração, utilizando-as como combustível para sua determinação. Então, começa a rastejar pelo convés.

Úrsula ergue o tridente sobre Eric e estilhaça o restante da rocha à qual ele se agarrava. A fúria de Ariel se inflama quando ela o vê cair. Finalmente, conseguindo alcançar o leme do navio, ela junta todas as suas forças e o vira, colocando-o bem na direção da bruxa do mar. Úrsula arregala os olhos quando a ponta afiada do mastro quebrado atravessa seu coração. A bruxa se curva para a frente, gritando de dor. O impacto da colisão joga Ariel para o outro lado do convés. Ela se agarra à amurada do navio e se puxa para cima, dando de cara com a mão enorme de Úrsula vindo para cima dela. Ariel mergulha bem a tempo. Úrsula, então, agarra a popa do navio e cai de costas no mar, afundando e arrastando consigo o navio naufragado para as profundezas do oceano.

Um silêncio estarrecedor começa a assentar.

Ariel reemerge. A chuva diminui lentamente, e, em meio à garoa, ela vê que o turbulento redemoinho enfraquece e respira aliviada ao ver que Eric sobreviveu e está em segurança sobre parte dos destroços que estão flutuando. Olha para baixo e vê algo brilhando. O tridente retornou ao tamanho normal e reluz conforme cai nas águas.

Ariel olha brevemente para Eric, devastada, antes de mergulhar atrás do tridente.

Capítulo vinte

O tridente cai no leito marinho apenas um segundo antes de Ariel alcançá-lo. Há um tremor e, de repente, a areia é revirada do solo. Ariel observa atônita o pai ressurgir diante de si, usando a coroa, restaurado à sua antiga glória. Ela sente um enorme peso sendo retirado de seus ombros. O pai está um pouco abatido e cansado, mas está ali e inteiro.

Tritão também relaxa completamente ao ver Ariel. Encara a filha com gratidão raiando em seus olhos. Ariel é quem deveria estar grata, no entanto. Acha que nunca se sentiu tão feliz na vida por ver o pai.

Ela pega o tridente.

— Você deu sua vida por mim — ela diz, entregando-o ao pai. Nunca duvidou do amor dele por ela, mas, considerando todos os desentendimentos que tiveram, é bom ter um lembrete poderoso de que ele faria qualquer coisa por ela.

— E você lutou para conseguir minha vida de volta — Tritão sorri orgulhoso para a filha ao pegar o tridente de volta.

— Eu não lutei sozinha, pai. Eric estava comigo e...

Mas ele não a deixa terminar.

— Tudo o que importa agora é que você está em segurança e em casa, onde pertence.

Ariel murcha, assolada pela resignação. Mesmo depois de tudo, o pai ainda se agarra aos preconceitos. Derrotou Úrsula e, no entanto, é ela quem se sente derrotada.



Exausto, Eric se arrasta para a margem. Enquanto se coloca de pé lentamente, vê que a maré trouxe o vestido de Ariel até a praia, e o pânico toma conta dele. *E se ela não estiver bem? E se precisar de mim?*

De repente, vê-se cercado por uma pequena multidão: Grimsby, a rainha, Lashana e várias outras pessoas do castelo. Todos comentam, aliviados, sobre seu bem-estar e tentam levá-lo de volta ao castelo, mas Eric se desvencilha e cambaleia de volta para a água. Ariel precisa dele.

Grimsby corre atrás dele e agarra seu braço.

— Sir, por favor...

Eric se recusa a ouvir e se solta mais uma vez.

— Precisamos de um barco, Grimsby. Precisamos encontrá-la.

— E então o quê? — a mãe o chama. Eric paralisa ao ouvir as palavras dela. A rainha vai até ele e coloca a mão no ombro do filho. Ela não o encara com o cansaço e a exasperação que ele esperaria que tal conversa traria. Sua expressão revela gentileza e empatia, e, curiosamente, é quase pior assim. — E então o quê, meu amor? — ela repete.

Eric balança a cabeça. O que espera? É impossível para os dois ficarem juntos agora. Estão presos em mundos diferentes. E amor não basta para mudar isso.

— Você está certa — ele diz, com os ombros caídos, derrotado. — Eu perseguia uma garota fantasiosa.

— Não, Eric. — A mãe lhe dá um apertãozinho carinhoso no ombro. — Eu estava errada. — Eric queria conseguir sorrir. Em outros tempos, teria adorado ouvir a mãe admitir que estava errada sobre o que quer que fosse, mas, agora, só se sente letárgico. A mãe prossegue, com suavidade e franqueza: — Ela era bem real. Agora eu entendo. Assim como os seus sentimentos por ela. É só que... era assim que tinha de terminar. Nunca foi a sina de nossos mundos ficarem juntos.

Eric concorda após um momento. Apesar da dor que lhe parte o coração, precisa aceitar as coisas como elas são. Então, ele se vira e lidera o caminho de volta para o castelo.



Tritão gosta de pensar que é um bom rei. Pelo menos, espera que seja. Sempre trabalhou arduamente para garantir o bem-estar e a segurança do povo do mar e de todas as criaturas marítimas. Lembra-se de quando se tornou rei, bem mais jovem do que é hoje. Ficava em dúvida a respeito de cada decisão que tomava. Sem a orientação de seus pais, como deveria governar a completude dos Sete Mares?

A falecida esposa sempre soube como manter suas barbatanas no chão quando a incerteza era demais. Sem ela por perto, trabalhou duro para provar que podia ser o rei e o pai de que todos precisavam.

Agora, ele está sentado sozinho na sala do trono, contemplando os últimos dias. A filha está de volta, então tudo deveria estar bem. Exceto pelo fato de que Ariel mal disse uma palavra desde que retornou ao mar. E não parece ser por raiva ou frustração, é mais uma aura de tristeza que a envolve, quase palpável, que ele percebe toda vez que está perto dela. Tritão tenta compreendê-la, e a impressão é de que tem uma grande pedra sobre o peito.

Chama Sebastião. O caranguejo tem se dedicado a ficar de olho em Ariel desde que tudo isso começou. Se tem alguém que pode ajudá-lo a entender, esse alguém é ele.

Sebastião entra na sala do trono:

— Sim, Majestade?

Tritão olha para a frente enquanto fala.

— Eu sempre tentei fazer o que é melhor para nosso povo.

— Sim, Vossa Majestade — concorda Sebastião.

— E o melhor para minhas filhas.

— De fato, Majestade.

— E fiz tudo o que estava em meu poder para fazê-la feliz.

— Bem... — Sebastião hesita por alguns segundos. — Nem tudo. —

Tritão fica calado, aguardando a resposta que sabe que está por vir. — Creio que Vossa Majestade precisa ver com os próprios olhos para entender.

E não é este justamente o xis da questão? Tritão sempre fez tudo o que estava ao seu alcance para proteger a filha mais nova, mas compreendê-la sempre foi um desafio.

Quer tentar, no entanto, e, por isso, permite que Sebastião o guie até a superfície. Pela primeira vez em anos, o Rei Tritão emerge do mar. Ele contempla o céu azul, as nuvens rarefeitas. Faz muito tempo desde a última vez que vislumbrou o mundo humano.

Sebastião sobe em uma rocha ali perto.

— Não é tão ruim aqui em cima, não acha? — ele diz baixinho.

Avistam Ariel ao longe, sentada em sua própria rocha, olhando nostalgicamente para a praia. Ela está de costas, alheia à presença deles. Parte-lhe o coração ver a filha assim. Sempre amou o quanto ela é parecida com a mãe. Ama, sobretudo, como as duas têm o mesmo sorriso. Sorriso esse que já não vê há algum tempo. É duro admitir, mas ele sabe o porquê.

— Ariel quer uma vida diferente da que planejei para ela.

Sebastião concorda.

— Ela bem que tentou lhe dizer, Vossa Majestade.

É verdade, ela tentou. Só de pensar em deixá-la ir embora, sente a ansiedade tomando conta de si.

— Não poderei mais protegê-la.

— Bem, é como eu sempre digo: os jovens devem ser livres para viverem as próprias vidas.

Tritão arqueia as sobrancelhas, encarando o caranguejo com divertimento:

— Oh, você sempre diz isso?

Sebastião sorri, meio sem jeito:

— É... algo assim.

O rei dos mares observa Ariel e solta um suspiro. Ela é tão parecida com a mãe, mas também é ela mesma, mais forte do que ele imaginava. Tritão sabe o que tem de fazer.

— Bem — ele suspira —, então eu acho que só me resta um

problema.

— E qual seria, Vossa Majestade?

— A falta que eu vou sentir da minha caçulinha.

Tritão ergue o tridente e o repousa sobre a superfície do mar. Ele emite um brilho mágico dourado, que viaja pelas águas na direção de Ariel. Este é seu presente para sua filha. Quer que ela saiba que, no fim, nada é mais importante para ele do que a felicidade dela.

Há um momento em que ela se vira e seus olhos se encontram. A surpresa irradia no rosto dela. Ele se permite confiar que Ariel ficará bem. A alegria da filha basta para saber que tomou a decisão certa.



Eric está sentado nos degraus do terraço, perdido em pensamentos. Já faz algum tempo que anda assim, compenetrado. Max se aproxima com um graveto na boca, animado para continuar a brincadeira da qual o humano participa distraidamente.

— De novo? — Eric pega o graveto e o joga para cima, na direção dos degraus que levam ao terraço. Max sai correndo, latindo com empolgação. Demora alguns instantes para o príncipe perceber que o cachorro ficou subitamente silencioso. Confere ao redor, mas o cão ainda não retornou. — Max?

Olha brevemente para trás e dá de cara com o rosto sorridente de Ariel, que está no alto dos degraus, usando o mesmo vestido da praia e com Max arfando alegremente ao seu lado.

O príncipe não desperdiça nem mais um momento. Sobe os degraus correndo e toma Ariel em seus braços, deleitando-se com a sensação. Ela é real. E está aqui. Ele chega mais perto e os dois trocam um beijo apaixonado. Um sentimento de certeza, de plenitude, toma conta de Eric.

Nesse momento, sabe que está exatamente onde deveria estar.

Epílogo

Poucas semanas depois, Ariel e Eric descem correndo a trilha cheia de pedrinhas que os leva à praia, saudados pelas vivas e pelas pétalas de flores que aldeões e membros da corte jogam no ar.

— O que é tudo isso, Grims? — pergunta Eric.

— A rainha queria que vocês tivessem uma despedida apropriada — explica Grimsby, conduzindo-os até a Rainha Selina, que os aguarda acompanhada de Lashana e Rosa.

— Obrigada, Vossa Majestade — diz Ariel.

A rainha pega a mão dela, roçando os dedos no anel de sua mãe, que agora Ariel usa.

— Sou eu quem agradece. E, por mais que eu deteste despedidas, ainda temos motivos para celebrar. — Ela também pega a mão de Eric. — Nossos mundos se desentenderam por tempo demais. O laço de vocês marca um novo começo para nós.

Ariel gosta do que ouve.

— Sim, um recomeço.

— Aprendemos muito com a jovem que chegou até nós incapaz de falar — diz Grimsby. Ariel lhe responde com um sorriso caloroso.

Eric dá um abraço apertado na rainha:

— Não é um adeus, mãe. É só um até logo.

— Oh, eu sei! — Ela solta o abraço. — Agora, saiam já daqui e vão lá mudar o mundo... Ou o que quer que vocês tenham em mente pra que não fiquemos para trás.

— Nem parece minha mãe falando — diz Eric olhando para Grimsby com uma expressão de divertimento. — O que você fez com ela?

Todos riem. A rainha balança a cabeça, gesticulando:

— Agora xô, xô.

De mãos dadas, o casal começa a ir para a praia.

— Já decidiram para onde irão primeiro? — pergunta Lashana antes que eles saiam.

Ariel e Eric se entreolham.

— Águas inexploradas — responde Ariel, e, com isso, os dois saem correndo.

— Não será fácil para eles — diz a Rainha Selina com os olhos marejados de alegria ao observá-los partindo.

— Mas eles terão um ao outro — Grimsby lhe assegura, e a rainha

concorda.

— Uma sereia e um humano. Quem diria?

De fato, quem diria?



Eles chegam à praia onde um pequeno barco amarrado à margem os aguarda para levá-los ao grande navio em alto-mar, de onde zarparão rumo às águas inexploradas. Conforme Eric desamarra o bote, Ariel vê Sebastião, Sabidão e Linguado assistindo a tudo de uma rocha ali perto. Ela vai até eles e diz:

— Ora, ora, vejam só quem está aqui.

— Trouxemos algo para você, Ariel — diz Sabidão. — On-on-onde está?

— Você está sentado em cima, pássaro — Sebastião o empurra de lado, revelando a sereia de jade que Ariel tinha derrubado no oceano.

— Minha pequena sereia! — Ariel estende a mão para pegá-la, mas se interrompe. — Na verdade, fiquem com ela por mim. Espero que ela cause menos problemas do que eu.

— Eu estava certo sobre a bruguzumba, né? — pergunta Sabidão.

Ariel ri, mas lhe assegura:

— Sim, Sabidão, você estava.

— Você não vai ficar muito tempo longe, né, Ariel? — pergunta Linguado.

— Claro que não. Estarei de volta para a próxima Lua de Coral.

— Sim, mas vê se não se atrasa desta vez — previne Sebastião.

Ariel sorri. Provavelmente vai acabar chegando em cima da hora.

Eric se aproxima de Ariel, que olha para o mar com um ar de tristeza.

— Você está pronta?

Ariel hesita um instante antes de responder:

— Sim. Estou, sim.

Ela a ajuda a subir no barco e começam a remar, passando pelas pessoas que vieram se despedir e lhes desejar uma boa viagem, indo na direção do navio que os aguarda. Quando Eric para de repente, Ariel se vira para trás e, para sua surpresa, vê o pai emergindo na superfície das águas. Tritão olha para a filha caçula e Ariel vê que ele está radiante de orgulho. Espantada, vê as irmãs aparecendo atrás de Tritão, seguidas por dezenas e dezenas de seres do povo do mar de todos os Sete Mares. Todos vieram se despedir de Ariel. Ela sente um quentinho no coração. Os dois mundos estão, enfim, unidos.

Tritão se move até a beirada do barco, chegando pertinho de Ariel:

— Minha menina... — Então, dirige-se ao príncipe ao lado dela: — Eric.

O príncipe acena em resposta. Ariel sorri para o pai com a mais profunda gratidão:

— Obrigada por me ouvir.

— Você não deveria ter tido que abrir mão de sua voz para ser ouvida. Mas estou escutando agora. E sempre estarei aqui para você. *Todos* nós estaremos.

Ariel abraça o pai, que a acolhe com braços fortes e seguros.

— Amo você, papai — ela sussurra.

Ele finalmente a deixa partir e, com um sorriso emocionado, empurra o barco, criando uma grande onda que os propela gentilmente sobre as águas até o navio que os aguarda. Enquanto todos ao redor continuam acenando alegremente, Ariel pensa que, afinal, encontrou a conexão que sempre procurou. E é muito melhor do que ela jamais poderia ter imaginado.

Agora, Eric e ela zarpam rumo a uma nova aventura. E, embora não tenha a menor ideia de onde essa jornada os levará, Ariel não está nem um pouco amedrontada. Com a família e os amigos ao seu lado, tanto os novos quanto os antigos, ela sabe que tudo é possível. E o que poderia ser mais empolgante?



Ariel é uma sereia que sonha em viver em terra firme.



Um dia, Ariel salva o Príncipe Eric de uma tempestade em alto-mar.



Ariel faz um pacto com a bruxa do mar e troca sua voz por um feitiço que a transforma em humana. Em terra, ela é levada ao castelo do príncipe.



No castelo, o príncipe discute com a mãe por alimentar esperanças de encontrar a garota que o salvou do naufrágio.



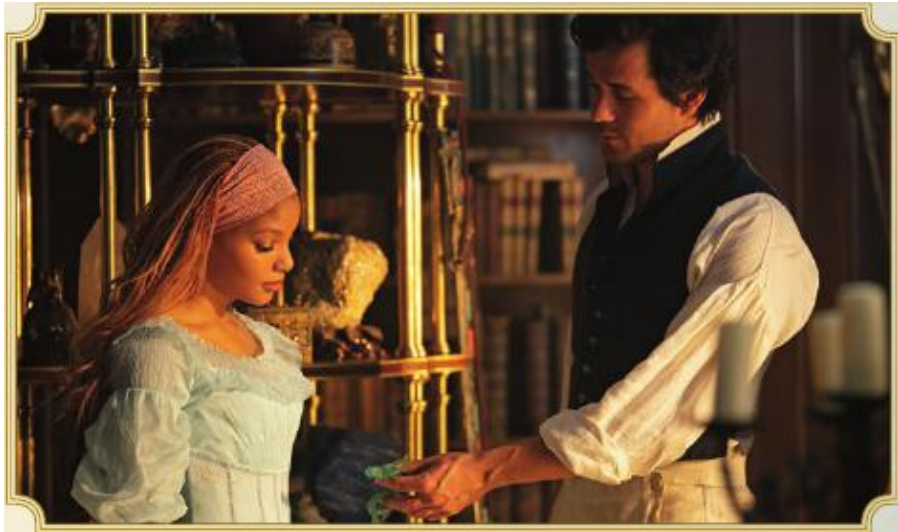
Triste por não ter mais sua voz, Ariel explora o castelo com suas novas pernas.



Ariel encontra um salão repleto de objetos humanos — e se lembra de sua gruta!



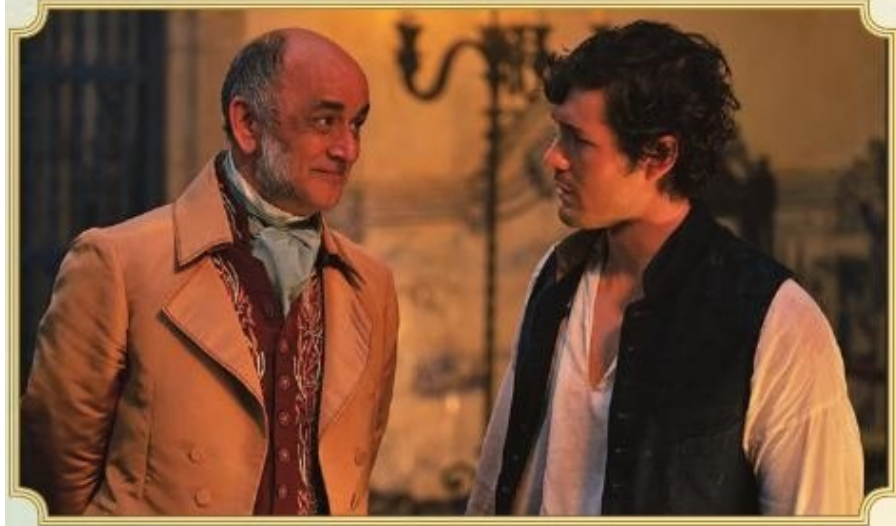
O cômodo pertence ao Príncipe Eric e está cheio de artefatos que ele coleciona.



Eric dá uma sereia de jade a Ariel.



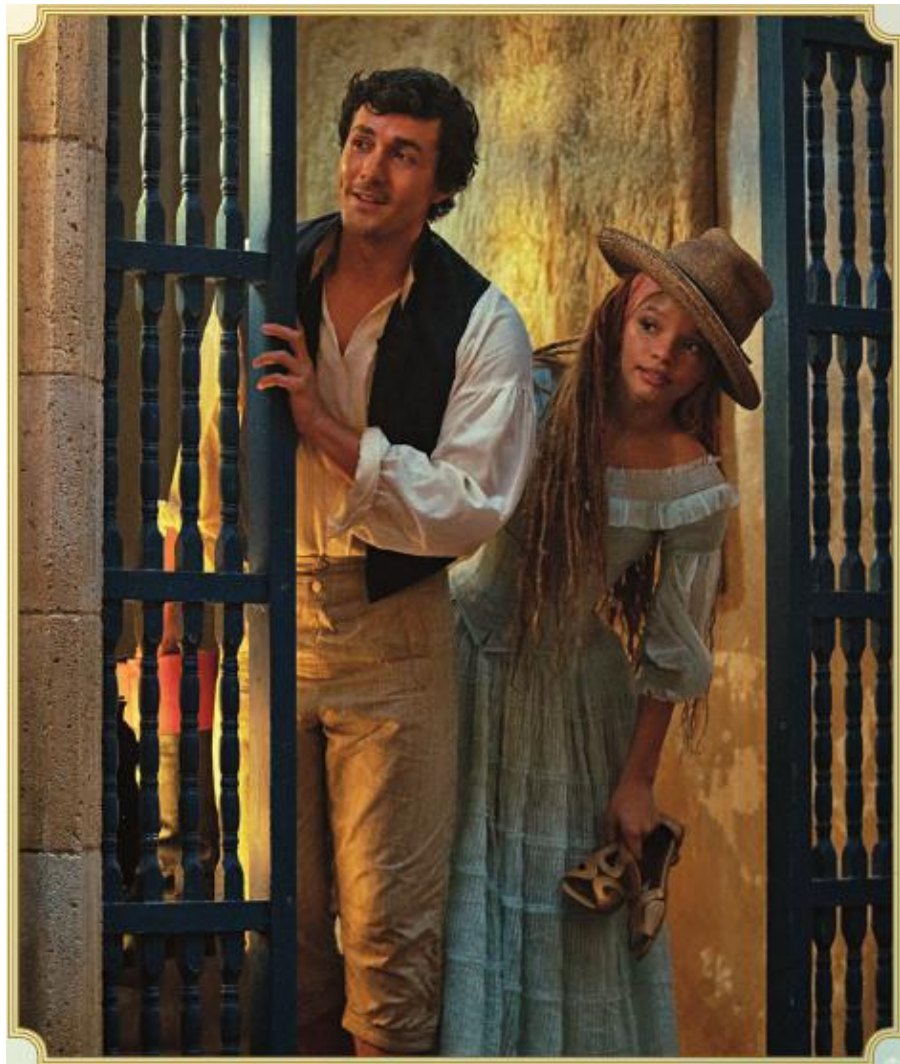
Eric e Ariel estudam mapas dos mais diferentes lugares do mundo.



Grimsby, o primeiro-ministro, questiona se a chegada de Ariel fez Eric deixar de lado a ideia de encontrar a garota misteriosa que o salvou.



Ariel e Eric vão ao mercado do vilarejo.



Ariel e Eric voltam tarde do mercado e, quando chegam ao castelo, escondem-se da rainha e de Grimsby.



A bruxa do mar se disfarça de Vanessa e planeja se casar com o príncipe.



Ariel quebra o feitiço e, ao recuperar sua voz, Eric se dá conta de que foi ela quem o salvou.